BRITO CAMACHO

JORNADAS

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

JORNADAS

Do AUTOR:

A propaganda (esgotado)
Dois crimes (esgotado)
D. Carlos intimo (esgotado)
Impressões de viagem (2.ª edição, esgotado)
Por ahi fóra (esgotado)
Ao de leve (esgotado)
Longe da vista (2.ª edição)
Nas horas calmas
Gente rustica (2.ª edição no prelo)
A caminho d'Africa
Os amores de Latino Coelho
Terra de lendas
Quadros alemtejanos
Pretos e brancos
Jornadas

A entrar no prelo:

Moçambique — Problemas coloniaes
Na brecha

BRITO CAMACHO

JORNADAS

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Traz-os-Montes

O portuguez já adquiriu o habito de viajar no estrangeiro, mas ainda não se habituou a viajar em sua casa. Todavia os escassos noventa mil quilometros quadrados que formam a superficie de Portugal, no continente europeu, mal servido de estradas e pobre de caminhos de ferro, percorrem-se em alguns dias, sem cansaço de maior.

Estarei em erro?

E' possivel; mas quer-me parecer que a nossa gente, pouco raciocinadora e muito sentimental, se conhecesse bem a sua terra, havia de querer-lhe muito, intensificando o seu vago patriotismo até ser uma paixão dominadora, capaz de todos os heroismos, a *ideia* que norteia o espirito, o *afecto* que substancialisa o caracter.

Pois se ele é tão lindo, o nosso torrão natal!

Chegam a fazer-nos dó esses *snobs* que todos os anos vão por ahi fóra, a caminho da Suissa, da Italia, da França ou da Inglaterra, fartos de

ver os grandes lagos, os extensos vales, as montanhas que topetam as nuvens, tudo miudamente apontado e descripto no Baedeker, que é a Biblia infalivel de todos os parvos que viajam. A freira de Beja, que era uma especie de Santa Tereza em deliquios de sensualidade carnal, tinha grande pena do seu ingrato cavalleiro, o futil senhor de Chamilly—*nem tu sabes o thesouro que perdeste, a felicidade de que te privaste!*

Deixam para traz das costas os mais lindos trechos da Natureza, sob a cupula do mais lindo céu, e vão embasbacar em cada ano á borda do mesmo lago, na encosta da mesma serra, espraiando d'ali a vista pela extensão do mesmo vale. Ha os Teatros e os Museus, bem sei, todo o luxo d'uma civilisação *raffinée*, e todos os comodos, que para alguns são necessidades, da vida moderna. Tudo isto são razões para que as pessoas dinheirosas vão repetidamente ao estrangeiro, onde muitas não se divertem, onde a maior parte se não instrue, viajando porque isso é *chic*, porque das viagens se tiram sempre, na peor das hypoteses, motivos para conversas que interessam, e fazem *poser* os viajores.

Dizia-me o dr. Caetano d'Andrade, um rico proprietario de Ponta Delgada, que raro era o anno em que não ia á Suissa, mas que nunca lhe aconteceu, voltando da Suissa, achar menos belo o panorama das *Sete Cidades*.

Vão para o estrangeiro, em viagem de recreio,

os felizes que podem dar-se esse luxo caro; mas considerem que o seu Paiz tem belezas que lhe são peculiares, bocados de Natureza que enfeitiçam os olhos e alevantam o espirito ás ideações do Bello.

Tão *coquette* a nossa terra!

Como se o tomara o horror das longinquas e tormentosas peregrinações, o portuguezinho destemido ainda ha pouco tempo vivia obstinadamente envolucrado na sua concha, mal conhecendo a geografia da Europa pelos livros e pelos mapas, desinteressado do que ia por esse mundo além, feliz na sua mediocridade, nem dando pelo seu atrazo, por lhe faltarem pontos de referencia.

Ramalho Ortigão, nas *Farpas*, patrioticamente se esforçou por despertar nos seus compatriotas o gosto pelas viagens, não tanto para se instruirem como para se educarem, para se fazerem gente do seu tempo. O ilustre escriptor, propenso a exagerações, encarecia para além de rasoaveis limites a influencia das viagens nos progressos da Inglaterra, cada cidadão britanico não dando um passo fóra de sua casa, isto é, da sua ilha, sem levar a carteira na mão esquerda e o lapis na mão direita, vendo tudo com muito cuidado, inquirindo de tudo com muita exactidão, e ácerca de quanto ouve e observa tomando notas desenvolvidas, por modo a recolher das suas viagens o proveito d'uma lição pratica, em que o

agradavel se junta ao util. Dir-se-ia que o Ramalho, aliaz grande observador, não assistiu nunca á entrada dum rebanho de inglezes, tangidos pela Koock, num museu d'Arte ou num Palacio historico, atentos á perlenga do guia, sem carteira e sem lapis, escutando asneiras como se fossem versiculos da Biblia.

A verdade é que o portuguez já adquiriu o habito de viajar no estrangeiro, e se ainda não aprendeu a tirar das viagens outro proveito que não seja o dum goso pessoal, a ver coisas novas, licito é esperar que venha a fazer essa aprendizagem, a qual não demanda excepcionaes talentos, mas apenas um bocadinho de reflexão.

Diga-se em abono da verdade, e para consolo dos que sofrem, constatando alguma inferioridade da gente portugueza — o francez tambem é pouco dado ao sport das viagens, tambem conhece mal o seu Paiz. A guerra tudo revolveu em França, obrigando as pessoas a deslocarem-se em todas as direcções, e em jornaes de Paris vi eu, sem poder cital-os agora, encarecida a vantagem do ciclone tornar conhecida a França... dos francezes. — O demonio é que tambem a torna conhecida dos alemães, que são viajantes incommodos.

Não serei eu quem tente dissuadir os portuguezes de viajarem no estrangeiro, mesmo que não levem a carteira na mão esquerda e o lapis na mão direita, como pretendia Ramalho Orti-

gão. Os povos vivem numa interdependencia de cada vez mais estreita, e penso eu que as viagens são um factor poderoso de internacionalisação, subsistindo o apêgo de cada um á sua terra natal. Jámais, regressando do estrangeiro, eu senti apoucado o grande amor que tenho a este jardim á beira-mar plantado, na frase carinhosa do poeta; mas as viagens educaram o meu patriotismo, fizeram do sentimento rude e agressivo que ele era, uma expressão de solidariedade humana, sem todavia perder a sua essencia.

Viagem os que poderem fazel-o; percorram o mundo inteiro, se para tanto lhes chegar o dinheiro, a saude e a vontade. Mas não imaginem que o seu paiz não possue muitas das belezas que vão admirar lá fóra, que não tem encantos propriamente seus, ou sejam aspectos da Natureza, que em qualquer outra parte não se encontram, ou sejam aspectos da vida social, que em qualquer outra parte não interessam.

*

Aposto que o leitor nunca foi a Traz-os-Montes?

Pois não perca a primeira ocasião que tenha de lá ir, e verá como aquelas serras agrestes estão dispostas para scenarios de magica, no esbrazeamento do sol poente, e como por aquelas veigas, que atormentados rios fertilisam, anda o genio da poesia bucolica, como se fôra a musa

de Virgilio a esquivar-se aos beijos de Pan, o grande Deus.

Como é rapido o comboio em que vamos, ahi pelas cinco horas, estilo antigo, chegaremos á Regoa, tendo saído do Porto tres horas antes. Vamos, que uma velocidade comercial de 35 quilometros, em caminhos de ferro do Estado, já é coisa para registar... e para agradecer.

O sol é uma fornalha, mas tres horas não é uma eternidade, e calculo eu que das margens do Córgo, apertado entre montes, se erga uma fresquidão suave, como d'uma ventarola de seda.

Toda esta porção do Douro, que se desenrola para um e outro lado da via ferrea, é d'uma fertilidade que salta á vista, e até se encontrar novamente o rio, tem-se a impressão de caminhar por entre pomares, tanto os fructos abundam, as arvores oferecendo á vinha, n'uma realisação de symbiose panteista, o amparo dos seus troncos e pernadas.

Vence o comboio uma curva, e aparece-nos lá em baixo, n'uma profundidade que assusta, o Douro a esforçar-se por seguir o seu caminho, evitando os macissos de rochas que obstruem quasi o seu leito, aqui e além, e por cima dos quaes ele passa, no inverno, de escantilhão, a espumar raivas de cyclope metido n'uma camisa de forças.

Sobem o rio, de velas enfunadas, alguns *barquitos rebelos,* tão vagarosos que dir-se-hia es-

tarem parados, e tão serenos que dir se-hia levarem a bordo a paz que falta ás nossas almas inquietas, saudosas d'um passado que não volta, a tremerem d'um futuro que não se adivinha.

Aldeolas e casaes, pondo manchas brancas no verde nuançado das encostas, inculcam uma vida de labor fecundo, e vê-se bem que a abundancia não falta ás creaturas que por ali moirejam, o que faz exclamar ao Jorge Nunes, irreductivel alemtejano como eu — *olhe para esta miseria do Douro!*

Ao lado da casa solarenga, de velho fidalgo rico, ha a instalação moderna do proprietario abastado, o celeiro e a adega, sobretudo a adega, que o celeiro, nas provincias do Norte, é tão sómente um adminiculo dos estabelecimentos agricolas. Sim; por aqui não ha miseria, e descontando mesmo o que nas aparencias possa haver de enganador, o Jorge ainda tem razão, a menos que generalise a todo o Douro o que se observa na região que atravessamos.

Ao bater das cinco horas, estilo Nunes da Matta, o comboio pára na estação da Regoa, ainda o sol é uma fornalha, e todos os passageiros que se dirigem para as *Pedras* ou para *Vidago*, simples *touristes*, como eu e o Jorge, ou achacados da figadeira, a quem os medicos recomendaram aguas alcalinas, todos correm para a traquitanisita que ha-de leval-os ao seu destino.

Aparece um diabo a vender fructa, que só po-

deria comer-se ás escuras, ou nos desesperos d'uma fome de trez dias, e não ha quem apregôe agua, embora vendendo-a como se fosse vinho. Um cavalheiro de bons modos vem pôr-se a comer laranjas, ao pé da carruagem em que nos instalámos, e instinctivamente eu recolho-me para o não ver, não vá dominar me a tentação de lhe roubar uma. — O portuguez não sabe fazer o pequeno comercio, e para comerciar em grande não o fadou o Creador.

O comboio segue a margem esquerda do *Corgo*, e porque o sol vae ainda muito acima das altas montanhas, ha que baixar um bocadinho o *store*, por maneira que sem incomodo de maior se passeie a vista pelas encostas, erguendo-a do fundo do vale, onde se contorce o rio. Manifestamente, se o leitor já viu os Pirineus, se já andou pelos Alpes, se já fez ascenções na Suissa, não tem que embasbacar perante a grandeza d'estas serras, a mais elevada das quaes não chega a medir quilometro e meio.

O rio, trasmontano em toda a sua extensão, é o Douro em escala reduzida, infinitamente reduzida, um pequeno veio d'agua que empoça de longe em longe, e faz mover insignificantes azenhas, onde agora não ha sinaes de vida.

Os pinheiros revestem escassamente as serranias que vou observando, muito de meu vagar, na lenta marcha do comboio, tão escassamente

como farpela de mendigo, a deixar ver grandes superficies de pelle curtida.

Mas o que impressiona a valer, neste bocado de Traz-os-Montes, é o aspecto das encostas, outrora opulentas de vinha, hoje oferecendo aos olhos de quem passa, a não ser muito em baixo, a poucos metros do rio, a desolação dos seus inumeraveis socalcos vasios, como se fossem abandonadas sepulturas.

Imagina lá, o homem do sul, que esforço herculeo, que sobrehumana tenacidade foi necessaria para das pedras fazer terra, e escaleirar em vinha uma encosta abrupta, onde não medrava a urze, e o pinheiro, de cabeleira verde, numa tortura sem nome, ancioso de viver, procurava quasi inutilmente fixar as raizes! Alguns tratos da Serra dão nos a impressão de cemiterios em ruinas, a dolorosa impressão d'um campo devastado, uma terra de maldição, que o bafejo da miseria esterilisasse para todo o sempre, como se fôra a colera do Senhor rugindo eternas condenações.

Pequeninos canteiros de milho, raros bocados de vinha, manchas pouco espessas de pinheiro, nos logares mais frescos a batata e o tabaco, muito pouco tabaco, e eis tudo quanto povôa estas fragosas terras, que pelo contraste me fazem lembrar o Alemtejo, de interminaveis campinas, a mais rica provincia de Portugal no dia em que a sciencia resolver o problema da Agricultura... sem agua.

O comboio apita ainda longe da Estação, e logo se ouvem dois formidaveis berros de morteiro, que devem ser, diz-me o Jorge, um sinal convencionado.

Estamos em Vila Real, a gare cheia de correligionarios que nos esperam, avisados da nossa passagem por um amigo inconfidente. Troca de cumprimentos, as indispensaveis apresentações, e a promessa, a que não faltarei, de uma visita com demora. O sol mantem-se ainda a dardejar por cima dos cerros, mas já sem incomodar.

Talvez o leitor nunca reparasse — Vila Real de Traz-os-Montes, capital de Provincia, séde de Districto, não é cidade. A excepção é unica em Portugal, e não ha coisa alguma que a justifique.

A não ser...

Fazel-a cidade e continuar a chamar-lhe vila, seria, na verdade, um absurdo, além de ser ridiculo, e mudar-lhe o nome, embora para a elevar de categoria, talvez fosse uma especie de profanação, como se ámanhã, tomada Constantinopla pelos aliados, *Santa Sofia* passasse a chamar-se a *Catedral de S. Francisco*. A linda vila trasmontana, grande como uma cidade pequena, é cheia de tradições, e o seu nome, longe de ser uma etiqueta banal, que facilmente se muda, é um resumo da sua Historia, que a ninguem é licito adulterar sob qualquer pretexto. O sr. Bernardino Machado, duma vez que aqui esteve, fazendo

propaganda republicana, prometeu que a vila seria elevada a cidade quando se proclamasse a Republica. Oxalá s. ex.ª tenha esquecido a sua promessa; mas se a não esqueceu, e pondo em jogo a sua influencia de Presidente eleito, quizer cumpril-a, é necessario que todos os trasmontanos se ergam como um só homem, e não consintam na perpetração desse crime.

Nunca mais as raparigas trasmontanas, no folguedo das romarias, poderiam cantar esta vaidosa cantiga, duma enternecida ingenuidade:

> Adeus ó Vila Real,
> Princeza de Traz-os Montes;
> Quando me aparto de ti,
> Meus olhos são duas fontes.

Já o sol vai baixo, quasi a tocar nos mais altos pincaros do Marão; o calor não incomoda tanto como ha duas horas, na meia tarde; mas eu sinto-me deshidratado, a boca seca como se ardesse em febre. Diz-me então o Jorge que em Vila Real bebera um riquissimo copo d'agua, limpida como ao sair da rocha, e fresca como se fôra gelada — *melhor que uma talhada de melancia, imagine!* Não m'o devia ter dito, e dispunha-se a repetil-o muitas vezes — *que rica agua!* — notando que essa invocação me intensificava a necessidade de beber.

Flaubert viajava no Saharah com Maxime du Camp, o seu grande amigo, não para realisar

quaesquer estudos... na areia, mas para colher impressões do deserto. Iludidos por um vulgar fenomeno de miragem, deixaram de poupar a agua, de que tinham feito abundante provisão. Foram andando, avançando, o pequenino oasis a namoral-os, muito abundante de vegetação, e eles a antegosarem o fresco das suas grandes sombras, deitados num tapete de folhagem, a ouvirem cantar as fontes.

A miragem desapareceu e eles encontram-se sem agua, naquele areal infinito, condenados a um martirio horroroso, se a Providencia dos tristes lhes não deparasse em poucos dias uma fonte ou um regato. Dizia então Flaubert ao seu companheiro de infortunio: — *E pensar a gente, ó Maxime, que a esta hora, nas terrasses do Boulevard, inuteis burguezes se consolam a tomar gelados!*

Maxime, menos resistente á sêde que Flaubert, sentia as guelas ainda mais secas ouvindo falar de coisas frescas, e pedia-lhe que se abstivesse de taes evocações, porque elas intensificavam o seu martirio, quasi insuportavel. E Flaubert, num requinte de maldosa insistencia: — *Sim, você tem razão; mas ha de concordar que um sorvete do Café Americano, nestas alturas, seria para agradecer de joelhos.*

A coisa chegou a termo que Maxime du Camp, já num começo de alienação, tirando da algibeira um revólver, e apontando-o á cabeça de Flau-

bert, ameaçou-o de lhe queimar os miolos, se ele tornasse a falar de bebidas e refrigerantes.

Seria excelente a agua de Vila Real; mas a de Abambres é positivamente uma peste, com certeza a peor de toda a Provincia, não tendo sequer a virtude de estar fresca — assim uma especie de chá feito com agua salôbra, recomendavel como nauseante ou vomitivo, para evitar gastos na farmacia.

Na verdade é uma linda terra, Vila Real, muito alegre, quasi risonha, constantemente banhada n'uma luz purissima, tyndalisada atravez d'uma atmosfera, que a não refrange, luz que põe as coisas n'uma evidencia discreta, a cada uma d'elas conservando a sua individuação, e que na frase do poeta

Tombe en nappe d'argent des hauteurs du ciel bleu.

Millet não recusaria assinar *esta paisagem*, e se a visse como eu estou vendo agora, nas vagas claridades dum entardecer de estio, ficar-se-hia por longo espaço a contemplal-a, n'uma doce *revèrie*, propicia ás realisações artisticas. Simplesmente lhe não daria esta moldura de escarpadas serras, que uma vulgar ilusão d'optica nos faz supor maiores do que na realidade são.

Velhos castanheiros, de tronco esvasiado, aparecem-nos em pequenas manchas, nada que lembre um *souto*, e as oliveiras, de modesto porte,

mas de vigoroso aspecto, sem constituirem *olival* afirmam que ali se realisam as condições agrologicas e climatericas favoraveis ao seu desenvolvimento. Aparece a esteva, rasteira e esguia, e o Jorge sauda-a como a um velho conhecimento, que se encontra onde se não esperava. — *Nem você imagina*, diz-me ele, *como eu gosto de ver as estevas... fóra das minhas terras.*

Os montes, á direita, são d'uma côr *grenat*, que alegra os olhos, e á esquerda, de mais elevada crista e flancos de mais bruta rocha, começando a envolver-se em tenues sombras, formam um scenario admiravel, em que já nada é distincto, mas em que ainda os diferentes planos conservam o seu valor perspectico.

Acodem á Estação os aquistas de *Pedras Salgadas*, uns porque esperam alguem das suas relações, outros porque esperam noticias de Lisboa, trazidas pelos jornaes. Tudo serve de entretenimento, no campo, e ver passar o comboio, em Pedras Salgadas, como em Vidago, ali como em todas as *Estancias* nas mesmas condições, é dos melhores e mais baratos entretenimentos que se pode oferecer a um aquista, se o não ralam muito os bofes e cacholas.

Da Regoa saimos com um rasoavel atraso, e não está nos habitos d'este caminho de ferro compensar os atrazos pelas velocidades. A anedota conta-se de Hespanha, mas tem um sabor tão nosso que bem a podemos nacionalisar. Um

passeante encontra se n'uma *gare* á chegada d'um comboio de passageiros. Olha o relogio, e verifica que chegou precisamente á hora. Muito admirado, dirige-se ao chefe da Estação, faz-lhe notar o facto, e apresenta-lhe, por tal motivo, as suas felicitações. O chefe, agradecendo com uma reverencia, homem sério, não querendo deixar o outro lamentavelmente iludido, por muito que isso lisongeasse a sua vaidade de funcionario: — *Pues el tren que llega es... el de ayer!*

A verdade é que vamos atrazados, e isso faz com que percorramos, já noite, com um luar escasso, os dezesete quilometros que medeiam entre as *Pedras* e Vidago. E' um caminho a descer e para baixo todos os santos ajudam; mas esta linha, toda feita de curvas, em lacetes, não se presta a grandes folias, sob pena de sair a traquitana das calhas, e desfazer-se tudo, de escantilhão, por uma ribanceira abaixo.

Ao sairmos d'uma volta apertada, lá adiante, no fundo do vale, o tremeluzir de pequeninas luzes, muito pequenas e muito numerosas, indica-nos o termo da viagem.

Estamos em Vidago.

*

Dizem-me que estas aguas são magnificas, como agente therapeutico; mas eu nada tenho com isso, em primeiro logar porque ha muito deixei

de ser medico, e em segundo logar porque ainda não comecei a ser doente.

Muito grata ao paladar é, na verdade, a agua da *Fonte Salus*, propriedade d'uma empreza que tem como director tecnico o dr. Azeredo Antas, transmontano d'alma e coração. Sobeja-lhe competencia para ser um distincto medico hydrologista, porquanto ha uns poucos d'anos que em Vidago exercita essa especialidade, sem deixar de fazer toda a clinica. Teve s. ex.ª a amabilidade de nos mostrar a historia, em graficos, d alguns doentes sujeitos ao uso regrado da agua *Salus*, e eles nos convenceram da sua grande eficacia medicamentosa. Já no ano proximo a *Empreza* encetará as obras d'um grande *Hotel*, e então a *Fonte-Salus*, oferecendo todos os comodos e vantagens de que não prescindem os aquistas, conquistará uma numerosa clientela, que a reclamará por toda a parte, encarecendo as suas virtudes.

A poucos metros da *Salus* fica a *Vidago* propriamente dita, cuja empreza audaciosamente atirou o melhor de trezentos contos para a construção d'um hotel, que é um Palacio, á altura das necessidades, prosapias e caprichos da gente rica.

Não se pode dizer que seja um encanto, este valle; mas é um sitio aprazivel, e quando a *Salus* tiver completado as suas instalações, o seu Hotel, o seu Parque, o seu Balneario, os seus campos de jogo, digno será da preferencia de quantos ne-

cessitam de se tratar pelas aguas ou de se avigorar pelo repouso, bebendo as aguas como estimulo digestivo.

Pedras Salgadas fica não muito longe de Vidago, uns 17 quilometros; *Sabroso*, fica a uma distancia menor, e *Campilho*, no mesmo vale, fica a um tiro de bala. Chaves é que dista mais, uns quarenta e tantos quilometros; mas fica ainda na mesma zona d'aguas alcalinas. Qualquer dia, como sucedeu com a *Salus*, como provavelmente sucedeu com as outras fontes em exploração, uma creatura que vae passando, aguçado o apetite de beber, á vista d'agua nascedia, estende-se no chão e da propria boca faz copo, empanturrando-se... d'agua alcalina. Manifesto do achado, constituição d'uma *Empreza*, e d'ahi a pouco nova *Estancia* reclamada nos jornaes, com atestados medicos encarecendo as virtudes raras da lympha.

Como é que ainda se não formou um *trust* para a exploração de todas as aguas alcalinas, descobertas e a descobrir na extensa facha que vae das *Pedras*, a *Chaves*, e se vão multiplicando as *Emprezas* concorrentes, *Pedras*, *Vidago* e *Salus*, cada uma delas procurando no descredito das outras os elementos da sua prosperidade maxima?

Talvez não seja ainda bem conhecido o mecanismo porque certas aguas actuam beneficamente sobre certas doenças; mas o facto está por de-

mais averiguado, e ninguem, de boa fé, será capaz de o pôr em duvida. Facil é, pela analise, determinar os elementos que as formam, e a proporção em que eles concorrem para a sua formação; facilimo é medir o seu pezo, verificar a sua temperatura, e inquirir da sua radio-actividade, naquelas que são radio-ativas. Saber isto, é realmente saber muito a respeito duma agua; mas não é ainda saber tudo, considerada a agua como agente curativo. Por isso sucede frequentemente os doentes abandonarem as aguas que o medico lhes tinha recomendado, e por sua conta e risco fazerem, com bom resultado, uso d'outras que o medico lhes tinha proibido. Talvez o que ha de mais curioso n'uma *Estancia* d'aguas, para quem fôr dado a procurar o *documento humano*, á maneira de Zola, seja a conversa com os *aquistas*, os que sofrem da mesma doença tirando resultados contrarios do uso methodico da agua, que a uns melhora ou cura, e a outros deixa na mesma, quando lhes não agrava os sofrimentos.

Uma coisa é certa, definitivamente tirada a limpo, e vem a ser a maior eficacia das aguas tomadas na sua origem, ao sairem da rocha em que brotam, talqualmente a Natureza as produz. Isto justificaria, só por si, os incomodos a que se dão os padecentes para usarem das aguas *in loco*, indo á fonte bebel-as de manhã ou de tarde, conforme as prescripções do Esculapio, e na quantidade prescripta.

Quem sabe ?

Sem desfazer nos bicarbonatos alcalinos e não alcalinos das aguas; no seu maior ou menor grau de radio-actividade; no anidrido carbonico que elas possam ter em suspensão; nos chloretos, arseniatos e outras mais drogas que são ao mesmo tempo dos vastos dominios da chimica e dos mais restrictos dominios da farmacia, julgo não estar em erro atribuindo uma bôa parte dos beneficios therapeuticos das aguas — ao repouso e ao regimen.

Certo é que em *Vidago* se não passam mal uns dias, como se não passam mal nas *Pedras*, onde ha um belo Casino para uso dos aquistas, bem como um *Parque* de vegetação opulenta, que lhes oferece agradaveis sombras, discretas como uma *bonne* suissa.

O dr. Azeredo, nas horas que tem disponiveis, sacrificando o seu descanço, leva-nos aqui e além, a sitios d'um pitoresco inegualavel, e quasi nos pede desculpa de ser tão pouco solicito — como se fosse possivel sel-o mais, ou como se alguem o pudesse ser tanto. Pena é que tenhamos de fazer de noite a jornada de Vila Real, em automovel, porque a paisagem que se descobre a um e outro lado da estrada, zig-zagueante como todas as estradas da provincia, é bela a compensar de todos os incomodos — a poeira e o calor.

Olhando ao largo, do alto da esplanada onde

fica o cemiterio, á meia noite, sem lua, tem-se a impressão dum abismo cheio de treva, e presente-se que lá dentro se desenrolam scenas tragicas, que todavia não quebram a mudez apavorante d'aquele antro sem limites.

E' na verdade, linda a capital de Traz-os-Montes, e eu não sei bem definir a impressão que me fazem as suas casas de variado estilo, aparencias de arabe e varios traços de gotico, aqui e além uma parede que dir-se-ia uma agua-forte, e tudo isto a destacar numa policromia bizarra, que sendo estravagante, não é grotesca.

Quando a neve cobrir os mais altos pontos da serra, branqueando em manchas discretas os flancos asperrimos do Marão, deve ser encantador espraiar a vista á roda, estando na esplanada do cemiterio ou no adro do Calvario — a menos que se possa estar na varanda da casa em que habita o dr. Eduardo Miranda, a quem enviamos d'aqui a expressão enternecida do nosso reconhecimento pela gentileza fidalga com que nos obsequiou.

Em casa da senhora Felicidade do Amor Divino...

Mas o leitor não sabe a historia, que eu já um dia contei, deslocando-a para o sul. O caso foi que um presidenie da camara, muito interessado pela higiene e pela estetica da vila, proibiu que se continuasse a fazer a matança de porcos na rua. Dizia a postura — *os porcos que não forem aba-*

tidos no matadouro, deverão ser abatidos em casa da respectiva familia.

E aqui está porque na casa da senhora Felicidade do Amor Divino, em frente ao *Club*, se está matando um grande porco branco, e eu assisto de uma janela, a todos os detalhes da operação, a começar no laço do focinho, para evitar que o bicho morda, até á lavagem depois de musgado, tão rapadinho como se fosse um moço da Nutricia.

Sabrosa é um baluarte unionista, e esperam-me lá, desde o meio dia, os correligionarios. Todos os transportes que se podem utilisar, carros e automoveis, sofreram qualquer avaria, ou foram para uma festarola no campo, não sei onde, a grande distancia da Vila, e só regressarão á noite, os que regressarem. Tarde e a más horas, num automovel concertado á pressa, abalamos para Sabrosa, onde a povoação nos espera, com musica e foguetes, recebendo-nos em sua casa, com requintes de galhardia, o sr. Marques da Cunha.

Não ha remedio senão regressar a Vidago pela noite fóra, resistindo ás solicitações do sr. Rodrigo Nobrega, um portuguez de antigas eras, do tempo em que a franqueza e a lealdade eram timbre do caracter nacional, hoje froixo e deliquescente.

Levo d'aqui, de Vila Real, as melhores recordações, e ao ver como o Adelino Samardã é por todos respeitado e querido, velho legionario da

causa republicana, tratado como inimigo pela Republica, fico a scismar na possibilidade duma ressurreição nacional por afirmações de caracter — se fôr possivel sacudir a tempo a praga de vilissimos politicantes, sem nenhuma qualidade nobre, audaciosos e despreziveis.

Não se vê nada, a não ser no curto ambito em que as lanternas do automovel projectam luz. As arvores que bordam o caminho, assim iluminadas, parecem feitas de cartão, espalmadas, sem nenhum relevo, de contornos bem marcados, estupidamente regulares.

Já tudo dorme no Hotel, e porque se tenha erguido um pouco de vento, os pinheiros, á roda, sacudindo a cabeleira, em rythmo, produzem um vago murmurio propicio ás delicias de Morpheu.

O peor foi...

... De começo era uma especie de sussurro musical, vindo de longe, uma sucessão rithmica de sons graves, em ar de melopêa, que nos chegava aos ouvidos, quasi a morrer. Subitamente o sussurro converte-se em tempestade, um barulho infernal como se fosse o Diabo a reger uma orquestra de cyclopes, o maior de todos a martelar com troncos de pinheiro a pele esticada dum tambor. Nunca, como então, senti impulsos homicidas, uma vontade quasi irresistivel de chegar á janela, de revolver em punho, e despejal-o sobre o homem do bombo, até o prostrar sem vida. O Jorge, pela manhã, ainda in-

quiriu do caso, mas não logrou saber se aqueles malfeitores ali tinham aparecido por acaso, ás tres horas da manhã, vindo duma romaria, ou se tinham sido alugados para semelhante crime, por um inimigo oculto.

Como quer que fosse, a ultima noite de Vidago deixou-nos recordações desagradaveis, e bom será que os donos dos hoteis, tomando a peito os seus proprios interesses, organizem a defesa dos hospedes contra quejandas malfeitorias.

*

Leva-nos a Chaves o dr. Azeredo, duma actividade rara, a trabalhar de manhã á noite, incansavel, multiplicando-se para atender a todos, para prover a tudo, ficando-lhe ainda tempo para ciceronar amigos que ali vão, sem necessidade d'aguas, só para se deleitarem na contemplação dos variadissimos quadros, cheios de pictoresco, que Traz-os-Montes oferece aos olhares curiosos do *touriste*.

Já o leitor reparou que nem uma palavra lhe dissemos de Vidago, a minuscula povoação de Vidago, na margem direita do Oura, a um quilometro, se tanto, das *Fontes*. E' que, na verdade, essa povoação, uma pobre aldeola de tres ruas e meia, nada tem de interessante. Outro galo lhe cantaria, se em vez de terem posto a Estação no sitio mais conveniente para a Empreza das aguas, a

tivessem posto dentro d'ela, ou junto ás suas casas mais excentricas, embora um apeadeiro dispensasse os clientes do *Palace Hotel* de irem até lá. Daria isso á pequenina aldeia muita animação, muita vida; tornaria prospero o seu comercio, e insuflar-lhe-hia habitos e costumes de terra civilisada. Não vale a pena lá ir só para vêr o seu ulmeiro, de grosso tronco como um cedro do Libano, e nada mais ela tem a que por um instante se nos prendam os olhos — a não ser a miseria, que é ao mesmo tempo imundicie, dos seus casinhotos pobres.

A estrada é detestavel, mas o automovel é excelente, e porque o dirige um *chauffeur* de *primo cartello*, os trambulhões incomodam pouco, ainda assim mais do que seria para desejar. Não tardará que o caminho de ferro chegue a Chaves, o que será de grande alcance para o desenvolvimento economico d'esta região, e de superior comodidade para o *touriste*, que não possa dar-se ao luxo dos transportes caros.

Vamos seguindo o Tamega, que é um modesto rio, mais farto d'aguas, no verão, que o Córgo, e mais util do que ele ás regiões que atravessa, pois é a sua corrente que humedece as varzeas, tornando-as ferteis. Muitas das serras que avistamos, e de que nem sequer sabemos o nome, teem uma biografia politica, que o dr. Azeredo conhece e nos refere, mal disfarçando o seu orgulho de trasmontano, neto de ignorados camponezes que por

ali, como furtivos caçadores, alvejaram os francezes, vão passados mais de cem anos.

Aqueles montes que vêmos lá muito ao longe, fechando o horisonte, nada teem de particular; mas são já bocados da Hespanha, um paiz que não é o nosso, e isso faz com que a ele se nos prendam os olhos, n'um inconsciente meditar sobre a realidade historica das Patrias, de cada vez mais abertas, de fronteiras cada vez mais adelgaçadas, mais tenues, simples linhas geometricas, de valor convencional.

Aparece-nos Chaves, fresca e *còquette*, a remirar-se no espelho d'aguas mansas que lhe oferece o Tamega, e a sua *veiga*, cultivada com esmeros de jardinagem, faz-nos lembrar as extensas varzeas do Ribatejo, d'uma productividade que é mais do que a abundancia, porque é a riqueza.

Além, diz-nos o dr. Azeredo, apontando um pinhal, tomou posição a nossa artelharia, para bater os paivantes. E vai-nos contando os episodios do combate, em que tomou parte, de espingarda na mão, pronto a dar a vida pela Republica, republicano de sempre, republicano atravez de tudo, intransigentemente republicano num tempo em que Republica era apenas a vaga e generosa aspiração dos espiritos mais bem formados. Duas vezes, em ordem do comando, foi o dr. Azeredo louvado pelos serviços que prestou á columna de operações, e pela intrepidez com que se conduziu debaixo de fogo, ouvindo silvar as balas. O que lhe vale é

não ser empregado publico, militar ou civil, porque tendo semelhantes serviços na sua bagagem de republicano, arriscava-se a ser *separado* pelos convertidos da ultima hora.

Tem um aspecto muito original a vila de Chaves, com as suas casas de balcões avançados, as suas varandas de madeira, que nas casas isoladas, ou de esquina, as cingem por completo.

De corrida, que o tempo não dá para grandes vagares, vamos de visita ás suas thermas, que ficam dentro da vila, á margem de uma pequena ribeira, denominada Rivellas, muito modesta, e que a poucos metros dali se perde no Tamega. Duas pequenas fontes, sem cobertura, onde a agua borbulha a perto de 70 graus, e uma outra fonte, maiorsinha, com abóbada, tambem de agua a escaldar. São aguas alcalinas, mineralisadas, como as de Vidago e Pedras Salgadas, mas quentes até á ebulição, visto que a sua temperatura, segundo me afirmaram, anda por 70°. Pois bem; estas aguas medicinaes, de valor igual ao das mais afamadas da Europa, são aproveitadas tão somente para usos domesticos — escaldar galinhas, musgar leitões e lavar casas. Que houve ali, no tempo dos romanos, um grande estabelecimento balnear, mas dele não restam vestigios, e o que ali se vê hoje, no genero, é uma ignobil casa onde se alojam, de mistura com suinos, os desgraçados que veem de longe, no desespero

das boticadas, socorrer-se da virtude curativa das aguas.

Entrei nesse fantastico estabelecimento balnear, e fiquei horrorisado de tanta mizeria, tanta porcaria, os doentes para ali estendidos, homens e mulheres, numa promiscuidade biblica, muitos d'eles agravando os seus padecimentos, porque o uso da agua lhes está contra-indicado. Cada qual come o que traz ou compra na Vila, e paga um pataco de fogão, diz-nos a cosinheira da casa.

Apraz-me acreditar que este miseravel estado de coisas durará só até que aqui chegue o comboio, e que Chaves, aproveitando inteligentemente as suas ricas aguas, se tornará grande e prospera, uma das mais frequentadas Estancias de Portugal, com numerosa clientela de estrangeiros, que a preferirão a tantas outras que hoje são *rendez-vous* obrigado dos ricos, que necessitam da hidroterapia.

O dr. Antonio Granjo, que vamos procurar ao seu escritorio, mete-se no automovel comnosco, e aqui vamos, de alegre cavaqueira, a caminho de Verin, mal tendo reparado na ponte de cantaria, obra romana do começo da era cristã, que atravessa o Tamega, ligando os dois bairros da vila, uma soberba ponte de muitos arcos, uns dezoito, votada á gloria do imperador Vespasiano.

*

Foi rapida, excessivamente rapida a visita que fiz a Traz-os-Montes, aproveitando alguns dias, muito poucos, de folga; mas rapida como foi, por culpa das circunstancias, quer-me parecer que não resultará inutil. Colhi valiosas informações a respeito da vida economica desta Provincia, que é, no ponto de vista scenografico, para empregar uma palavra bem cabida, talvez a mais interessante do Paiz, e no ponto de vista social, talvez a mais digna de estudo.

Não abunda a cal em Traz-os-Montes, e isso faz com que as suas pequenas aldeias, quando as olhamos a distancia, ou não se vejam, ou mal se adivinhem. Dir-se-hia um caso de mimetismo urbano, para escapar... ao Fisco. De modo que se tem a impressão, andando por onde nós andámos, de comboio ou de automovel, parando aqui e além, de que a provincia é muito escassamente povoada, menos do que o Alemtejo, onde ha dezesete habitantes por quilometro quadrado.

O dr. Azeredo faz-nos ver, obrigando-nos a olhar com insistencia para determinados logares, aldeolas da côr da terra, que nos tinham passado desapercebidas... Além, um pouco adiante dos pinheiros, na encosta, para a direita da vereda que sobe, logo abaixo de uma extensa erosão que fizeram as aguas, a menos que a tenham feito os pesquisadores de Wolfram, que na

Provincia abunda, não vê? — Pois é uma aldeia.

A emigração tem roubado muita gente á Provincia, e os seus beneficios não se tornam aqui sensiveis, ao menos para um viandante como eu, sempre a nove, como no Minho, ou na Beira. Certo é que Traz-os-Montes, comportando uma população muito maior que a que tem, é ainda assim mais povoada do que parece.

Gente forte, robusta, a de Traz os-Montes?

E' possivel; mas por onde andei, talvez por andar depressa, não vi esses montanhezes de sólido arcaboiço, os homens de peito amplo, as mulheres de bacia larga, creaturas formadas ao rigor do tempo, lestas e feras como exemplares duma raça que não degenera. A mortalidade infantil, disseram-me alguns medicos, é espantosamente grande, e a principal causa dessa hecatombe é a viciosa alimentação a que sujeitam as creanças.

Seja como fôr, a verdade é que fazendo-se com tamanho rigor a selecção dos pequeninos, os que chegam a grandes deveriam ser belos animaes, de rija musculatura, homens desempenados, que puzessem na severa paisagem trasmontana uma nota forte de vida. Aquelas mulheres não teem peitos — quer-me parecer — e são uma garantia de leite com fartura, os peitos que tufam sob a chita dum casabeque ou sob a seda duma *blouse*, sem atingirem a grandeza montanhosa que teem os uberes em certas vacas leiteiras.

Os tristes pequeninos!

Falta-lhes o leite materno, e vá de os encher, como as tripas, dando-lhes substancias que eles não digerem, e porque as não digerem, não as assimilam. D'aqui as suas perturbações de estomago, os seus desarranjos intestinaes, as suas infecções ascendentes, as suas mortaes nefrites.

O trasmontano pobre faz, geralmente, uma alimentação escasa, insuficiente, com que não poderia viver o homem do sul. E comtudo ele trabalha de manhã á noite, todos os dias, luctando com a terra, que precisa ser abundantemente regada com suor para se tornar productiva.

O chamado problema do Douro interessa muito á provincia de Traz-os-Montes, porquè uma bôa parte dela produz os famosos *vinhos do Porto*, de reputação universal, unicos em todo o mundo. Prometi aos meus amigos de Sabrosa estudar este problema, e essa promessa hei-de cumpril-a. Não lhes prometi uma solução, porque só prometo aquilo que posso dar, e facilmente o leitor acredita que eu não tenho aqui, na algibeira, podendo servir-me dela quando quizer, a solução desse magno problema, que é um dos mais importantes aspectos da economia geral do paiz.

Vale bem a pena estudar o problema do Douro, mas estudal-o na bôa intenção de o resolver, conciliando na mais larga medida os interesses agricolas do Norte e Sul. Comete um crime quem dele se aproveitar para especulações d'or-

dem politica, e isso se tem feito até agora, fez-se quasi sistematicamente na vigencia da Monarquia, começou já a fazer-se na vigencia da Republica.

Não faz sentido nenhum reconhecer, por um lado, que os *vinhos do Porto* são unicos em todo o mundo, e negar-lhes, por outro lado, privilegios e imunidades sem os quaes ele não pode concorrer vantajosamente com artificios de adega, productos de laboratorio que eloquentemente atestam os altos progressos da quimica.

E' preciso nunca ter visto o Douro, nunca ter visto Traz-os Montes para não perceber que é impossivel fazer-se identicamente, nas duas Provincias e no Sul, a exploração agricola, aqui duma extrema variedade, e além reduzida quasi á monocultura, ao amanho da vinha.

Problema grave, problema transcendente é o problema do Douro, porque não interessa apenas a uma ou duas provincias: interessa ao paiz inteiro, e a economia geral da Nação é a propria vida de nós todos, qualquer que seja a nossa politica.

Vinha eu a fazer estas considerações, o automovel a correr em direcção a Verin, quando o dr. Granjo me adverte, ao transpormos uma ponte, que estamos em terras galegas, não porque tenham os predicados agrologicos que as fazem denominar assim, no Alemtejo, mas porque são terras da Galiza.

*

Uma noite bem se passa, e o *Hotel Salgado* fica-nos aqui á mão, é só atravessar a rua. O Jorge, que eu não entendo, desde que entramos em Hespanha — nem eu nem os hespanhoes — vai saber se ali podemos ficar, e volta radiante, como se tivesse apanhado a sorte grande n'uma cautela de tres vintens. — O trivial em creadas de servir...

Tres masmarros, á porta de Hotel, dão-nos bem a certeza de que estamos em Hespanha, visto não estarmos na Italia, onde se topam frades a cada canto... Não sei a que Ordem pertencem; mas não deve ser a qualquer d'aquelas Ordens em que a miudo se jejua. São tres homens alentados, de boas côres, o ar satisfeito de quem já encontrou o ceu n'este mundo, e não receia encontrar o inferno no outro.

Verin é uma terra mediocre, um pouco vila hespanhola, um pouco aldeia transmontana, *poblacion* incaracteristica que não merece uma visita. Mas o leitor, se por ali passar alguma vez, ainda que tenha pressa, arranje vagar para subir ao Castelo, que o panorama que de lá se gosa merece bem o sacrificio. E' uma caminhada, tudo a subir, talvez uns dois quilometros; mas chega a gente lá acima, esbodegado se foi depressa, e mal relanceia a vista pela extensa *veiga*, nem sente as pernas moidas.

Do Castelo pouco mais ha que ruinas, uma Igreja votada ao abandono, uma torre de menagem, a que falta um lanço de escada, as muralhas e esplanadas que permitem reconstituir o tipo de forticação, e uns restos de magnificas varandas abertas sobre a *veiga*, onde seria delicioso, em tardes nevoentas de inverno, bem agasalhado, sonhar, dormir.

No friso da Igreja ha uma abundante decoração em motivos eroticos, assim uma especie de pornografia em barro ou em granito, que muito devia escandalisar as castelãs ainda moças, e porventura, reanimar a decrepitude das velhotas, condenadas á virtude.

E' muito dificil, e não deixa de ser um bocadinho arriscado, subir á torre, mas vale a pena vencer essa dificuldade, e afrontar esse risco.

Que linda, a extensa *veiga*, cultivada como a de Chaves, como ela rica, oferecendo aos nossos olhos uma profusão de côres, em que predomina o verde, de nuances infinitas! Passam lá em baixo, na estrada que conduz a Orence, as famosas carretas de bois, pesadas e lentas, que os Celtas deixaram na Peninsula, e que ainda hoje se arrastam, de cada vez mais raras, na Provincia de Traz-os-Montes, chiando como se nos atrictos da madeira alguma coisa de animado sofresse. O sol ainda ilumina a crista dos mais altos cerros; mas no vale, a sombra, d'uma grande uniformidade, torna-se de cada vez mais carre-

gada, mais densa; todas as coisas se vão tornando indecisas, as mais longinquas não tendo já fórma nem côr. Tem o quer que seja do extasi religioso a contemplação artistica, e se a paisagem, como disse Amiel, é um estado d'alma, é porque nela a realidade se dilue em sonho, e o sonho, quando resulta dá fascinação visual, perante a Natureza, é uma ascenção para o infinito.

Ha nos arredores de Verin umas poucas de fòntes alcalinas, genero Vidago, a mais interessante das quaes é Cabreiroá. Deve ali passar-se regularmente, se o Hotel corresponde ás aparencias. O sitio é aprazivel, e a agua, áparte as suas virtudes terapeuticas, é agradavel. A' entrada da Fonte, num quadro exposto ao respeitavel publico — o publico é sempre respeitavel — diz-se as condições em que pode fazer-se uso das aguas, a tanto o litro ou o copo, aproximadamente o mesmo que em toda a parte. De graça — *para os pobres de solemnidade*. E aqui ficamos nós a cogitar sobre o que será um pobre de solemnidade. Não houve remedio senão perguntar á rapariga da Fonte, a qual explicou — *es lo que pide lismona, el que no tiene nada*.

Pobre de solemnidade!

Entrou para a enfermaria do dr. Oliveira Feijão uma hespanhola, *pobre de solemnidad*, frequentava eu o quinto ano da Escola Medica, por-

tadora de qualquer doença, sem caracteristicas anatomicas, de tal modo vaga nas suas manifestações, que não bavia maneira de lhe acolchetar um diagnostico.

Por isso, e para mostrar aos estudantes como deve ser conduzido o interrogatorio d'um enfermeiro, o dr. Feijão pôz-se a fazer perguntas: — *Come bem? Mui bien. Dorme bem? Mui bien. Digere bem? Mui bien. E todos os dias?... Divinamente!*

São assim, os hespanhoes.

Para não desfeitearmos o *Manancial de Sousas* e a *Fonte Nova*, lá vamos beber um copinho d'agua, e assim matamos ao mesmo tempo a sêde e a curiosidade. — Porque não quererá deixar vêr a cara esta aguadeira da *Fonte Nova*, de cabelos tão loiros que dir-se-hia uma rapariga scandinava? O Jorge obriga-a a erguer a cabeça, ligeiramente ruborisada, a pele macia e os olhos azues, muito azues — embora ao dr. Granjo pareçam negros. Em Portugal os olhos azues são raros, tão raros que diz um picaresco anexim

> Olho azul em cara portugueza
> Filho... da mãe, ou erro da Natureza.

Por aqui viveram, em Verin, os conspiradores, e precisamente n'este *Hotel Salgado* se ajoujaram muitos d'eles, os de mais graduação. A auctoridade hespanhola teve para com eles todas as complacencias, deixando-os organisar em liberdade,

na mais ampla liberdade, a sua famosa incursão. A columna que eles organisaram não valia, com certeza , o efectivo de percevejos que toda a noite esteve de voltas comnosco, intrincheirados na bainha dos lençoes — como se fossem alemães.

De Verin a Orense, em *camion*, gastam-se umas quatro horas, que podem ser aproveitadas... para dormir. Aqui e além ha um vale risonho, em que os olhos pousam com agrado; mas d'uma fórma geral a paisagem, quando não é d'uma aspereza agressiva, é d'uma banalidade dolorosa. E assim Orense, capital da Provincia, sobranceira ao rio, aparece-nos como se fôra a terra da promissão.

Volta e meia pelas ruas, as principaes, e toca para a Estação, n'um *char-á-bancs* infernal, arrastado por tres cavalicoques esqueleticos, talvez já negociados para a proxima corrida.

*

— *Señores viajeros, al tren...*

Parece que metade da Galiza está ali, na *gare*, e toda aquela gente se atira ás carruagens, acotoveando-se, cada qual buscando passar adiante dos outros, como se fugisse d'um incendio. *Frailes* de calote e alpergatas salpicam a multidão, e vagamente fazem pensar em lobos guardando ovelhas, salvo o respeito que merecem tão beatificas pessoas.

Amezendamos num compartimento em que to-

dos os logares estão marcados, aqui um chapéu, ali uma pequenina mala, acolá um guia de caminhos de ferro; mas o *truc* já não ilude ninguem, por demasiadamente conhecido. Na verdade havia ali dois logares disponiveis; os restantes eram ocupados por uma familia que saíra, mal o comboio parou, talvez para ir á *fonda*, talvez para desenferrujar as pernas, talvez para... A madama, estilisada em abobora, muito gorda, muito apertada, muito a rebentar, tem o geito de quem se não aguenta facilmente, por muito tempo, sem ir lá fóra, e de cada vez que ela se revolve, avermelhando como os tomates maduros, eu receio uma inconveniencia que a todos nos coloque mal.

Farto de vêr rios quasi secos, acho delicioso ir acompanhando o Minho abundante d'aguas, estreitando aqui a corrente, alargando-a além, rapido quando passa entre montes, quasi parado nos vales, ermo de barcos, que subam ou desçam, de vela branca, em aza de pombo.

Entrámos na Galiza, imaginando que ainda jornadeavamos em Traz-os-Montes; vamos entrar no Minho imaginando que ainda estamos na Galiza. Nesta paisagem ha a suavidade, a harmonia, a quasi doçura da paisagem minhota, tão doce e tão suave que em certas horas, e sob a incidencia de certa luz, tem maciesas de veludo, que dá vontade de tocar.

Vê-se além, na outra margem, um rôlo de fumo,

e logo a seguir ouve-se o apito duma locomotiva, que sôa aos nossos ouvidos, atulhados de galego, como se fosse uma voz amiga, vindo ao nosso encontro para nos saudar. Não ha duvida — para além do eixo geometrico do rio é já a nossa terra, a que se nos prendem irresistivelmente os olhos, num quasi enleio de namorado.

De Guillarey o comboio segue para Vigo, e nós seguimos para Tuy, em *char-á-bancs*, para seguirmos d'ali em *coche*, para Valença. Já o carro deve ter em cima, no tejadilho, umas poucas d'arrobas e ainda para lá atiram malas e caixas de todos os tamanhos e feitios, como para bordo dum transatlantico. Só falta pôrem cá a Estação, diz o Jorge, no receio de que a carga faça desabar o tecto, e para ali fiquemos espalmados como herbarios.

E' perto de Guillarey a Tuy, e o carro não vai cheio, muito mais carregado por cima que por dentro. Um frade ainda novo, de rosario á cinta, vai chupando um reles charuto, e como se lhe dirigisse, familiarmente, uma dama que entrou no carro — *tenemos el padroado!...* ele abriu-se num sorriso de fauno, o olhar gazil, muito acariciador, e inquiriu dos beneficios que ela tirara das aguas de Mondariz. Alguma coisa melhorou, a falar a verdade: mas por tão pouco não valia a pena sair de casa, e fazer gastos excessivos.

Toda a gente entende um pouco de medicina, e o frade, talvez por ser da ordem dos Esculapios,

mostra-se muito versado em patologias e therapeuticas, acabando por aconselhar a bôa dama a ter muito cuidado, agora, com a dieta, não vá acontecer-lhe como ao reverendo X, que depois de curado... morreu de repente. E voltou a rilhar o charuto, sorrindo como um fauno que espreita uma mulher nua. Talvez seja um padre exemplarissimo; mas tem o ar de quem diz á gente que, se a população de Espanha é insignificante em relação á sua area, a culpa não é dele nem dos seus colegas, que bem se esforçam por cumprir o respectivo mandado dos Evangelhos.

Tuy, sobranceira ao Minho, fronteira a Valença, é uma terra alegre, de bom aspecto, onde se passa bem o tempo necessario... para arranjar um *coche* e atravessar a ponte. Entramos na Igreja de S. Telmo, que nada tem digno de referencia, a não ser a Paixão de Cristo, em baixo relêvo, onde ha figuras de uma impecavel correcção. O sacrista nem faz reparo em nós, e uma velha para ali ajoelhada, toda vestida de preto, desfia as pequeninas contas d'um rosario, e de cada vez que passa uma Avé-Maria — *bemdito é o fruto...* — estende o bico e deita o rabinho do olho para o confessionario, onde está ajoelhada, tambem vestida de preto, a sua patrôa ou a sua pupila.

Haverá mulheres bonitas em Tuy?

E' possivel; mas a unica que pudemos vêr com vagar, o Jorge achou-lhe os ares de medalha romana... em coiro da Galiza.

A inevitavel revista alfandegaria ao sairmos da Ponte, sem nada que pague direitos, e eis-nos restituidos á Patria, que talvez nem já se lembrasse de nós, a ingrata!

Ha tempo, antes de jantar, de irmos lá acima, a Valença, que é uma praça forte, com portas que se fecham, de noite, quando ha receio... de que alguem saia. Quem souber alguma coisa de fortificação militar, ainda que seja paisano, poderá esquecer-se de olhar os campos em roda, todo absorvido no trabalho de reconstituir este castelo, não para o utilisar ainda hoje nas eventualidades duma guerra com a Espanha, mas para o vêr tal como ele foi, genero Vauban, e medir, por uma facil aproximação de épocas, todo o caminho andado em quatro seculos.

Será verdade, como disse o Goncourt, que em toda a paisagem ha um grãosinho d'opio?

Quasi adormeci, sonhando, no castelo de Villarey, a olhar a extensa varzea que o Tamega fertilisa, e sinto aqui, no forte do Socorro, em Valença, uma especie de hipnose lucida, que é o somno duma embriaguez artistica.

Nem admira.

Provoca-se o somno hipnotico pela fascinação visual, e eu não consigo desviar os olhos do espectaculo que tenho na minha frente, antes mais e mais a ele os prendo á maneira que os tons se apagam como num decrescendo musical e a som-

bra tudo uniformisa para dentro em pouco tudo confundir.

> Cosi la mente mia tutta sospesa
> Mirava fissa...

E aqui dou por terminadas, invocando o Dante, as impressões que fui colhendo, em terras portuguesas, e um pouco tambem em terras de Espanha, na curta jornada de breves dias, a abrir o apetite para mais longas digressões.

Agosto de 1915.

Por Coimbra

E' sempre com prazer que saio de Lisboa, por breves dias, ainda que seja para trabalhar. Criei a necessidade de viver nos grandes centros, isolado dentro das multidões; mas com frequencia me aturde o borborinho da vida social nos aglomerados citadinos, e a capital é o aglomerado maximo. Se em taes ocasiões posso sair de Lisboa, seja para onde fôr, para o campo ou para alguma pequena cidade, faço-o com imenso prazer, e ainda que a ausencia seja breve, a Lisboa regresso na bôa disposição de quem repousou, ás vezes esse repouso nada mais sendo do que uma variante de trabalho.

Esta atmosfera de democracia, em que andamos mergulhados, como num fluido, de ha seis anos a esta parte, fez de mim, por mal dos meus pecados, uma especie de marco postal, em que toda a gente deita cartas, memoriaes e bilhetes. Para mais eu tenho de ouvir o discurso com que

todo o pretendente faz entrega de seu requerimento, pois que o portuguez é um animal essencialmente explicativo e discursador, explicando-se egualmente mal com a pena e com a lingua, mas diluindo sempre o pouco que tem a dizer em largas tiradas de oratoria, grafica ou verbal.

Facilmente o leitor calcula, pelo que venho de dizer, que extravagante labirinto não será a cabeça dum homem, nas minhas condições, ao fim de cada semana vivida em Lisboa, a não ter quasi tempo disponivel para uma conversa entre amigos, a aturar pretendentes. Suponho que as coisas não sucediam como hoje, no antigo Regime, porque os seus homens de maior evidencia popularisavam-se menos, apareciam raramente nos logares que toda a gente frequenta, e quando apareciam, como que afectavam o ar de estarem ali em missão oficial, o que sem constituir propriamente uma barreira inatacavel, os livrava da entrega, ali mesmo, de requerimentos em papel selado ou em papel comum, solicitando qualquer graça ou favor.

Certo é que a permanencia em Lisboa, não sendo cortada de quando em quando por alguma breve excursão, me irrita e me deprime, a despeito do que entre estas duas palavras possa haver, consideradas apenas quanto ao seu valor lexicografico, de antinomico. O fraco é, por via de regra, uma pessoa irritavel; a irritabilidade é, tantas vezes, um sintoma de fraqueza. As visitas

á Provincia, sem demora, ainda que as faça para trabalhar, livrando-me de todas as impertinencias d'uma politica de pequeninos *affaires* de utilidade pessoal, que entram por muito na mecanica dos partidos, dão-me a calma, o repouso de que carece quem precisa ter em exercicio continuo a sua actividade. De resto, eu volto sempre a Lisboa, ainda que as minhas escapadas sejam breves, não só mais bem disposto para trabalhar, mas tambem mais confiado na proficuidade do meu trabalho. A Provincia é ingenua e confiada; quasi não conhece as apreensões de natureza pessimista que a miudo ensombram os melhores espiritos na Capital, sem todavia ser d'um optimismo á Sancho Pança. Ali vive-se mais no trabalho que na intriga; o mais proximo contacto com a Natureza faz esquecer muito a ruindade dos homens. O que é fóra de duvida é que a Provincia actua sobre mim como um tonico; ao mesmo tempo que me enrija o corpo, desanuvia-me o espirito, torna-me saudavel e confiado.

Por isso eu aproveito, sempre que posso fazêl-o, as ocasiões que se me oferecem de sair de Lisboa, indo aqui ou além passar breves dias com amigos, como me sucedeu agora indo a Coimbra, como me sucedeu outro dia indo a Braga.

E' tão bom recordar.

Passei em Coimbra algum tempo da minha vida academica, ha muitos anos, tantos que chegaram

para Coimbra rejuvenescer, para aumentar, sendo hoje, em área, quasi o dôbro do que era. Quiz passar, evocando recordações, pelas casas em que morei — a do José Maria Archeiro, quasi no Largo da Feira, onde tinha excelentes companheiros, alguns dos quaes não tornei a vêr, e uma pequenina casa na Rua dos Estudos, onde alugara um quarto, indo comer fóra. A passear, de rua em rua, fugindo-me o espirito para longe, para muito longe, — ai de mim! — eu ia recompondo a minha vida academica naquela cidade unica, a luza Athenas, como lhe chamaram os seus sabios, a princeza do Mondego, como lhe chamaram os seus poetas. Parei, fingindo que observava um detalhe de construcção, na rua X, e nenhum dos meus companheiros suspeitou sequer que eu estava recompondo um pequenino romance, um fugitivo idilio que encheu a minha vida durante poucas semanas.

Era tão linda a minha paliteira!

Morava ali, naquela casita pobre, deante da qual, passei, ha dois dias, em simulada observação duma coluna geminada, numa janela em ogiva. Os seus negros cabelos de azeviche, num penteado antigo, de risca ao meio, emolduravam divinamente o seu focinhito moreno, sensivelmente redondo, havendo comtudo uma distancia tão grande entre os olhos e os labios, que naqueles era sempre noite, e nestes era sempre aurora.

Tão linda!

Reparo em todas as mulheres que por ali estão, em todas as mulheres que por ali passam, afrontando o risco de a ver talvez gorda e feia, talvez com muitos fios de prata manchando as suas tranças d'ébano. Não; das mulheres que por ali passam, nenhuma pode ser a virginal florinha que perfumou algumas horas da minha remota mocidade, e como intensifique mais, até á dôr, a evocação que dela faço, chego a iludir-me vendo-a abrir a porta, as tranças caídas, os pésitos nús, audaciosa e timida, realisar o verso do florentino, ela que não sabia ler

> La boca me bació tutta trementa

e logo fugir, não fosse denuncial-a, por ciumes, o luar escasso.

E' tão bom recordar.

*

Não tenho uma memoria privilegiada; mas n'este particular a Natureza foi generosa para comigo. Poucas esqueci das muitas asneiras que aprendi nas Escolas, e Deus sabe quanto isso tem embaraçado o meu esforço para me instruir. Quer-me parecer que recomporia toda a minha vida, a contar dos sete anos, descendo aos minimos detalhes, com todas as circunstancias de logar e tempo, retratando ou caricaturando as pessoas como se as tivesse á vista. E não poderia socorrer-

me de apontamentos ou notas, porque a minha pessoa nunca entrou nas preocupações do meu espirito, dispensando-me, por isso, de coligir elementos para uma farfalhuda auto-biografia.

A verdade é que estou a reviver os mezes que aqui passei, pouco mais d'um ano, e sinto-me novo como era então, caloiro no fim dos preparatorios, a considerar-me doutor, porque m'o chamavam as tricanas.

Poucos caloiros podiam, como eu, andar pela cidade, de noite, sem grande risco de lhe cortarem o cabelo. Tinha a protecção de muitos quintanistas, uns de direito, outros de medicina, e isso era uma especie de *passe-partout*, mercê do qual eu andava pela Alta e pela Baixa sem que as *troupes* me incomodassem, as que andavam de rua em rua caçando gatos ou estudantes do Lyceu. Apenas uma vez, no bilhar do Antonio da Feira, me vi seriamente atrapalhado com um diabo de Braga, de nome Laborjó, muito bruto e sofrivelmente dado á pinga. Queria á viva força cortar-me o cabelo. Levei o caso de brincadeira até ao momento em que ele, rapando da thesoura, quiz passar das palavras aos actos.

— O sr. não me corta o cabelo, e se dá mais um passo para mim, prego-lhe com este taco na cabeça.

— Isto era brincadeira.

Aqui vae o Laborjó á procura de uma *troupe*, e aqui vou eu meter-me em casa, na Rua dos

Estudos, seguro agora de que me cortariam o cabelo se me apanhassem, e me dariam uma sova mestra. No dia seguinte o Passos e Souza, quintanista de medicina, advertia o Laborjó de que eu tinha a sua protecção, e que o responsabilisava por qualquer partida que me fizessem, ainda que a sua *troupe* não puzesse para ahi prego nem estôpa.

Era um homemzarrão o Passos e Souza, natural da Madeira, e tinha força correspondente ao seu arcabouço de Hercules.

O *Saraiva das forças*, muito valente e muito bruto, sentia a sua inferioridade em relação ao Passos e Souza, que d'uma vez, pegando lhe nos braços, o obrigou a dobrar-se, não chorando por vergonha. Pois veio a morrer tuberculoso o dr. Passos e Souza, ignorando eu ainda hoje se a sua tuberculose fôra herdada ou adquirida.

Na Rua da Trindade vejo passar o cortejo academico, levando á frente a comissão das festas do centenario de Camões, o Rosalino Candido á direita do Pinheiro Chagas, muito correcto na sua casaca lustrosa, barbeado de fresco, o chapeu alto engomado de vespera, o ar importante de quem ia ali representando todos os Rosalinos da Universidade, uns já lentes, outros a caminho de o serem.

Acompanho o cortejo, e no pequeno *square* que fica junto á Universidade, ornamentado com um busto de Camões, assisto a uma especie de

assembléa geral de protesto contra o fóro academico, protesto ruidoso gritado por mil bocas juvenis, exprimindo a revolta, em nome da justiça, d'outras tantas almas em formação, ainda generosas, altivas e desinteressadas.

Concentro-me um pouco, e oiço as vozes frescas do Orpheon organisado e dirigido pelo sr. João Arroyo, projectado maestro e bacharel, dando-me vontade de subir a um ponto alto, á torre donde chiava a *cabra*, a ver se lá em baixo, no rio, ha aquela profusão de luses e o movimento de barcos enfeitados que me deslumbraram ha mais de trinta anos, n'uma noite calmosa de Julho, glorificava a academia o imortal cantor das nossas glorias imortaes.

Dos professores do meu tempo, professores da Universidade, só dois ou tres vivem ainda, entre eles o dr. Julio Henriques, ilustre botanico que em toda a sua vida nunca fez outra coisa senão estudar. Ainda hoje, a desandar para os noventa, as plantas são o seu entretenimento, a sua paixão, o seu vicio, sempre á cata de algum exemplar novo ou mal classificado, como se reputasse de somenos valia o que já fez pela Sciencia, cultivando-a ininterruptamente com um desinteresse de sabio.

Tiro o chapéu em frente á casa onde viveu José Falcão, como se o visse á janela, macilento, os bigodes caidos, o craneo ligeiramente alongado, os olhos de myope, muito vivos, espreitando por

detraz d'umas lunetas bamboleantes. Um garoto que havia no curso — nunca se soube quem era — lembrou-se um dia de tirar o giz que sempre havia no quadro. Abriu a aula e o aluno chamado á lição — andava-se na algebra — declarou que não havia giz. José Falcão, visivelmente contrariado, ergueu-se e foi lá acima, ao primeiro andar, buscar um giz, que entregou ao rapaz. No dia seguinte, a mesma scena — não havia giz no quadro. José Falcão foi buscar um giz, entregou-o ao rapaz que estava na pedra, e declarou para o curso, sem fitar ninguem:

— Se ámanhã não houver giz, podem retirar-se, porque acabou o curso.

Gelou-se-nos o sangue nas veias, a todos, tão certos estavamos de que o curso acabaria definitivamente se mais uma vez o giz faltasse.

Deito um olhar inquiridor para a botica do Ferraz, a botica dos Lentes, ao Castelo, e quasi desato ás gargalhadas recordando um episodio que ali se deu no Carnaval, com o dr. Guimarães Pedrosa, professor de direito.

Estava este ilustre cathedrato na botica, vestido de fraque e chapéu alto, quando ali entrou um futrica levando pela mão um garoto de cinco a seis anos, vestido de *pierrot*. O dr. Pedrosa era da estatura do Tabordinha, um metro e vinte, mais centimetro menos centimetro. Mas o bigode, muito farto, media de ponta a ponta um bom palmo. O petiz fez grande reparo no Lente, e de-

satou a resmungar, mal articulando as palavras. Já enfadado, mal pensando na asneira que o garoto ruminava, sacudindo-o por um braço, sem o maguar, perguntou-lhe o pai:

— O que é que tu queres?

E o *pierrot*, a colar-se ás pernas do auctor dos seus dias, os olhos pregados no Lente, respondeu com firmeza e confiança:

— Quero uns bigodes como os d'aquele menino...

Tudo tão mudado do que era!

Os estudantes já não acendem o candieiro para enganar os professores, aqueles professores que faziam a espionagem dos seus alumnos para saberem a que horas eles recolhiam, depois do jantar, e quantos estudavam antes de se meterem na cama. A Universidade foi, durante largos anos, uma especie de Colegio sujeito a uma disciplina de Quartel. Isso acabou, podendo dizer-se que acabou definitivamente com a rebeldia da geração de 1907, a da greve. Hoje ha certa convivencia entre os que ensinam e os que aprendem; o capelo democratisou-se; uma lufada de bom ar democratico varreu das cathedras universitarias o que ali havia de bolorento e de inquisitorial. *Tout passe...*

Não me captivou Coimbra a ponto de me obrigar a tirar aqui uma formatura; mas guardo bôas recordações do tempo que aqui passei, e de cada vez que a visito, menos frequentemente do que

desejava, é como se regressasse, por horas, aos dezoito anos que tinha então, cheio de saude, recebendo pontualmente a mezada, doze mil réis, que me chegavam para tudo e mais alguma coisa, excepto quando a brincadeira obrigava a boticadas.

Tenho pena de não ir ao Penedo da Meditação, e recuso ir ao Penedo da Saudade, por me dizerem que fizeram lá casas.

Ha muito que devia haver, em todas as cidades como esta, uma Comissão de esthetica, não simplesmente para olhar pelas ruas e praças, exigindo estilo ou grandeza nos edificios que se constroem aqui ou além, mas para não permitir que nos seus arredores a estupidez ou o utilitarismo estraguem as suas vistas panoramicas, maculem os mais belos trechos da sua paisagem.

Casas no Penedo da Saudade!

Que horror, santo nome de Deus!

Teve o dr. Alberto dos Reis a amabilidade de me convidar, como director da Faculdade de Direito, a visitar o *Instituto Jurídico*, de inauguração recente, e, graças a este amavel convite, eu pude informar-me, com bastante exactidão, ácêrca do modo como hoje, na Universidade de Coimbra se professa a sciencia juridica.

Quero dizer, antes de mais nada, que pelos corredores e salas da Universidade eu não senti agora, como noutro tempo, o bafio dos espaços limitados, em que o ar e a luz entram com dificuldade. Desapareceram as velhas catedras, de feição monastica,

em que amesendava o *Lente*, muito grave, muito austero, declamando solenemente, como num pulpito, os *dogmas* da sciencia que professa.

O *Instituto Juridico* é o laboratorio da Faculdade de Direito, e encontra-se apetrechado, quer-me parecer, de modo a bem realisar a sua missão. Ha naquela oficina quanto é necessario para se fazer sciencia, os indispensaveis instrumentos de investigação de que carece todo aquele, discipulo ou mestre, que fôr capaz de iniciativa intelectual.

A cada um dos quatro grupos em que está dividida a Sciencia professada na Faculdade, corresponde uma biblioteca, e muito embora a minha visita fosse rapida, pude constatar a sua boa organisação, cada uma delas possuindo os melhores trabalhos sobre a especialidade, tratados, compendios, monografias, em termos que o estudioso encontra ali quanto pode ser-lhe de utilidade. Abundam as *Revistas*, tanto as que tratam de Direito como as que tratam das sciencias que lhe são conexas, por forma que alunos e professores possam facilmente, sem dispendio, estar ao corrente de todos os progressos scientificos que taes publicações registam, como critica ou como exposição doutrinaria.

Não me foi possivel assistir ao funcionamento das aulas, mas falei com os professores, e colhi a grata impressão de que eles são bem os Mestres que era preciso ter para com todas as garantias de exito se encetar, na Faculdade, a re-

forma do ensino de Direito, que durante longos anos nada mais foi do que um oficio e uma metafisica, os defeitos d'uma coisa e outra conjugando-se para dar este somatorio — o *bacharel*, isto é, o causidico sem escrupulos intelectuaes, e o politicante, de fraseado tão galante como esteril.

Deduz-se a orientação, perfeitamente moderna, do ensino do Direito, em Coimbra, do *Boletim* que a Faculdade publica, orientação que ditou o programa, enunciado em sintese nesta frase do brilhante relatorio que precede o decreto de 18 de Abril de 1911: — *Ensinar scientificamente na escola o direito da vida e preparar o aluno para aplicar inteligentemente na vida o direito estudado na escola, eis um dos destinos do ensino.* Assim é que o *Boletim* insere artigos doutrinarios, em que não ha a especulação metafisica; insere trabalhos de jurisprudencia critica e resumo de sentenças, que são o Direito vivido e praticado, em termos que um pequeno comercio de ideas, vantajoso sob todos os pontos de vista, se estabelece entre a *Faculdade* e os *Tribunais*.

Eu fui dos que votaram a creação duma Faculdade de Direito em Lisboa, e agora, depois da minha visita a Coimbra, reconheço que isso foi uma providencia acertada, uma excelente providencia. A ela se deve a transformação porque em Coimbra passou o ensino do Direito, e isso bastaria a justifical-a.

Os professores que tiveram a condescendencia de me acompanhar na visita que fiz ao Instituto Juridico, honra que muito me penhorou, são homens novos, quasi rapazes que ninguem estranharia vêr de pasta. Pode dizer-se que não ha, presentemente, velhos na Faculdade, e ainda bem, porque uma obra nova tem de fazer-se com gente nova, cerebros inteiramente formados no seu maximo potencial de força psyquica, com audacias creadoras.

Rapida teve de ser a minha visita á Faculdade de Letras, por amavel convite do seu ilustre director, a quem renovo, deste logar, os meus agradecimentos, bem como aos seus colegas, que tiveram a gentileza de me acompanhar.

Está incompleto o edificio em que se acha instalada esta *Faculdade*, e de ha muito as respectivas obras teriam cessado, se não fôra a dedicação, levada até ao sacrificio, do dr. Antonio de Vasconcelos. Eu não quero dizer, denunciando uma revelação que me fizeram, que já foi necessario s. ex.ª levantar dinheiro, sob a garantia do seu credito pessoal, que é muito grande, para que as obras proseguissem, mas quero dizer, na esperança de ser ouvido, ao sr. ministro da Instrução, que faltam apenas trinta contos para que o edificio se complete, e que seria uma vergonha para a Republica deixar mal instalada uma Faculdade tão importante, por escassez de recursos monetarios de tão flagrante modestia.

O Museu da Faculdade instalado no que deveria ser o Teatro Academico, ficará sendo uma das mais valiosas curiosidades de Coimbra, pelo seu conteudo, sem duvida, e pela sua originalidade arquitectonica. Ainda não é rica, mas é já muito interessante a coleção epigrafica, instalada numa galeria em formação, por baixo da cupula, e nada deixam a desejar, sob o ponto de vista da higiene e da pedagogia, as aulas desta Faculdade.

Por um triz o dr. Vasconcelos, querendo poupar-me a fadigas, não me priva de alguns minutos de arrôbamento estetico, vendo Coimbra e os seus lindissimos arredores da varanda que cinge quasi todo o edificio da Faculdade. Eu não conheço, em Portugal, cidade mais scenografica, como centro de região, do que Coimbra, e a scenografia, de multiplos aspectos que se observa daquela varanda, sobretudo nas indecisões dum entardecer com sol, é qualquer coisa de feerico, que enleva e hipnotisa, o *décor*, em mutação constante, dum vasto teatro em que se representasse, sem palavras, um poema de beleza inedita.

Que vaidosa é a Natureza!

Sim, porque ela não fez o homem senão para ter quem a admire...

*

Penso de mim para mim que bem podia ter-se construido a Faculdade deixando subsistir o *Tea-*

tro e *Club Academico*. A bem dizer o *Club* era uma especie de Casa de Estudantes; estreitava os laços entre os moços academicos, e se não os estreitava entre os academicos e os professores era por ter ainda a Universidade uma feição excessivamente monacal. O Reitor era *Prelado*, e as Faculdades reuniam em *Congregação*, cada uma delas, e em Claustro pleno quando se ajuntavam.

O Teatro servia para os rapazes se entreterem, representando coisas ligeiras, a mais interessante das quais era a recita dos quintanistas, no fim do ano. Foi ali que Ferreira da Silva revelou o seu admiravel talento de actor, as suas aptidões para a scena, tão notaveis que o levaram a abandonar os estudos para de todo se dedicar ao teatro, vindo para Lisboa, e rapidamente marcando o seu logar na fila dos actores consagrados.

O *Teatro Academico!*

Quando foi da celebre questão do *Zé-Pereira*, motivada pela prisão arbitraria dum estudante, o teatro chegou a ser uma Convenção, explodindo coleras juvenis em forma de cataratas de retorica.

Recordo-me duma noite em que apareceu um agente da autoridade, interrompendo a sessão, para dizer que o sr. Governador Civil mandava evacuar o teatro e fechar-lhe as portas.

Avançou Carlos Valbom, no palco, para declamar como Mirabeau:

— Estamos aqui em nome da justiça. Ide dizer ao vosso amo que só sairemos pela força das armas.

Houve uma tempestade de gritos e de palmas, continuando os trabalhos da Assembleia até que, não havendo mais ninguem inscrito, o Presidente encerrou a sessão, indo cada qual para onde lhe deu na gana.

Não me dispensa o dr. José Rodrigues de visitar o Hospital da Faculdade de Medicina, nem eu poderia dispensar-me de tal visita, medico como sou, arredado do exercicio da profissão, como civil, por aborrecimentos da clinica, reintegrado no activo do Exercito, por necessidades da guerra.

Coimbra tem hoje uma população, que é de proximamente trinta mil almas, e o respectivo districto é dos mais povoados de Portugal. Assim se explica que o Hospital da Faculdade albergue, ordinariamente, para cima de quinhentos doentes, não albergando maior numero por falta de rendimentos. Um hospital como este, em que se faz clinica escolar, precisa ter uma população muito grande, pois só assim haverá a garantia de que os alunos, terminado o seu curso, não sejam a cada passo surpreendidos por especies morbidas que lhes são absolutamente desconhecidas, por só as terem encontrado nos livros, e porventura na lição dos Mestres.

Satisfaz aquele estabelecimento aos mais rigo-

rosos preceitos da higiene hospitalar, o que em grande parte é meramente o resultado duma direcção e administração inteligentes, pois que a modestia dos seus recursos justificaria, de certo modo, quaisquer insuficencias e faltas. Magnificas salas de operações, com todo o instrumental que lhes compete, com todo o mobiliario de que precisam, com a mais conveniente distribuição de luz para funcionarem em quaesquer circunstancias.

Devem-se principalmente ao dr. Angelo da Fonseca, cirurgião especialisado em vias urinarias, as magnificas instalações cirurgicas que tem o Hospital, instalações em que se não trae, desde o que é essencial ao que é subsidiario, uma falta que seja sensivel, uma leve omissão que seja de notar. Passo rapidamente, pelo gabinete do professor Bissaia Barreto — um *boudoir*, observa José Barbosa, — e tenho ocasião de admirar ali os mais notaveis casos de cura, pelo sol, documentados em fotografias primorosas.

As enfermarias, amplas e bem arejadas, teem o numero de doentes que corresponde á sua cubagem, havendo o rigor, derivado dum honesto escrupulo profissional, de não permitir um *encombrement* prejudical em nome de mal entendidos sentimentos humanitarios. Cosinha ampla, num brinco, e ao lado a dependencia em que se faz a lavagem da loiça, em tanques, e a sua esterilisação pelo ar quente.

A instalação da radiologia e electricidade medica é perfeita, isto é, completa. Deve-se ela á superior competencia do meu querido amigo e ilustre clinico dr. José Rodrigues, assistente da Facúldade, que a montou de *toutes pièces*, improvisado electricista que pela intuição dos homens superiormente dotados substituiu uma longa aprendizagem, que não tivera ocasião de fazer. Todos os trabalhos de radiologia e aplicações electricas ali se fazem, tão bem como em qualquer outra parte onde se façam com inexcedivel correcção, quer sob o ponto de vista do *modus faciendi*, quer sob o ponto de vista das indicações terapeuticas.

Quer por força o dr. José Rodrigues radiografar a minha mão direita, e eu não tenho remedio senão condescender, embora sob a influencia de negras apreensões, com a sua vontade.

Quem sabe?

D'aqui por alguns annos, muitos anos, quando as coisas do nosso tempo já fôrem dos severos dominios da Historia, algumas dos vagos dominios da lenda, porventura a minha pobre mão radiografada dará logar a terriveis controversias.

Radiografada a minha mão, porquê?

Não podendo atribuir-se-me a morte de Cesar, á punhalada, por um Bruto romano, duma autenticidade fóra de todas as contestações, é bem possivel que venha a assentar-se ter eu sido aquele lendario facinora, que por amôr da Carochinha matou o João Ratão.

Sei lá!

Muito de corrida, porque se faz tarde, visito o Muzeu de Anatomia Patologica, bem como as aulas e laboratorio de medicina legal. O dr. Luiz Viegas, cujos talentos de administrador já eu verificara na visita ao Hospital, reconheço agora ser um mestre ilustre, duma competencia superior, na secção do ensino a seu cargo. O seu curso é feito por maneira que o ensino teorico e pratico se conjugam, um completando o outro, e os dois habilitando os estudantes a sairem d'ali perfeitamente armados para vencerem todas as dificuldades que o exercicio da profissão coloque na sua frente.

O Muzeu de Anatomia Patologica é dos melhores que conheço, não só pelo numero, mas tambem pela variedade dos exemplares, alguns duma extraordinaria raridade.

Eu ainda sou do tempo em que a Anatomia Patologica, nas Escolas portuguezas, era uma formidavel massada, de que não se lobrigava a menor utilidade

Fazia-se o ensino de cór, pelos livros, e a lição dos Mestres, com raras excepções, eram folhas de livro decoradas. Hoje o ensino da Anatomia Patologica, nas escolas portuguezas, tem uma feição eminentemente pratica, como lá fóra, e em Coimbra, pelo que me foi dado apreciar, numa rapida visita, ele faz-se por maneira a não merecer reparos que não sejam elogiosos.

Tempo houve em que os medicos de Coimbra não gosavam de excelente reputação como clinicos, por ser feita a sua educação extremamente sobre os livros, mais erudita que pratica. Faltava-lhes, ao que se dizia, o material de ensino; o Hospital da Faculdade tinha uma diminuta frequencia, e os Mestres, sofrendo talvez uma influencia de contagio, mais se preocupavam com a *doença* do que com o *doente*, como se a doença fosse a *realidade*, e o doente fosse a *hipotese*.

Seria assim?

Não sei; mas verifico que, se assim foi, já não é, o que registo com imenso prazer, prestando a minha sincera homenagem aos Professores da Faculdade de Coimbra, que o seriam com distincção em qualquer Faculdade estrangeira.

De Coimbra saem hoje clinicos tão bem preparados como de qualquer das outras faculdades, *cœteribus partibus*, com a necessaria teoria e a indispensavel pratica para bem exercerem a sua profissão. De resto, sempre em Coimbra houve grandes clinicos, o dr. João Jacinto, que foi um grande medico, e o dr. Sousa Refoios, que foi um grande cirurgião, sem falar dos vivos, o dr. Daniel de Matos e o dr. José Rodrigues, que são clinicos do mais elevado merecimento.

Não me chega o tempo para visitar algumas dependencias da Faculdade de Sciencias, e bem desejaria admirar, que mais não fosse, os *herbarios* do dr. Julio Henriques, o sabio Mestre e

ilustre botanico a quem devemos o melhor conhecimento da nossa flora, ainda mal explorada.

Ficará para outra vez, para muito breve, e então, visitando Coimbra como simples *touriste*, eu verei quanto não poude vêr agora, e recrearei novamente a minha alma na serena e demorada contemplação de quanto agora vi de relance.

*

A *Sociedade de Propaganda e Defeza de Coimbra* recebe-me na sua séde, e obsequeia-me com uma taça de Champagne. Daqui lhe renovo os meus agradecimentos por tamanha gentileza.

O dr. Manuel Braga, presidente da *Sociedade*, num breve discurso, em que me dá as bôas vindas, expõe os fins daquela Associação, afirma o direito que tem Coimbra a ser olhada com respeito e com simpatia pelos poderes publicos, e pede-me que seja, *ex-officio*, um delegado da *Sociedade*, quando a Lisboa chegarem, ou os seus protestos, ou as suas reclamações. Promessa facil, a que não me escuso, na melhor intenção de a cumprir.

Incidentalmente o dr. Manuel Braga falou da criação de uma Faculdade de Direito em Lisboa, dizendo que o coração de Coimbra ainda sangra d'esse imerecido golpe. Porque a creação da Faculdade de Direito, em Lisboa, se fez com o meu

voto, não me dispenso de o justificar ali, honesto e raciocinado como ele foi, e não fructo de qualquer paixão malevola.

Não devia uma capital, como Lisboa, já hoje com uma população de quinhentos mil habitantes, deixar de ter uma Faculdade de Direito, e pois que o antigo regimen não quizera fazel-o, a Republica teve de remediar essa falta. Deixou Coimbra de ter o exclusivo dos bachareis formados em direito, mas a sua Faculdade nada sofreu com a criação da Faculdade em Lisboa, antes isso lhe serviu de estimulo para ser agora o que nunca fôra, uma escola a valer, com mestres que pelo seu zêlo e pela sua competencia honram grandemente a catedra. Não ha razão para que ainda sangre o coração de Coimbra, nem a criação, em Lisboa, de uma Faculdade de Direito, é motivo suficiente para que a linda cidade se desfaça em pranto, como se fosse a propria Inez de Castro.

Serei sempre o defensor de Coimbra; a seu lado estarei sempre, ou seja para fazer vingar as suas legitimas reclamações, ou seja para dar força aos seus justificados protestos.

E' sempre tão agradavel defender uma bôa causa!

Nunca me perdoaria o grande Artista, que é Antonio Augusto Gonçalves, que eu estivesse em Coimbra, por algumas horas, e não visitasse o

Museu Machado de Castro—*o seu Museu.* Nem eu me privaria, voluntariamente, do prazer de uma tal visita, no receio de morrer em pecado venial.

*

A manhã está linda, uma fresca manhã de sol claro, de uma luz tão pura, que dir-se hia thindalizada. Entra-se no Pateo, sobrio de arquitectura, tendo na frente uma pequenina arcada, elegante e graciosa, que sustenta uma galeria ou varanda corrida, de onde se disfruta um dos mais lindos panoramos que oferece Coimbra á enlevada contemplação dos seus visitantes.

Munido do respectivo catalogo, cheio de notas interessantissimas, que são, em poucas linhas, a explicação abreviada de quanto ali se encontra, algumas vezes sendo mais do que isso, o comentario erudito dado, por assim dizer, aforisticamente, das coisas mais notaveis que o Museu contém, munido do respectivo catalogo, e dispondo de algumas horas, o visitante do Museu Machado de Castro realisa uma adoravel excursão pelos dominios da Arte, nas suas diversas manifestações, e abrangendo ciclos bem marcados, como dificilmente pode outro qualquer Museu proporcionar-lhe.

Eu tive a felicidade de ser acompanhado, na minha visita ao Museu, pelo sr. Antonio Augusto Gonçalves, que assim quiz fazer honra a um an-

tigo discipulo, talvez o seu peor discipulo, tão mau que nunca foi capaz de traçar corretamente as tangentes internas comuns a duas circumferencias. Não ha detalhe importante para que o ilustre cicerone não chame a minha atenção, aqui fazendo notar a beleza mascula de um torso, além obrigando-me a admirar, atravez da exuberancia rhetorica de uma escola de Arte, a correcção verdadeiramente grega de uma escultura de mulher.

Por certo não é este o Museu mais rico de quantos tenho visitado, mas um daqueles em que mais se nota a superior competencia e a hypersthesia artistica de quem o organisou e dirige, em cada detalhe pondo solicitudes de apaixonado, e no conjuncto afirmando um saber perfeito e raro.

O demonio é que tenho de correr, e tudo ali é digno de ser visto com muito vagar — as suas faianças, na maior parte, na sua quasi totalidade, pertença de Antonio Augusto Gonçalves e do dr. Joaquim Martins de Carvalho, que ali as têem em deposito; os seus azulejos, que formam uma pequenina mas interessante colecção; os seus tapetes, um deles riquissimo, tapete persa, do seculo XVI, tão bem conservado que dir-se-ia moderno.

Que me perdõe a memoria do Brioso, oleiro insigne que é uma das glorias de Coimbra, e que o sr. Antonio Augusto Gonçalves apresenta aos visitantes com justo desvanecimento, não se esquecendo de dizer, com intenção, que ele foi predecessor de Vandelli.

Muito á pressa, porque me foge o tempo, visito o Tesouro da Sé, pequeno Museu d'arte sagrada, de que teve iniciativa o Bispo D. Manuel Correia de Bastos Pina, e que é duma opulencia rara. Os seus turibulos, as suas custodias, os seus pratos e correspondente gomil, os seus calices e relicarios, toda esta riqueza artistica, que é tambem uma riqueza intrinseca, afirmam os talentos da nossa raça, como lavrantes, e documentam um ciclo de labor artistico por largo periodo de sete seculos.

Ultimo passo da minha encantadora *procissão* de esteta, numa terra que é um mimo de Arte—a Sé Velha. Dizem os livros que ela tem umas poucas de vezes cem anos; que talvez fosse, primitivamente, mesquita arabe, transformada depois em templo cristão.

Templo romanico de uma pureza rara, apenas manchado por uma torre quadrangular, que uma excessiva tolerancia ali conserva ainda, a Sé Velha é uma joia arquitetonica da Peninsula, e tal como é hoje, um documento de autenticidade refeita, ela é a melhor obra do sr. Antonio Augusto Gonçalves.

Restaurador apenas?

Sem duvida; mas que talento dispendido nessa obra de restauração, que requintes de sentimento, que ternuras de apaixonado no trabalho feito para restabelecer a verdade arquitectonica que a estupidez, mais do que a selvageria, tinham adulterado!

Escrever-se-ha um dia, num futuro remoto, fazendo a biografia dos homens notaveis do nosso tempo — *Antonio Augusto Gonçalves*, auctor da *Sé Velha.* — Em Historia o verosimil é verdadeiro, embora não seja verdade.

*

Não; Coimbra não é hoje como eu a conheci, ha muitos anos, ainda era caloiro, e a diferença não resulta essencialmente de ter electricos e telefones, em serviço municipalisado. Rasgaram-se avenidas, edificaram-se bairros, em termos que uma cidade nova veiu juntar-se á cidade velha, que felizmente conserva o seu primitivo caracter.

Em Portugal ha poucas terras, vilas ou cidades, que tenham cunho original, um aspecto *sui generis*, uma fisionomia tão sua, que nenhuma outra lembrem, e nenhuma outra as faça lembrar. O dr. Alves de Sá, que era um ilustre causidico *doublé* dum artista de multiplas aptidões, pintor e musico de invulgar merecimento, dizia-me uma vez em Evora, a proposito de criminosos vandalismos de que já fôra victima aquela historica cidade: *Depois de Nuremberg, Evora é a terra de mais caracter que conheço.*

Um momento houve em que Nuremberg esteve quasi a ser victima do camartelo sanitario, aflictos os medicos porque o ar circulava dificilmente nas suas ruas estreitas e sem alinhamento,

e as infiltrações do solo, recebendo toda a casta de porcarias dum aglomerado de muitos milhares de habitantes, elevavam desmesuradamente a cifra da sua morbilidade, com muito natural repercursão na industria dos funerais. Acudiram os homens de gosto delicado, os fieis de uma religião que não tem dogmas e não tem misterios, e se chama a Arte, clamando que seria um sacrilegio destruir o que naquela admiravel terra bavara era uma cristalisação de remotas epocas, o documento duma velha historia ou tradição que valia mais que os pergaminhos, arrumados numa biblioteca.

Certo é que se beneficiou Nuremberg, sob o ponto de vista da higiene, sem que a cidade perdesse o seu caracter inconfundivel, a sua particular fisionomia, demonstrativa como uma lição de Historia.

E' bem possivel que a minha impressão, colhida numa visita rapida, não corresponda á realidade; mas quer-me parecer que a Academia já hoje não imprime a Coimbra aquela feição escolar, de bohemia desenvolta, que lhe imprimia em tempos não muito distantes.

Por aqui andam estudantes, a capa ao hombro, cabelo ao vento, bota amarela em grande numero, alguns de gravata encarnada; mas parece-me que eles são hospedes na cidade, como eu, e dentro da Universidade, na Via Latina e

nos Geraes, mal reconheço a Academia doutro tempo, numerosa e turbulenta, duma turbulencia que era a vida exuberante, mais do que propriamente a desordem.

Desapareceu o Teatro Academico, que era um forte elemento de coesão entre os estudantes, e o regimen de cursos livres como que desnaturou a vida escolar, no que ela tinha, por assim dizer, de universitario. Pode ser-se ao mesmo tempo, na actualidade, estudante de Direito em Coimbra e secretario da Camara, no exercicio das respectivas funções, em Cabo Verde, que fica mais perto da Africa que da Europa.

Eu bem ouvi guitarras e violas, pela noite alta, esplendida de luar, acompanhando a voz dum estudante, em requebros de namorado, a escoar-se atravez dumas persianas discretas, e ir talvez acariciar os ouvidos duma beldade adormentada.

E' certo; mas relembro a Coimbra escolar do meu tempo, e parece-me que a não encontro, as capas nada mais sendo hoje que uns restos de tradição, assim a modos uma sobrevivencia indumentaria, em vias de completo desaparecimento.

O rio é uma larga estrada de areia; quasi se atravessa a pé enxuto, mal oferecendo aqui e além o necessario volume d'agua para que uma pequenina barca transporte uns vagos passageiros, na extensão de poucos metros. Só em pleno verão, ahi pelos calores do mez de Agosto, eu tinha visto o Mondego assim reduzido a um areal

molhado, com fios d'agua que se vê bem realisarem um esforço titanico para irem dizer ao Oceano, lá adeante, na Figueira, que o rio ainda não acabou de todo, a contorcer-se numa agonia lenta, que vem de muito longe, pranteada pelos salgueiraes das margens — *sunt lacrymae rerum !*

Não me dispensa o dr. José Rodrigues dum breve passeio ao Choupal, que é um dos encantos maximos dos arredores de Coimbra, e não se dispensa o seu orgulho de coimbrão de me levar pela estrada que conduz a Miranda, na extensão de alguns quilometros, antecipadamente seguro da impressão que em mim fará o admiravel scenario que se observa, de variadissimos e encantadores aspectos.

Que remedio, senão deixar Coimbra, voltar ao inferno de Lisboa, onde o desvairo das gentes na linguagem do cronista, imprime á vida colectiva uma feição de manicomio!

Graças ao alto e bem justificado prestigio dos amigos que ali tenho, amigos pessoaes e politicos, eu fui recebido com requintes de amabilidade, como em Braga, e pela mesmissima razão, o que me faz ter orgulho de pertencer á União Republicana, agremiação de homens de bem, contra a qual nada podem as furias de quem quer que seja, nada valem as ambições megalomanicas seja de quem fôr.

Hão de ter remorsos, um dia, os que empenharam o melhor dos seus esforços, uns por maldade, outros por estupidez, em guerrear a União Republicana por forma que nunca ella pudesse governar. Os pasquins realengos atidos á formula — *quanto peor melhor*, nunca se mostraram tão encarniçados no combate contra o Partido Democratico como contra á União Republicana, e por esse paiz além, a despeito de ser a União um partido conservador, nos seus intuitos e processos, tratando-se de eleger deputados ou senadores sempre os monarquicos deram os seus votos, os que não se abstinham de intervir no acto eleitoral, aos candidatos democraticos.

Tenho hoje muita pena de não ter fundado a *Lucta* mais cêdo, porque talvez, auxiliado por bons colaboradores, tivesse preparado gente para a Republica, e a melhor preparação para o exercicio das novas instituições sería arrancar o paiz á indiferença politica a que resvalou pela má conducta dos partidos de rotação, na vigencia da realeza, e formar uma corrente forte de opinião republicana e democratica por forma que o regimen tivesse a apoial-o os espiritos mais esclarecidos e os caracteres mais honestos, gente devotada á causa publica.

Nunca tive a ambição pessoal de ser alguma coisa em Politica, tomada a palavra no bom sentido; mas acicatou-me o desejo, impregnado do mais são e elevado patriotismo, de ver a União

Republicana a governar, convencido como estava de que ella havia de realisar uma obra dignificante da Republica e util para o paiz.

Seja como fôr, o modo como fui acolhido em Coimbra, pela razão que já disse, tonificou o meu espirito, robusteceu a minha fé, deu alento á minha alma para continuar à frente do que desdenhosamente teem chamado uma patrulha os pretensos chefes de quadrilha. Ha de chegar para todos uma hora de justiça.

No teatro, onde realisei a minha conferencia, estando a plateia cheia de estudantes, não houve um dito que significasse menos respeito, não houve um gesto, embora disfarçado, que traduzisse aborrecimento. O hospede valia pelas pessoas que o apresentavam, e estas eram das que em Coimbra vivem numa aureola de respeito.

A' saida, quando ia a meter-me no carro, perto de mim, um *gavroche* de capa, com muita inteligencia nos olhos negros, brilhando na face morena dum arabe marroquino, disse em voz suficientemente alta para que eu ouvisse: — *Qualquer dia soltam o Afonso Costa, e ahi o temos a fazer uma conferencia sobre aguas medicinais.*

E porque não, seu alma do diabo?...

Março de 1918.

A Penha Verde

Não é preciso guia.

Sae-se da Estação, toma-se o caminho dos Electricos, e dentro em pouco, questão de um quarto de hora, vinte minutos, andando sem pressa, está-se na Praça da Republica, que por signal não é Praça, mas apenas a dilatação varicosa duma ruela curta e feia.

Coisa alguma nos prende a curiosidade, durante este breve percurso; absolutamente nada se topa que nos suscite admiração. O edificio da Camara Municipal, muito pequeno, excessivamente ornamentado, com vagos tons do arabe e do manuelino, dir-se-ia feito em gesso, e estar ali, em mancha de relevo, para disfarçar um muro. O Palacio Real, com as suas chaminés em forma de almotolia sem aza, constitue um aglomerado de edificios disparatados, que não é possivel meter dentro duma unidade arquitectonica, subordinar a determinado estilo, referir a uma

escola, prender a uma epoca. Não se descobre uma linha geral de construção, e o sabor mourisco de algumas janelas, muito poucas, não faz com que o espirito nos fuja para idades remotas, e com que os olhos procurem, esquadrinhando aquela mole imensa, vestigios duma Alhambra que ali possa ter existido, talvez bela como a de Granada, dominando a veiga imensa...

Da Praça da Republica chega-se, em poucos minutos, ao fim da rua Consiglieri Pedroso, e ali, num pequeno lago que corresponde a uma bifurcação da estrada, a Providencia dos caminhantes poz um banco de madeira proximo do gradeamento que constitue balaustrada, sobre o boqueirão dum vale fundo e estreito. Mal se entra no largo, no muro em frente vê-se uma lapide comemorativa do centenario do nascimento de Garret, e, na quinta que o muro resguarda, a casa, em fórma de chalet, em que ele compoz, naturalmente, algumas das suas poesias datadas de Cintra, e inspiradas na particular beleza deste rincão privilegiado.

> Vê como é bela a solidão, querida;
> Como entra pelo peito
> Não sei que gosto cheio de brandura!

Senta-se a gente no banco, habitualmente deserto, e alongando a vista pelo estreito vale fronteiro, espraia-a na planicie ligeiramente ondulada que se estende, lá adiante, até ao mar. Peque-

nos, insignificantes nucleos de população; casaes dispersos; manchas bronzeas ou rocheadas das vinhas já sem fructo, molhadas das primeiras chuvas do outono; moinhos parados, de torre branca, á espera que o vento, enchendo as velas, os ponha a andar, e uma estrada sinuosa, em zig-zags asimetricos, sem graça, desaparecendo numa prega do terreno, a descaír para o mar.

Grandes arvores, geralmente platanos, a um lado e outro da estrada, bracejam por cima dos muros, e assim formam uma especie de baldaquim esburacado de verdura, muito extenso, aqui e além muito alto, lobrigando-se atravez dos seus rasgões, em manchas discretas, isoladas, o azul purissimo do céu.

E aqui nos aparece, á esquerda, a primeira manifestação da sumptuosidade do sr. Milhões, sob a forma duma larga janela manuelina, com uma pequena varanda no mesmo estilo, em colunas alternadamente grossas e delgadas.

Um pouco mais adeante, do lado direito, metido o tronco num gradeamento de ferro, aparece-nos uma das mais curiosas e mais belas arvores que ha em Cintra, uma velha sobreira que é, na minha ignorancia da botanica florestal, a avó de todos os *quercus* que por aqui ha, podendo contar historias e episodios de seculos. Uma profusão enorme de fetos herbaceos cobre-lhe as pernadas mais grossas, desde o tronco, ornamentando-a com tanto luxo e tanta graça, que uma

semelhante forma de parasitismo tem o ar duma simbiose em que a Arte colaborasse.

Diz-se que a rainha Amelia, encantada com a excentrica beleza desta sobreira, se empenhou grandemente em que ela fosse transplantada para o Parque.

Semiramis, se tivesse concebido este capricho, não desistiria de o ver realisado; mas a rainha Amelia era apenas uma Orleans, com devoções de irmã professa, sendo por isso facil convencel-a de que a sobreira, nostalgica do logar em que nascera, se a transplantassem para o Parque, morreria de saudade.

Ainda bem que assim foi, porque ela está ali, num cotovelo da estrada, a encantar a vista de quem passa, os fetos servindo de ornato ás suas pernadas grossas, decorativa como numa scenografia de teatro.

O palacio do sr. Milhões, construido á beira da estrada, entre Pizões e Setiaes, é todo em pedra rendilhada, duma alvura que contrasta desagradavelmente com o verde *nuancé* do arvoredo que o cerca, dum preciosismo arquitectonico que repugna á magestosa severidade da Serra. Naquele *décor* sem egual, que dir-se-hia feito por um scenografo mitologico para a representação duma opera, em que os interpretes fossem ciclopes, o Palacio do sr. Milhões fere como uma desarmonia, choca como um contraste violento, ofende como a grosseira blasfemia que alguem proferisse

a meio dum oficio divino, celebrado no altar-mór duma vasta, imensa catedral.

As edificações em cantaria, para não darem uma impressão esmagadora de peso, absolutamente inestetica, precisam realisar o maximo de harmonia no seu conjuncto, ter um aspecto tal de elegancia que a ele se nos prendam os olhos, numa caricia em que ha o quer que seja de macio e de leve.

Para a edificação do seu Palacio, o sr. Milhões deu esta coisa indispensavel — o dinheiro; mas o arquitecto é que não concorreu com esta coisa imprescindivel — o talento, ou então obedeceu ao unico proposito de pôr ali aquela sumptuosidade, á beira da estrada, para ela gritar a quem passa que é de milhões, muitos milhões, a fortuna do sr. Monteiro dos ditos.

Acontece com certas peças arquitectonicas, o que acontece com certas peças literarias — a opulencia é um indicador de pobreza, nada mais sendo, a profusão de ornatos, a exuberancia de relevos, do que uma vã retorica, procurando inutilmente encobrir ou disfarçar uma raquitica eloquencia. A repetição insistente dos motivos clasicos, com intencionaes modificações; a estilisação de motivos banaes, revestindo formas estravagantes, algumas infantilmente ingenuas, outras ridiculamente pretenciosas, tudo isto, por via de regra, afirma pobreza de concepção, mingua de faculdades creadoras nos dominios da imaginação

artistica, carencia daquele bom gosto que se não deixa esmagar pela opulencia, antes se aproveita dela para dar mais realce ao Belo.

Positivamente o palacio do sr. Milhões não merece que a gente se detenha na sua contemplação, invejando-lhe as cordas manuelinas para atar feixes de lenha, admirando aquela fauna macabra de gargulas, esfinges e golfinhos que muito bem ficariam reproduzidos em faiança, para efeitos de propaganda artistica, a baixo preço.

Schopenhauer, o filosofo da Vontade, fez uma teoria d'Arte, e eu suponho que ele, posto em frente do palacio do sr. Milhões, considerando as suas condições de resistencia e de peso, a rigorosa adaptação do todo ao fim que se teve em vista realisar, talvez o achasse belo, não se dispensando de notar que sobre aquella base arquitectonica assentaria melhor uma esculptura mais sobría, uma ornamentação menos espalhafatosa.

Platanos enormes, cravados no muro, ensombram a estrada poeirenta, aqui e além, e por eles a hera trepa, espiralada, muito verde, anciosa de chegar lá acima, a banhar-se de sol. Passa um carro de bois, chiando, guiado por um arabe de olhos negros, muito negros, pés descalços, na cabeça um barrete azul em vez d'um turbante branco, em todo ele o ar desafectado do homem para quem todo o Tempo é o minuto que passa, e todo o Espaço é o logar em que está.

Interrupção do muro, á direita; uma esplanada

bastante ampla, com duas alamedas lateraes, e lá ao fundo, na tristeza dos Palacios ao abandono, uma velha moradia senhorial, em dois corpos, ligados por um arco.

E' Setiaes.

Remata o arco, todo em pedra, um vulgarissimo troféo por debaixo do qual, dentro de um medalhão, se exibe o paciente rei, Senhor D. João VI, e a virtuosa rainha, D. Carlota Joaquina, sua esposa muito amada. Uma inscripção em latim, por baixo do medalhão, celebra os altos predicados do excelso monarca, especialisando a *patientia, prudentia et justitia.*

Lá quanto á *prudentia* e á *justitia*, pode ser que haja motivos para duvidas; mas no que respeita á *patientia*, tinha-a como poucos, uma paciencia de... Exactamente o que o leitor acaba de dizer, e eu não posso aqui pôr.

A banalidade exterior do Palacio não convida a vel-o por dentro, onde nada ha que justifique a curiosidade. Ali se concertou a famosa Convenção de Cintra, pagina vergonhosa da nossa historia politica, vergonhosa para nós, que a essa infamia nos submetemos sem protesto, vergonhosa para os plenipotenciarios que a redigiram e assinaram, vergonhosa principalmente para a Inglaterra, que, sem o heroismo dos nossos soldados, talvez não tivesse conseguido frustar os propositos de Napoleão a seu respeito. Só porque ahi se assinou a chamada Convenção de Cintra é que o

Palacio de Setiaes merece que nele demoremos os olhos, deixando o espirito retrogradar mais de um seculo na evocação dos sucessos, tragicos uns, burlescos outros, que assinalaram a vida publica portugueza nos primeiros anos do seculo passado.

O Castelo da Pena, visto atravez do arco, dominando um oceano de verdura, recorta na atmosfera uma silhueta de contornos macios, cheia de graça, sendo lastima que se interponham uns platanos de grande porte, cuja ramaria alta mancha o campo da visão panoramica, dos mais belos que tem a Serra.

Vae a gente seguindo a estrada, mal distinguindo por cima dos muros, atravez das arvores, á esquerda a Serra, de multiplos aspectos, e á direita bocados da planicie alongando-se até ao mar.

Passa uma saloia, feia e velha, com um feixe de lenha á cabeça, e uma rapariguinha que a segue, mal vestida e descalça, pede-me esmola.

— E' longe a Penha Verde?

— Fica muito pertinho, meu senhor. Quer que lhe vá ensinar?

Numa das voltas que a estrada faz, á direita, fechando um arco insignificante, onde se nota um escudo em bom estado de conservação, fica a porta que dá entrada para a Penha Verde, porta que se abre a todos que pretendem visitar a quinta, sem necessidade de licença especial.

Não se furta a gente a uma certa comoção, a um respeitoso alvoroço ao transpôr aquela porta,

sabendo que ali viveu, depois de se cobrir de gloria em Africa e na Asia, o grande D. João de Castro.

O que iremos ali encontrar que nos fale do famoso vice-rei, que nos ponha em contacto com ele, numa evocação afectuosa, adivinhando nas rugas da sua face todas as atribulações da sua alma ?

Está em Lisboa o seu cadaver; mas por ali, na quinta, deve errar, nostalgica, a sua alma imortal, gemendo na agua das fontes, rezando á porta das ermidas, chorando as desordens da India nos vagos murmurios da floresta.

Instintivamente levo a mão ao chapeu, descobrindo-me, como se fosse entrar num templo, e logo o caseiro, desconcertado com a minha delicadeza, solicito e carinhoso:

— Cubra-se, meu senhor; esteja á sua vontade.

*

Um pequeno jardim abandonado; um pequeno tanque, no meio do jardim, de forma octogonal, sem agua. Do que foi a habitação de D. João de Castro, nada resta para memoria. Presume-se que ella ficava onde é hoje a moradia do caseiro, junto á qual anda a construir-se um rés-do-chão, da mais charra banalidade. Na parede que separa o jardim da Quinta, n'uma especie de nicho, vê-se um busto em granito, formado de dois bocados, assentando sobre uma cabeça de leão.

Entra-se propriamente na Quinta por uma porta insignificante, pintada de vermelho, e logo se nos depara, ao começo d'uma Avenida abundantemente sombreada, em cima d'um elevado plinto de granito, um excelente busto de mulher, typo romano. Seguindo por esta Avenida chega-se á *Capella de Nossa Senhora do Monte*, com o feitio d'uma torre de moinho, acachapada. No pequeno adro, em frente da Capella, tres arcos de pedra solta dão ao pequeno recinto, dominando a extensa varzea de Colares, o geito e os ares d'umas ruinas, um trecho de ruinas decorativas, como em jardins particulares. Esta Capella, que deveria ser a sepultura de D. João de Castro, é moradia de pacificos morcêgos que entram e saem livremente por uma fresta sem grades. Uma piasinha, em marmore preto, á entrada, lado direito, e no altar um baixo relêvo em marmore branco, sem valor de qualquer especie. Faz sentinella á entrada d'este recinto, o adro, uma carvalheira de tronco esvasiado, tão decrepita, tão velhinha, que a gente tem a impressão de ter ela sido a primeira grande arvore que nasceu na Quinta, uma das mais velhas arvores da Serra.

Descae a tarde. Branquejam para além da Serra as povoações saloias; as estradas, como grandes reptis cobertos de poeira, correm em zig-zagues, em direções varias. Sobresae no vago murmurio das arvores o pipilar de avesinhas inquietas, que andam talvez procurando o ramo mais geitoso

para levarem d'um somno a noite proxima. Um corvo passa, muito sereno, crucitando, e é tudo quanto perturba o silencio augusto d'esta imensa Cathedral...

Todas as Capellas da Quinta estão n'um mizeravel abandono, a começar na Ermida de S. Braz, nos baixos da casa onde habita o caseiro, e a acabar na Capella de Santa Catharina, no Monte das Alviçaras, um rochedo com meia duzia d'arvores que o grande vice-rei, estando na India, pediu que fosse anexado á sua Quinta, não para lhe acrescentar o valor, mas para a dotar com um miradoiro d'onde, n'um relance de vista, se abrange toda a vasta campina até Mafra, e os pontos culminantes da Serra, no Parque, — a Cruz Alta, o Palacio e o Castello dos Mouros. S. Pedro, na Capella do mesmo nome, é sem favor uma bella esculptura, todas as linhas correctas, todas as formas bem desenhadas; na face e nos olhos uma enternecida expressão de fé, o enlêvo d'uma prece que reconforta a alma e vae direita ao céu.

Talvez porque o Santo foi pescador, as paredes da Capella são forradas de conchas, umas grandes outras pequenas.

Abandonada como todas as outras, a Capella ou Ermida de S. João nada oferece á curiosidade do visitante que se lhe grave na memoria. A imagem do Santo, em jaspe, assenta sobre uma peanha de marmore preto, e toda a vida do Martyr está

contada em azulejos ordinarios, desde o baptismo á degolação.

Tres fontes gorgolejam na Quinta, uma d'elas coberta, forrada de azulejos polychromos. Fica logo adiante d'esta fonte uma pequena rotunda, a meio da qual um fantastico Neptuno, com o nariz roído pela avariose, exibe a sua nudez de monstro, com uma parra indecente a desafiar as atenções para o que se chama as vergonhas naturaes.

O cadaver do vice-rei deveria estar na Capella que elle designara para ser a sua sepultura, e a casa em que elle viveu, como se Capella fosse, deveria conservar-se com toda a singeleza, toda a modestia que reflectia a singela, a modestissima personalidade moral do homem forte que escreveu uma das mais belas estrophes da nossa epopeia de conquistas, primeiro no continente africano, depois no continente asiatico.

Nunca o Estado deveria perder, custasse o que custasse, a plena posse da Penha Verde, que deveria ser romagem obrigada para todos os bons patriotas que visitam Sintra, não deixando de a visitar o estrangeiro instruido, embora sumariamente, nos factos culminantes da nossa Historia, grande como as maiores.

As Capellas, pequeninos templos incarnando uma ideia e um sentimento que dominaram a alma nacional nos seus maiores empreendimentos, as Capellas não deveriam ter sido votada

ao abandono, ninhos de morcêgos irreverentes, nem sequer limpas, por decencia. — Abre-se a Capella de S. Pedro e aparece-nos o Santo como se fosse um condemnado, resando n'uma celula de Penitencia!

A Republica quebrou as suas relações com a Igreja; mas a Monarquia tinha uma religião do Estado, e muito antes do *cinco de outubro* já as Capellas da Penha Verde, como templos profanados, eram o que são agora, recordações d'uma fé que se perdeu, afirmações d'uma irreligiosidade que a substituiu e não tornou os espiritos mais independentes nem as almas mais delicadas.

Não se vendem, em Cintra, que eu saiba, fotografias da Penha Verde, e ainda ninguem se lembrou de mandar imprimir uma biografia resumida de D. João de Castro, vendendo-se pelo mais baixo preço a quem ali fosse em sagrada romagem. Seria a maneira facil de vulgarisar uma das mais brilhantes paginas da nossa Historia, rica como nenhuma outra, em certos periodos, de feitos gloriosos.

Se vale a pena visitar a Penha Verde, não é porque ella seja bella e aprazivel como a de Monserrate, ou tenha a grandesa e o encanto do Parque, lá em cima, na Pena.

Não; a Quinta, no seu abandono, aos estragos do tempo somando-se o vandalismo dos homens, não dispensa a visita de quem tenha o culto do passado, como uma religião sem Deus e sem do-

gmas, unicamente porque ali viveu o nosso quarto vice-rei da India, o Castro forte, como lhe chamou Camões, sucessor de Albuquerque o *terribil*, que não passou de governador.

A vista que se disfructa do Outeiro das Alviçaras, assim como da Senhora do Monte, é admiravel; mas de numerosissimos pontos da Serra se disfructa uma vista igual, e as modestas aleas ou ruas da Quinta, de sombra escassa á hora em que, no verão, o sol enche tudo d'uma luz viva e quente, não enfeitiçam os nossos olhos e não despertam a nossa sensibilidade. Qualquer, ignorando a historia da Quinta, ou sendo refractario ás sugestões que se desprendem de cada uma das suas arvores, de cada uma das suas pedras, qualquer n'estas condições anda por ali indiferente, e não se dispensa de dizer, á saida, como se respondesse a si mesmo — não vale a pena.

Ora se vale a pena!

Que melhor sitio para evocar toda a historía dos nossos descobrimentos e conquistas, as nossas lutas em Africa contra os mouros aguerridos, os nossos combates na Asia contra os indios perfidos, facilmente verificando que as nossas qualidades, como soldados, deixavam a perder de vista os nossos merecimentos como politicos e administradores, facto que ainda hoje se verifica, só com a diferença d'essas qualidades e merecimentos terem descido a tal ponto que já hoje não seriamos capazes de romper o cerco de Diu, mas

seriamos muito capazes de meter n'um chinelo os mais desaforados rapinantes que, exercendo o governo da India, puzeram nodoas de sangue e lama na mais fulgente pagina da nossa Historia.

Não é verdade que D. João de Castro faz lembrar Herculano?

Ambos foram soldados, e se não se bateram ambos pela mesma causa, foi porque os soldados portugueses do seculo XVI tinham de manter na India a grandeza e o prestigio da mãe Patria, não deixando perder as conquistas que haviamos feito, e no seculo XIX, na Europa, tinham de bater-se pela Liberdade, que o Absolutismo ameaçava, pondo-lhe a espada aos peitos.

Isolou-se D. João de Castro, depois de batalhar em Africa, na Quinta da Penha Verde, onde não queria arvores de fructo, talvez por desinteresse, talvez por egoismo de cenobita, evitando que o sentimento d'uma utilidade se misturasse ás suas cogitações de espirito melancolico e especulativo, só lhe aprazendo o silencio e a sombra, dando-se a ilusão, por largas horas, de que bastam á sustentação do corpo os enlevos do espirito.

Alexandre Herculano isolou-se em Vale de Lobos depois de rudes combates pela verdade historica, insultado, calumniado, como se nada valesse a obra que realisara, escabichando arquivos, revolvendo bibliotecas com uma paciencia de

beneditino, com uma profundeza de philosopho, com uma intuição de sabio, e sobretudo com uma probidade intelectual irrepreensivel. Simplesmente Herculano se meteu a fazer azeite quando deixou de fazer livros, procurando no convívio da Natureza as satisfações que não encontrara no convivio dos homens. A' Penha Verde foi D. João III buscar D. João de Castro para o fazer governador da India; a Valle de Lobos quiz a Politica ir buscar Herculano para o fazer deputado. Eram dois homens de caracter, tomada aqui a palavra na mais elevada acepção moral. Com esta diferença: Em D. João de Castro o sentimento da justiça predominava na formação do caracter; em Herculano predominava o sentimento da verdade. Ambos poderiam ter adoptado esta divisa — *neminem laede;* mas D. João de Castro acrescentar-lhe-ia estas palavras — *imo omnes, quantum potes, juva.*

Em D. João de Castro o sentimento da justiça coexistia com o sentimento da bondade; era magnanimo e genoroso quando não tinha necessidade de ser ferós e justiceiro. Não hesitava na aplicação do castigo justo; mas era-lhe mais agradavel premiar do que punir. Tinha a consciencia do seu valor, documentado em factos da maior retumbancia e do mais largo alcance; mas não se orgulhava do que fazia, porque ao seu Rei e á sua Patria devia todos os serviços que podia prestar-lhes, e o cumprimento do dever, no seu

criterio de stoico, seja ele qual for, dificil ou arriscado, é uma singelíssima regra de moral.

Tambem Herculano tinha a consciencia do seu valor, que era imenso; mas instintivamente punha em confronto as suas qualidades com as dos outros homens, considerados na generalidade, e logo o seu orgulho aparecia inquinado de desprezo, talvez menos afectivo que intelectual.

Morreu bem, depois da façanha de Diu, o varão justo que em hora de bôa inspiração a amizade d'um Príncipe inculcara para o governo da India, vencendo talvez baixas intrigas da côrte, onde se mercadejavam as altas situações no Ultramar. Se tem vivido, já vice-rei e não simples governador, de todos respeitado porque era justo, temido de todos porque era valente, querido do maior numero porque era modesto e bondoso, se tem vivido D. João de Castro, apotheosado em Gôa, depois de Diu, como um Imperador romano, bem diversa teria sido a nossa fortuna no Oriente e porventura Portugal seria hoje a maior potencia colonial da Europa, a despeito da sua exiguidade no continente europeu.

Já vae muito baixo o sol, a descair para o mar.

Na vasta planicie, lá adiante, suavemente ondulada, alternam manchas de sombra com zonas iluminadas; a atmosphera, encinzeirada, ligeiramente encinzeirada, é como que uma gaze imen-

sa, atravez da qual vemos as coisas ainda no seu tamanho verdadeiro e na sua forma natural.

Quem sabe?

Talvez mais logo, cerrada a noite, a alma do vice-rei apareça ahi na Quinta, errante e nostalgica, gemendo na agua das fontes, resando á porta das Ermidas, chorando a ruina d'um Imperio que ele julgara imperecivel, porque o alicercara sobre estas bases — a justiça, o heroismo, a austeridade.

Outubro de 1919.

Trechos do Minho

Sete horas da manhã. Céo nublado; atmosphera humida; temperatura do meio dia em pleno julho canicular.

Baio-me com uma açorda, á moda alemtejana, e toca para a estação porque os comboios, quando partem com atrazo, não é por estarem á espera dos passageiros retardatarios.

A *gare* é uma estufa hermeticamente fechada. Entrego a senha de lotação e vou procurando carruagem, metendo o nariz em todos os compartimentos, á procura de logar. Encontro-o e installo-me.

Partimos com atrazo, um pequenino atrazo, que facilmente se recupera.

Muito desagradavel a travessia do tunel, obrigando a fechar portas e janelas, por causa da fumarada. Diz-se que a Companhia pensa em electrificar a linha entre Lisboa e Cintra, modesto ensaio para uma electrificação mais larga. Deus

queira que o faça e seja mais bem sucedida que a Sociedade do Estoril, levada por artes do demonio a só empregar a electricidade... estatica.

Sente-se uma impressão de alivio á saida do tunel, e agradavelmente nos impressiona a incipiente Villa de Campolide, já com pequenos e bonitos *chalets* salpicando-lhe a encosta, quebrando com vantagem a severa magestade do Arco das Aguas Livres, um dos Monumentos da cidade.

Na Curía sae o ultimo dos meus eventuais companheiros de jornada, ficando eu senhor de todo o compartimento, podendo á vontade ir de uma para outra janella, quasi ao mesmo tempo assistindo ao desenrolar de duas fitas cinematograficas.

Continúa o calor, um incomodo calor que não seria de estranhar em julho ou agosto, e que escandalisa, além de incomodar, já pelos fins de setembro.

Espinho dá uma impressão de frescura, mas começa aqui a impertinencia da areia, como se a linha ferrea assentasse nas dunas, e a columna d'ar que o comboio desloca, marchando a sessenta á hora, as varresse para cima das carruagens.

Estamos em Gaia.

Paragem d'alguns minutos, e aqui estou eu atrapalhado, sem me decidir pela direita ou pela esquerda, na travessia da ponte, porque o pano-

rama, a montante, é lindo, e a jusante é simplesmente admiravel.

Tenho por certo que a ponte cairá um dia, se não cair uma noite, e julgo mais provavel que caia á passagem d'um comboio, que aliviada de toda a carga. Ella não realisa um milagre, sequer ao menos um prodigio de engenharia; mas é uma obra d'Arte que nada tem de banal, quer se considere sob o ponto de vista esthetico, quer se considere sob o ponto de vista da mecanica aplicada.

O comboio marcha devagar, muito devagar; infelizmente a ponte é curta, de modo que não me chega o tempo para encher os olhos com o espectaculo que a cidade oferece, debruçada sobre o rio, dominando a massa indistinta mas particularmente interessante do casario, a graciosa e elegante Torre dos Clerigos.

Chegamos a Campanhã.

Está formado o comboio que ha de levar-me á Trofa; um empregado, de má catadura, diz-me que se fôr comprar bilhete me arrisco a ficar em terra — como se eu, tomando o comboio, me fizesse ao mar. Afinal quasi me chegava o tempo para ir ver o Palacio da Bolsa; mas o passageiro encontrado sem bilhete paga uma rasoavel multa e do producto de tais multas os empregados teem bôa percentagem. Deixo aqui este traço de zelo burocratico, como prevenção aos jornadeadores como eu, sujeitos como eu a serem multados.

Carruagem velha e de mau aspecto; comboio ronceiro; um calor aborrecido que nos faz suar as estopinhas e antecipa, sem a minima vantagem no que toca á sudação, o tratamento que vou fazer, tomando banhos a trinta e seis graus.

A cidade prolonga-se, em arrabaldes, por ahi fóra, quasi até Ermezinde, e d'aqui até á Trofa a paysagem, entre duriense e minhota, já prende a vista com interesse, sobretudo de S. Romão para diante, até ao Entroncamento. Pequenos vales esmeradamente cultivados; as encostas bem guarnecidas de pinheiros, ainda sem prestimo, porque são muito novos, atestando que por aqui a desarborisação que se fez, por motivos da guerra, foi seguida de repovoamento. Ramadas com os seus esteios de pedra, sombreando ruas compridas e largas, por onde passam carros á vontade.

Chegamos á Trofa com atraso, mas graças a S. Torquato o comboio de Guimarães ainda não partiu, deixando-nos ficar aqui por umas horas.

Carruagem limpa, agradavel á vista, dispondo bem para o resto da viagem, obra de vinte e seis kilometros, que eu faria belamente a pé, anos atraz, vendo tudo á minha vontade, refazendo-me de forças á sombra das grandes arvores, matando a sêde a beber sem copo, na corrente limpida e fresca do rio... E' uma triste coisa envelhecer, sobretudo quando se não envelhece integralmente, enfraquecendo ao mesmo tempo e por

igual todos os orgãos, aparelhos e systemas, por igual e simultaneamente diminuindo todas as energias — as do corpo e as do espirito.

O comboio marcha lentamente, mas por vezes eu acho que ele marcha com demasiada velocidade, tanto me encanta a paysagem que a um lado e outro da linha, mas sobretudo do lado direito, se oferece aos meus olhos curiosos, mal habituados aos encantos panoramicos do Minho.

Este rio Ave, que vamos seguindo, nasce perto de Guimarães, e reconhecendo-se sem forças para chegar ao oceano, conchavou-se com o Vizella, tão fraco como ele, e assim consegue não desmentir o velho dictado — todos os rios vão ter ao mar. Mais largo aqui, mais estreito além, não perde a continuidade duma corrente que seria navegavel ou fluctuavel se tivesse mais agua e menos rochas. No inverno, com meia enchente, deve ser agradavelmente pictoresco, quebrando-se nos pedregulhos que não pode submergir, formando burdos tumultuosos, estendendo largas toalhas com franja de espuma nos multiplos açudes que encontra.

Vem dos milharaes verdes, dos verdes choupos, platanos, castanheiros e ramadas como que uma impressão de frescura, que pobremente consola. Se ainda é verdadeiro o famoso principio da correlação das forças, eu julgo que ele se pode generalisar aos nossos sentidos, reductiveis á unidade. A vista de certas iguarias faz crescer agua

na boca, provocando sensações gustativas, como se estivessemos a comer. Ouvindo certos trechos de musica a gente vê, na mais flagrante realidade subjectiva, bocados da Natureza ou scenas da vida social, que um pintor fixaria na tela sem mais trabalho que o de copiar.

Não bole uma folha, de modo que esta impressão de frescura que eu sinto olhando o verde que tinge, com infinitas gradações, toda a exuberante flora minhota que vou atravessando, é positivamente um phenomeno de transformação da côr em sensibilidade periferica, pouco me importando, porque não sou physiologista, o modo como ela se opera.

Montes de pequena elevação, de flancos asperos, por eles acima trepando insignificantes pinheiros silvestres, talvez mais uteis, mas com certeza menos interessantes, que os pinheiros mansos, de farta e arredondada cabeleira.

Quintas, como se diz no Minho, chamando assim indistintamente, á propriedade e á habitação; Montes como se diz no Alemtejo, excluindo d'esta denominação a propriedade, salpicam estes campos verdejantes, alguns com o aspecto e tamanho de casas senhoriaes, muitas de feição burgueza, denotando abastança e conforto, em grande numero casinhotos de pedra solta, insignificantes casulos onde vivem incansaveis abelhas operarias.

No declive mais suave das encostas e na cu-

mieira dos cerros mais avantajados, Igrejas ou capellas que sorriem aos nossos olhos hereticos, e são pontos luminosos que fixam os devotos, com intima satisfação, quando pela manhã saem para o trabalho, e quando á noite recolhem para o descanço.

E aqui me aparece agora, um pouco abaixo de Caniços, o pequenino rio Vizella, a entrar no Ave, os dois, fazendo um só, indo aos trôpos — galhopos até Vila do Conde, onde entram no mar.

Chegamos a Vizella.

A Estação é insignificante; nem sequer tem uma salinha de espera.

Que demonio!

Ha muitos annos que Vizella é uma estancia thermal grandemente frequentada, não sendo exagero computar em tres a quatro mil o numero de pessoas que dos principios de Maio aos fins de Outubro, em cada anno, aqui veem fazer uso das aguas, as que não veem senão para fazerem companhia aos aquistas, entre os quaes ha muitas senhoras e creanças.

Valia a pena ter aqui uma Estação que impressionasse bem quem chega, uma Estação como ha algumas na linha de Cintra, como são quasi todas as do Valle do Sado, e quer-me parecer que a Companhia, fazendo-o, não desfalcaria sensivelmente os seus rendimentos.

No ano proximo o apeadeiro da Curia será uma Estação *coquette*, uma pequena Estação

para que se olhe com simpatia, abrindo gentilmente a porta que dá acesso aquellas afamadas aguas.

A quatro passos da Estação fica uma Estrada, que é a principal rua de Vizella — a rua Abilio Torres, medico hydrologista que consumiu o melhor da sua actividade durante a maior parte da sua vída a fazer e a acreditar o estabelecimento thermal que aqui ha.

Instalo-me no Hotel Universal, uma especie de pensão burgueza que me recomendaram em Lisboa, sem pretensões a *Palace.*

*

A *season*, como se diz, á moda ingleza, decorre entre os começos de Julho e os meiados de Setembro. A concorrencia maior é de quinze de Julho a 31 d'Agosto, sendo absolutamente insignificante no mez de Maio, e por igual insignificante no mez de Outubro, isto é, no primeiro e ultimo mez da temporada. Diz-se que a eficacia das aguas é maxima nos mezes quentes, dependendo este facto, cuja authenticidade não garanto, da temperatura do ambiente. Esta vantagem é problematica, e a coisa certa, nos mezes de Julho e Agosto, é o pobre aquista fazer bicha de tres e quatro horas para tomar o seu banho de imersão. Felicito-me por ter chegado tarde, em primeiro logar porque escapo a este martirio, e em segundo logar porque já a população do Hotel

é menos ruidosa, menos dansante, menos philarmonica, passando-se horas e horas sem que se oiça ganir o piano.

Quer isto dizer que Vizella, n'este fim de Setembro, soalheiro e esbrazeado, é uma terra quasi deserta, caida na sua habitual pacatez de todo o ano?

De forma alguma.

Ainda por aqui ha muitos aquistas; o balneario ainda é bastante animado em todas as suas secções; o Cinema ainda funciona dia sim, dia não, e á tarde, na pequena esplanada do Parque, tomando coisas frescas e vendo patinar, ainda muitas senhoras e cavalheiros fazem apetite pára o jantar.

Gozam estas aguas de excelente reputação, aconselhadas para doenças varias e não apenas, como muita gente cuida, para a avariose, como pudibundamente se chama á syphilis. N'uma *Breve Noticia descriptiva do Estabelecimento Balnear de Vizella* encarecem-se os seus prestimos e virtudes, sendo de lamentar que esta noticia breve não tenha a assignatura d'um medico, embora seja manifesto que um medico a redigiu na parte propriamente clinica..

Ha nas aguas medicinaes, ao que parece, qualquer coisa que escapa ás analyses de laboratorio, materia ou energia que a Sciencia ainda não definiu, e que entra por muito no seu poder medicatriz. O radio, já hoje banal como qualquer

droga de botica, só ha pouco tempo foi descoberto, e a elle devem taes aguas uma bôa parte dos seus efeitos curativos.

A quimica diz-nos qual é a sua composição: o thermometro diz-nos qual é a sem temperatura; mas a Verdade é que duas *Aguas* que contêem aproximadamente os mesmos elementos e têem uma thermalidade do mesmo grau, actuam muito diversamente como medicamento, uma sendo eficaz onde a outra é indiferente. Significa isto que a informação clinica, no que diz respeito a aguas minero-medicinaes, deve ser o mais abundante possivel, fazendo-se registo cuidadoso de todos os casos, e cada um d'eles sendo objecto d'um exame rigoroso e completo. Quer dizer, a estatistica é o melhor atestado do valor therapeutico das Aguas — o seu melhor atestado e o seu mais valioso réclame.

A *Companhia dos Banhos de Vizella* faria bem se tomasse em consideração estas verdades elementares, e pois que tem ao seu serviço quatro medicos — não digo quatro clinicos — não seria milagre que a estatistica das aguas fosse perfeita e completa.

Os romanos já conheceram e utilisaram estas aguas, como se prova com documentos aqui encontrados, lapides, inscripções, mosaicos e piscinas, alguns dos quaes estão na *Sociedade Martins Sarmento*, em Guimarães. Tudo faz crer que não seriam inuteis as investigações arqueo-

logicas que aqui se fizessem, desde que as fizesse pessoa de reconhecida competencia. Foi por acaso que se encontraram nos escoriaes das minas de Aljustrel duas tabulas de bronze atestando que os romanos do tempo de Augusto já fizeram a sua exploração e utilisaram os banhos de S. João do Deserto. Sem a invernia de 1876 talvez ainda hoje se ignorasse uma das mais interessantes paginas da Villa de Mertola, que Estacio da Veiga estudou sob o ponto de vista arqueologico, não tendo sido continuado, até agora, o seu valioso mas incompleto trabalho.

A gente portugueza é pouco curiosa, e como a curiosidade, conforme ensinava a Filosofia lyceal do meu tempo, é a mãe da sabedoria, a sua ignorancia é verdadeiramente angelical.

Vizela, freguezia do concelho de Guimarães, é cortada pelo rio do mesmo nome, mas o grosso da povoação fica na margem direita. Tem bons edificios, pela maior parte sem merecimento arquitetonico, áparte dois ou tres *chalets* de bom gosto, em que vale a pena reparar. As construções pesadas, d'uma grande simplicidade geometrica, solidas como blocos de granito, ficam mal dentro d'um parque ou d'um jardim, n'um macisso de grandes arvores, como é Vizela.

O Balneario é um admiravel estabelecimento, provido de tudo quanto precisa ter para bem desempenhar a função que lhe compete. Todos os serviços são bem ordenados e bem dirigidos, e

das virtudes curativas d'estas aguas fala a multidão que aqui acorre todos os anos, a tratar-se, tres ou quatro milhares de pessoas sofrendo de molestias varias.

Conjecturo que além de serem eficazes no tratamento das pharyngites, bronchites, arthereosclerose, dyspepsias, enteralgias, ingurgitamentos de figado, certas doenças cutaneas, formas varias de rheumatismo, e muitas outras mazelas do fôro medico, elas actuam beneficamente, promovendo a cura, em certas afecções cirurgicas, como seja, por exemplo, as unhas encravadas. Nem d'outro modo eu saberia explicar o facto de me encontrar aqui, e encontrar todos os dias no Balneario, devidamente friccionados, respeitaveis eclesiasticos, munidos de lençol e toalha para o banho de imersão.

A rua principal de Vizela... é uma estrada. Chama-se como já disse, a Rua Abilio Torres. Ficam n'esta rua os principaes hoteis, as principaes lojas, os cafés, os casinos e o inevitavel cinema. Como rua, a funcionar de Avenida, apesar de muito estreita, é o *rendez-vous* de todos os passeantes, depois do jantar. Ora sucede que por esta rua, por ser estrada, os automoveis passam, a cada instante, ferindo lume, realisando velocidades brutaes. Só pela intervenção milagrosa de S. Torquato, que é o Santo de maior poder milagroso em toda a redondeza do Minho, é que não sucedem aqui, n'esta rua, em cada dia e

cada noite, desgraças irremediaveis, o atropelamento de pessoas, de burros e carrinhos, tudo amassado debaixo d'um automovel. Os petizes gostam imenso de passear de burrinho, metidos em cadeiras que os livram de quedas, uma cadeira que em velhos tempos não dispensavam as madamas que montavam cavalo ou egua, e não tinham excessiva confiança nos seus talentos de Amazona. Os carrinhos são fiacres de palmo, capota fixa ou movel, a que se atrela um burrinho, e têem, algumas vezes, capacidade para dois pimpôlhos. Mulheres ou moças já crescidotas guiam os burros e os carros, muito solicitas com os petizes, fingindo que cedem ás suas instantes e repetidas solicitações para que acelerem o andamento dos animaes.

Os burros, coitaditos, passaram o dia a trabalhar, de sol a sol, e á noite, quando lhes apeteceria, como a tantos outros, ir para o Café ou para o Cinema, levam-nos para aquela corredoira, andando sem destino, cançando-os e moendo-os só para que tenham alguns minutos de distração estes adoraveis grandes despotas que são as creanças pequeninas.

Este *sport* infantil não era possivel no Alemtejo, porque nenhuma mulher ou moça já espigada se prestaria a tanger os burros, por considerarem o entretenimento demasiadamente aristocratico para os meninos, e excessivamente servil para elas. E' bem diferente a indole das gentes,

em cada Provincia, mesmo n'um pequeno País como o nosso, d'uma unidade perfeita sob o ponto de vista ethnico e historico, de menos perfeita unidade, quer-me parecer, sob o ponto de vista geografico.

A verdade é que Vizela precisa d'uma Avenida para os seus passeantes, infantes e cavaleiros, e andaria avisadamente se prohibisse as corridas de automoveis n'uma estrada que é a sua principal rua, e que não tem mais de cinco metros de leito rodado.

O Parque, propriedade da Companhia dos banhos, não é grande, mas tem certa magestade, formado de grandes arvores — eucalyptos altos de dois ou tres dezenas de metros, cedros quasi da altura dos eucalyptos. As palmeiras é que não encontram ali boas condições de vida, mortas umas, outras na agonia, secas e mirradas. O verão de 1926 foi extraordinariamente seco; o outono promete ser tão seco como o verão. Certo é que no Parque tudo parece ter sêde, e os estalos que ali se ouvem, de noite, quando tudo dorme na povoação, quer-me parecer que são o trabalho de raizes fundas, rompendo em direção ao rio, á procura d'agua.

Um passeio no rio, desde o Parque até á chamada Ilha dos Amores, feito no cair da tarde, já com o sol abaixo dos montes proximos, não se pode dizer que seja um deslumbramento, mas é interessante. A Ilha é um pequeno môrro, quasi

sem vegetação, que obriga a corrente a bipartir-se, os dois fios d'agua vindo juntar-se n'um pégo relativamente amplo. E' passeio que se faz, remando sem desembaraço, preguiçosamente em menos d'uma hora, ida e volta. Os amieiros, exuberantemente ramalhudos, formam a dupla bordadura do rio, a tocarem a agua pela rama, e por detraz d'eles, muito esguios, muito altos, os choupos mergulham em todo o seu comprimento, e encanta mais os olhos a imagem que o objecto que a projeta!

Parece que n'outro tempo havia ali uma vegetação exuberante, propicia aos idilios praticos, a coberto das vistas indiscretas, e por isso lhe chamaram Ilha dos Amores, devendo ter acrescentado á poetica denominação a palavra ilicitos.

Pois vale a pena fazer este passeio, que mais não seja uma vez na temporada, pelo cair da tarde, já com o sol abaixo dos montes proximos, as sombras, diluidas n'agua, dando a este pequeno trecho do rio a doçura d'um lago quieto, um grande tanque de jardim, emoldurado em buxo.

Tem Vizela um bom Hospital, feito a expensas d'um minhoto rico, homem de bom coração. Fica bem situado, n'um ponto alto do povoado, e a sua construção, de recente data, já obedeceu aos melhores preceitos da hygiene hospitalar — um corpo central, ligado por espaços cobertos a duas alas lateraes, que são duas explendidas enfermarias, amplissimas, de muito pé direito e cheias de

luz. Fica a cosinha nas trazeiras do edificio principal, e a elle ligado por um corredor tambem coberto, e que talvez ganhasse em ser menos comprido. Ha duas enfermarias de isolamento para os portadores de doenças contagiosas, e uma salita de autopsias, que já serviu uma vez, por junto. Os medicos da povoação fazem de graça o serviço do Hospital, pobre de rendimentos, só não fechando por lhe valerem alguns bemfeitores com esmolas de varia natureza. A enfermagem é feita por Irmãs da Caridade, que nada ganham, segundo o preceituado no seu Estatuto.

E' um problema dificil, o da hospitalização, em terras pequenas como esta, sendo licito perguntar se vale a pena dispender muitas dezenas, algumas centenas de contos na construção d'um Hospital a que se não acolhem, durante o ano, duas duzias de doentes. Este, por exemplo, sustenta permanentemente sete pessoas, — quatro Irmãs, duas creadas e um creado. A alimentação d'estas sete pessoas custa uns trinta e cinco escudos por dia, um conto e cincoenta escudos por mez, ou seja doze contos e seiscentos escudos por ano. Ora o Hospital tem de rendimento anual uns escassos oito contos, o que tanto faz dizer que vive em regimen permanente de deficit, como o Estado.

Como o jogo é proibido, severamente proibido em todo o territorio da Republica, em Vizela joga-se á vontade durante a temporada de banhos, e

natural seria que a batota pagasse a Vizela, para os seus melhoramentos de toda a ordem, uma contribuição valiosa. Não paga muito, mas paga alguma coisa, e o que paga vai quasi integralmente para Guimarães, a parte do leão — *quia nominor leo*.

Ainda não ouvi falar de escudos em Vizella. No que diz respeito a dinheiro, pelo que observo e pelo que me dizem, o Minho ainda reza pela cartilha monarquica.

— Como vende os figos, tiasinha?

— Seis á corôa.

— Como vende os lenços, menina?

— Oito mil réis a meia duzia.

Da mesma forma que não se fala em escudos, tambêm não se fala em litros, e o kilo ainda não fez esquecer a libra e o arratel.

— Quanto ganha vocemecê n'um dia, a fiar?

— E' conforme, meu senhor. Posso ganhar cinco corôas, se fiar uma meada.

— E quanto pesa uma meada?

— Pesa libra e meia.

O lavrador do Alemtejo exprime a sua produção cerealifera em moios; o lavrador do Minho exprime-a em carros. E' o *carro de pão*, milho ou centeio equivalente a quarenta alqueires. Aqui perto fica o solar d'uma senhora muito rica, possuidora de muitas quintas, pessoa de muito bem fazer e que recolhe, uns anos por outros, trezen-

8

tos e sessenta e cinco carros de pão — tantos carros como dias tem o ano.

Contou-me o barqueiro do passeio á Ilha dos Amores que esta Senhora, aqui ha anos, teve de pleitear nos tribunaes uma questão de paternidade ilegitima, por ter o seu primeiro marido, de colaboração com uma franceza, engendrado um pimpôlho que se habilitou á herança do pai. Muito devota, a Senhora ofereceu cincoenta contos a S. Torquato se tivesse ganho de causa. Ao mesmo tempo constituiu advogados, não por ter menos confiança no Santo, mas porque havia certas diligencias a fazer junto das testemunhas, que não ficaria bem ao santo fazel-as directamente.

— E vocemecê acha que a Senhora ganharia a questão se a tivesse entregado a S. Torquato, dis pensando os advogados?

A'gora ganhava! As testemunhas foram dizer ao tribunal o que os advogados lhes tinham ensinado, e foi por isso que a franceza perdeu.

— Mas S. Torquato recebeu os cem contos?

— Pois se a Senhora fez a promessa, havia de cumpril-a.

Convida-me o sr. Sá Cardoso para um passeio a Guimarães, que fica distante de Vizella uns dez kilometros. Pois vamos lá em segunda visita ao berço da Monarquia, como era uso dizer-se antes da Republica proclamada.

Muito poeirenta a estrada, mas n'um estado de

conservação que permite grandes velocidades. Passam carros de bois a chiar, e mulherzinhas, descalças, com grandes feixes á cabeça, desengonçam os quadris, como certas elegantes do Chiado, sem nada na cabeça... por dentro.

Milharais ainda verdejando; couves de talo comprido, com tres ou quatro folhas na extremidade; eucalyptos e platanos a crescerem ao desafio, e as classicas ramadas formando ruas compridas, cheias de sombra, em que seria agradavel passear, em mangas de camisa, olhando os cachos maduros.

Guimarães é uma terra interessante, que eu já conheço, tendo-a visitado em 1918, no consulado de Sidonio Pais.

Porque ella foi o berço da Monarquia, isto é, da nacionalidade, devia ter havido o cuidado de lhe conservar a feição primítiva, não deixar perder os monumentos que assignalaram as suas origens, e que eram, no fim de contas, paginas da sua historia. Não impediria isto o seu desenvolvimento de cidade moderna, como n'uma Biblioteca os livros novos de forma alguma ficam prejudicados pelo facto de n'ella existirem, em estantes separadas, os cartapacios de maior antiguidade. Dentro das muralhas que cingiam o castello ficavam os Paços reaes, e faz pena que eles tenham desaparecido, porque n'eles cresceu e se fez homem o primeiro rei de Portugal.

Acreditará o leitor que algumas das torres que

se erguiam das suas muralhas, e que nem por serem elemento de defeza, deixavam de ser adorno, acreditará o leitor que essas torres foram demolidas ha menos de cem annos para se calcetarem as ruas?

Anda em obras a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, onde se vê a pia em que foi baptisado D. Afonso Henriques, *segun se cuenta.* Dou uma volta pelo claustro, a verificar se ainda lá se encontra, metida na parede, a oliveira do milagre que deu o nome ao templo.

Muito curioso, muito original e elegante o cruzeiro que serve de vestibulo á Igreja, todo em pedra, mas nem por isso dando uma impressão de peso, antes se afigurando leve, d'uma suave harmonia. Bastante largas as ruas novas, estreitas e irregulares as ruas velhas, em muitas delas notando se construções inteiramente semelhantes a muitas que se vêem em Chaves, a algumas que se vêem em Vila Real de Traz-os Montes, de balcão avançado e varanda corrida, com uma tosca cobertura de telha vã.

Houve aqui, em velhos tempos, uma especie de Universidade, em que se professavam as humanidades, e se ensinava a philosophia e a theologia — como nas demais Universidades do tempo.

Seria verdade ter aqui nascido João Pinto Ribeiro?

Parece ser verdade ter aqui nascido S. Damaso, que foi Papa, e pretendem alguns auctores que

tambem aqui nasceu Gil Vicente, havido por fundador do theatro portuguez, o nosso Plauto, segundo os entendidos na materia.

A estatua de D. Afonso Henriques, na praça mais ampla da cidade, não se pode dizer que seja uma obra prima, mas não envergonha quem a fez, Soares dos Reis, e tem um certo poder de sugestão, que alevanta o espirito, por forma que a analise miuda das suas linhas e atitudes se torna impossivel, a obra d'Arte nada mais sendo do que a projecção do Conquistador, visto na realidade que lhe empresta a nossa imaginação, a uma distancia de oito seculos.

Uma cidade como esta, mais velha que o proprio Christo, pequenina mancha germinativa de que se gerou Portugal, residencia do primeiro rei que tivemos, digno de figurar n'uma galeria de Monarcas que houvessem inscripto o seu nome, como imperantes, na pagina mais epopeica da Historia, uma cidade como esta deve ser vista de noite, á hora do silencio, apagadas as lampadas electricas, um luar discreto permitindo ver tudo como atravez d'uma neblina sem consistencia, porque é n'estas condições que os seus edificios historicos, uns em ruinas, outros restaurados, falam com soberba eloquencia, contando lendas piedosas e feitos heroicos.

Sabem lá os historiadores se D. Thereza foi ou não a amante do conde de Trava, se o filho a prendeu ou não a prendeu no Castello de La-

nhoso!... O que se sabe, fóra de toda a contestação, é que lá em cima, nos Paços amuralhados, a viuva do conde D. Henrique desenvolveu talentos politicos como se fosse um Bismark de saias, e deu provas d'uma coragem tão viril como se fosse um lidador medieval.

Entramos no café Egypcio a tomar cerveja, e ficamos muito admirados de não vermos um arabe que nos sirva, um beduino que nos cicerone, se tivermos o capricho de subir á mais alta das pyramides, tão admiravelmente pintada que parece um montanhoso pão de ló.

Duas Sphynges, severas na sua compostura divina, presidem áquella estravagancia de pintura mural, sendo notaveis as parecensas d'uma dellas com uma alentada matrona que ha pouco vimos, n'uma ruella por traz da Sé, á porta d'uma taverna, as mãos espalmadas nos joelhos.

Quem visita Guimarães não se dispensa de ir á *Penha*, e se tem bôas pernas e gosta de lhes dar exercicio, toma pelo caminho mais curto, e ao cabo de meia hora está lá.

Como demonio se me varreu da memoria esta pequena e agradavel excursão, feita muito a correr, é certo, mas ha poucos anos, acompanhado de alguns bons amigos e dedicados correligionarios que tinha em Braga, entre eles o dr. Justino Cruz, homem d'uma só fé e d'uma só cara, á antiga portugueza?

As estradas, no Minho, são muito melhores que

as do Alemtejo, incomparavelmente melhores, não se lhes podendo comparar as dos arredores de Lisboa, sem conservação e sem reparação, pode dizer-se, desde 1911, ano em que se realisou o Congresso de Turismo, ainda estavam na Rotunda alguns dos heroicos revolucionarios que para ali tinham ido, na disposição de darem a vida pela Republica... no dia 7 d'Outubro.

Em menos de nada, alguns minutos, deixamos a estrada de Fafe, e começamos a subir a Penha. Nenhum outro carro sobe, nenhum outro carro desce, e muito embora as curvas sejam apertadas, algumas de raio insignificante, o automovel trepa com desembaraço, zig-zagueando sem mudar de velocidade, graças á pericia e pulso firme do sr. Sá Cardoso.

Vale a pena, por variadissimas razões, fazer esta excursão, e vale a pena fazel-a com vagar, porque o panorama que de lá se avista diversifica muito nas diferentes horas do dia.

Em Cintra ha grandes monolitos; mas estes, os da Senhora da Penha, são muito maiores, e acham-se dispostos por maneira a formarem um conjunto em que a Arte parece ter colaborado com a Natureza. O maior de todos estes monolitos mede duzentos metros de circumferencia e vinte metros de altura. Um artificio grosseiro dá a impressão de escorrer agua do bojo d'este pedregulho, uma agua que se bebe com agrado, porque está fresca e é pura.

Mostra-nos as curiosidades da Penha o sr. Joaquim da Silva, que serviu n'um convento de frades desde os dezasseis anos até á proclamação da Republica. Apresenta-se-nos em mangas de camisa, sem barrete nem chapéu, um molho de chaves na mão, barbeado de fresco, as patilhas curtas. Devia ter sido um frade borregueiro, o Joaquim da Silva, se a condição modesta da sua familia lhe tivesse permitido adquirir umas letrinhas.

Pobre cicerone!

Não sabe fazer outra coisa senão encarecer o tamanho d'aquelas pedras — *vejam os senhores! não ha outras assim no reino.*

— E quem as trouxe para aqui, sr. Joaquim?

— Foi Deus Nosso Senhor.

— Vocemecê diz isso por ter visto ou por ter ouvido dizer?

— Por ter visto - responde o Joaquim da Silva, e ri destampadamente, nada ofendído com a nossa observação voltaireana.

Fez-nos subir degraus, descer degraus, passar cautelosamente por estreitas galerias que os monolitos formam, encostando-se uns aos outros, até que nos conduz a uma gruta, escavada na rocha, gruta que é um pequenino templo guardado á entrada por Santo Elias, a dormir.

Solicitamente o Joaquim nos faz notar uma das maiores pedras da coleção, que não assenta na terra, e tem a forma — diz ele — d'um navio.

— Esta, vejam os senhòres, é um balão cheio; aquela parece que foi cortada á faca.

Resistimos á vontade que o Joaquim mostra de nos levar ao alto da torre dos sinos, afirmando que d'ali é que se gosa uma vista linda. Mas cá debaixo tambem a vista é linda, sendo apenas de lamentar que a luz crua d'um sol em braza ponha tudo n'uma evidencia brutal, como n'uma exposição bem ordenada.

Faz-me notar o dr. Jordão de Freitas que a cidade afecta, vista d'ali, grosseiramente, a forma d'uma estrela, de raios muito desiguaes. O Joaquim explica, em palavras sobrias, que de Guimarães é que saiu o reino inteiro, tendo D. Affonso Henriques matado os mouros todos que ao tempo o dominavam. E aponta-nos os Hoteis do Gerez, lá muito longe, n'aquela garganta, vê?...

Estes horisontes são curtos, limitados por cortinas de montes pouco avantajados; mas estes vales são apraziveis, amanhados como se fossem jardins, explorados como se fossem hortas.

Procura o sr. Sá Cardoso, munido de kodak, obter um instantaneo do sr. Joaquim da Silva, sempre desbarretado, em mangas de camisa, o colete aberto, um molho de chaves na mão direita, as patilhas estacando a meio da bochecha, cortadas á americana. Pois mal percebe que o querem retratar, toma *pose* academica, de que mal consegue arrancal-o o dr. Jordão, a distrail o

com perguntas, — aquilo além o que é?... S. Torquato onde fica? — a ver se o reduz ao natural.

Passamos, de corrida, pela Igreja de Nossa Senhora, que nada tem de interessante, a não ser um grupo, Santa Joanna e S. Joaquim, atribuido a Machado de Castro. Faz-se nesta Igreja um pequeno comercio de coisas sagradas, e recebem-se esmolas em dinheiro, para a sustentação do culto e obras necessarias de reparação do templo.

Ergue-se a estatua de Pio IX, em marmore branco, do meio d'um eirado, vasto e redondo, d'onde se avistam longos e belos panoramas. A estatua é uma bôa escultura, cheia de vida interior, que se reflecte, dominadora e reacionaria, nas feições do seu rosto, duro e severo. Ia jurar que ele tem na mão o Syllabus, a tremenda encyclica que desfechou contra o Modernismo, pretendendo chumbar a Sciencia profana á Theologia sagrada.

A' medida que entardece, a atmosfera torna-se menos transparente, levemente encinzeirada. As mil *nuanccs* do verde, que tinge esta flora minhota, abundante e pouco variada, tendem a fundir-se n'uma só côr, o verde carregado, ainda distinto da mancha escura do pinheiral das encostas, onde ha urzes e sargaços.

Vê-se além S. Torquato cuja romaria é a mais concorrida do Minho — a mais concorrida e a mais pagã, d'um paganismo tão realista que a sua influencia se faz sentir, ao que me contam, no

movimento populacional da terra minhôta. Um pouco mais acima, a branquejar de cal, fica a minuscula freguezia de Fafe, onde Camilo fez decorrer a acção do seu romance, melhor dizendo, talvez, do seu drama, *Mysterios de Fafe*, não direi a mais romantica, a mais sentimental das suas obras, mas com certeza uma das que ele mais abundantemente encheu de flores doentias, regadas com lagrimas. Quer-me parecer que o nosso romancista, se tem vivido na antiguidade grega, não teria escripto os dramas de Euripedes nem as comedias de Aristophanes, mas teria escripto uma ou outra das tragedias de Sophocles e Eschylo.

Descemos vagarosamente a montanha de Santa Catharina, e quando nos apanhamos em terra plana, o automovel parece que tem o diabo no corpo, marchando vertiginosamente, guiado por mão dextra e forte.

*

Se não visse descalças todas as mulheres do povo, descalços quasi todos os homens de trabalho, mal cuidaria estar n'uma terra minhôta, a indumentaria desta gente sendo, com pequena diferença, a dos alemtejanos da mesma categoria social. A chinela, o sóco, vão desaparecendo, como vae desaparecendo tudo o que constituia no trajar do povo uma caracteristica regional. Alguma coisa se deve ganhar com isto, pouco ou muito, visto

que se faz por toda a parte; mas eu, a este respeito, sou reacionario, e muito sinceramente lamento que a Moda, sobrepondo-se á Tradição, uniformise o trajar dos homens e das mulheres, vestindo toda a gente pelo mesmo figurino, todos fregueses da mesma costureira ou do mesmo alfaiate.

O despotismo da moda!

Não dá a gente um passo fóra de casa, seja onde fôr, que não encontre as madamas de cabelos cortados, os homens de cara rapada, salvando-se d'este ridiculo, por emquanto, a população rural, que não tardará em imitar tão inestetica pratica.

Que é muito higienico, muito aceiado...

Dir-se-ia que os cavalheiros nunca lavaram a cara, emquanto usaram barbas, e que as senhoras nunca lavaram a cabeça emquanto usaram tranças. Podiam ao menos ter a franqueza de dizer que se tosquiam e se rapam em obediencia á moda, e que amanhã deixarão de o fazer, voltando á primeira forma, se a moda fizer reviralho.

Mas se é a higiene que induz as senhoras ao sacrificio das tranças, porque a não levam um bocadinho mais adiante, cortando o cabelo á escovinha, pelo menos cortando-o mais curto, como faz a maior parte dos homens?

Se fosse casado e a minha esposa, fazendo-me surpreza ou contrariando a minha opinião e vontade, me aparecesse um dia á *Garçone*, punha

imediatamente uma acção de divorcio; se m'o fizesse uma amante, punha-lhe escriptos, para trespasse.

Não fica mal o cabelo cortado nas creanças, ainda nas indecisões do sexo, até aos dez, doze anos, podendo levar-se a tolerancia até aos quinze, em casos excepcionaes até aos dezoito. A partir de então a mulher está feita; mascarar os seus atributos femininos, dando-lhe geitos d'homem, é como se um malvado, apanhando a geito as três graças de Rubens, lhes pintasse bigode.

Pobre gente vaidosa!

Uma cara de velha n'um corpo d'homem, é uma *pochade* que faz rir; nma cabeça de menina n'um corpo de matrona, é uma caricatura que nem sempre provoca o riso, porque algumas vezes move á piedade.

As longas tranças, a farta cabeleira da mulher é uma das maiores seduções do adjutorio gracil e apetitoso que o Senhor fabricou d'um osso, adornando-o com as maiores voluptuosidades da carne, para uso e regalo do pai de todos nós. A velha poesia romantica achava delicioso morrer-se afogado nas ondas revoltas duma cabeleira negra, geralmente negra, quando essa cabeleira enfeitava a adoravel cabecinha duma adoravel mulher. Uma trança comprida, macia como o veludo, negra como o ebano, era a corda que apeteciam, para se enforcarem, os Romeus olheirentos que traziam sempre a alma cheia de sonho e as algibeiras

cheias de cotão. O nosso tempo é mais positivo, de substancial realismo; mas levar a positividade até desnaturar a mulher a ponto de se parecer com o homem, perdida a graça, os naturaes encantos do seu sexo, é converter uma bôa parte da poesia da vida na mais grosseira prosa.

Sempre me insurgi contra o despotismo da moda, decretada sem nenhumas formalidades, e comtudo mais imperativa, mais obrigatoria que as leis saidas do Parlamento e os decretos com força de lei saidos duma caserna.

Pode lá ser, o mesmo chapéu para todas as cabeças, a mesma blusa para todos os troncos, as mesmas saias ou vestidos para todas as pernas?

Diz-se e parece ser verdade, que a farpela, antes de ser conforto, foi luxo, antes de ter o destino util de preservar contra as agressões do tempo, foi um elemento de selecção na lucta sexual. Imagine-se então, as velhas e as novas, as gordas e as magras, as altas e as baixas, as morenas e as loiras, todas paramentando-se da mesma forma, como se na realisação esthetica d'uma figura, que não pode exibir-se nua, fosse indifferente a côr e o feitio, a substancia mesma da sua *toilette!* A cara rapada e o cabelo cortado, são porventura a expressão d'uma degenerescencia que pode levar, pela infecundidade, á morte da raça, ao aniquilamento da especie, e este receio não é vão, se considerarmos que é de cada vez maior o numero de pedrastas e trybadicas.

Um horror!

A moda arremeteu contra o Moral, obrigando velhas e novas a decotarem-se até um pouco acima do umbigo, a pendurarem as saias até ao meio da rotula, os braços nús até á azelha do hombro, mostrando quasi tudo para que se adivinhe o resto, Dizia-me outro dia um bohemio, no Chiado:

— Não lhe parece que a impudente exposição gambial de certas mulheres deve entrar por muito no feitio excessivamente artistico da cabeça de certos homens?

A verdade é que ainda não vi minhôtas... desde que estou no Minho, aquelas minhôtas que ás vezes aparecem em Lisboa, nas kermesses ao ar livre, a titulo de representação ethnographica. Já as procurei, inutilmente, no Adro da Igreja, á saida da missa, e fui hontem procural-as, tambem inutilmente, ao Mercado.

Qual minhôtas nem qual carapuça!

O que eu vi no Mercado, em abundancia, foi loiça de barro para usos domesticos, loiça fabricada em Barcellos e em Guimarães, grosseira e mal feita, muito inferior á que fabricam os pretos, em Moçambique, sem nenhuma aprendizagem, Cantaros levemente bojudos, de duas azas, uma maior, como um arco butante, ligando o bôjo ao gargalo, a outra muito pequena, como uma azelha, no bôjo, do lado oposto. Ficam bem ao pé d'estes cantaros os cangirões de Barcellos pretenciosamente artisticos, incorrectos na forma,

asymetricos, os desenhos d'uma simplicidade primitiva, e a pintura d'uma só côr. Todas as azas são chatas, espalmadas, como se fossem uma caracteristica de Escola, um artefacto regional com garantias de monopolio. Os objectos feitos de verga e madeira aberta são por igual desgraciosos, nem sequer apetecendo olhar para elles, quanto mais compral-os. Dou por mim a recordar o que vi em Moçambique, productos variadissimos da industria indigena, e penso no que diriam os pretos que nós andamos a civilisar se viessem á Metropole, em visita de estudo, para verem como estamos civilisados. Toda a fructa que ha no mercado não presta, mas pedem dinheiro por ella como se fosse de primeira qualidade.

As peixeiras, arregaçadas até ao cotovelo, fazem uma algazarra de mil demonios, encarecendo a excelencia do que vendem.

— O' cegos abri os olhos, e vêde esta riqueza!

A qual riqueza vem a ser a bella sardinha da Povoa, aqui vendida, como os figos, a *seis á corôa*.

Um pequeno marco, em pedra, goteja agua sulphurosa para um tanque octogonal, que é um pantano esverdeado e nauseabundo, cercado por um gradeamento de ferro. Deve ser muito dispendioso ter este tanquesito limpo, visto manter-se semelhante imundicie no Mercado.

E pois que Felgueiras dista poucos kilometros de Vizella, vamos até lá de passeio, creando vontade de jantar.

A estrada é feita de linhas curvas, ligadas por breves linhas rectas.

Mal se percebe que um rio, o Vizella, corta o vale que se estende, á esquerda, rio que não pode offerecer agua em abundancia, para regas, porque se arriscaria a perder o logar que tem na hydrografia minhota, para ser um desprezivel barranco. As encostas, no Minho, são abundantemente povoadas de pinheiros; os vales, regularmente quadriculados, são campos de milho, feijão e couves, sem contar as ramadas, factor comum em toda a exploração agricola da Provincia. Os milhos ainda não secaram; as uvas já amadureceram, vendo-se aqui e além, subidos a escadotes, homens e mulheres cortando cachos, alguns parecendo que são fructo do *esteio*, pendurados a grande altura. A'parte este minusculo episodio de vindima, não ha trabalhos de campo, n'este momento, fazendo-se já sentir duramente a estiagem, prolongada de quasi seis mezes. Foi terrivel o anno cerealifero passado; ameaça não ser melhor do que elle o anno que principia. A produção, em todo o Paiz, foi insignificante, a produção de todos os generos alimentares, desde o pão ao vinho.

No Minho ainda o homem do campo trabalha de sol a sol, e ganha metade ou pouco mais de metade do que ganha no Alemtejo, onde começa a trabalhar já com muito sol, e larga o trabalho ainda com muito dia. E sobre trabalhar mais, o

rural minhoto come menos; a sua alimentação faz-se com uma tijella de caldo e um bocado de brôa, os mais bem tratados alambazando-se uma ou duas vezes na semana com uma lasca de bacalhau ou uma amostra de toicinho. O que ele não dispensa é uma quartilhada de vinho a cada refeição, almoço e jantar, se o patrão o tem de colheita, gulozo do vinho com agulha, que pica na guela. Todo o vinho da região, vinho verde, é d'uma insignificante graduação alcoolica, não podendo, comtudo, beber-se como se fosse agua, porque embebeda quando d'ele se faz um uso imoderado.

Interrompe-se agora a classica paysagem do Minho, sempre agradavel á vista, mas *á la longue* um bocadinho monotona por excessivamente repetida, e quasi vemos com prazer uma pequenina zona selvatica, de pastos altos, pinheiritos ralos e enfezados, tojeiras amarelas, sem flôr, mediocre facha inculta, talvez por ser incultivavel, que atravessamos em segundos.

Chegamos a Felgueiras.

Andam a ajardinar praças e largos, duas *équipes* de trabalhadores, que com certeza trabalham á jorna, porque se distrairam, quando nós chegamos, do trabalho em que estavam... de olharem uns para os outros. Tudo quanto Felgueiras tem para nos mostrar, está á vista, e vê se n'um relancear d'olhos, insignificante povoação na raiz d'um monte pouco mais alto ou pouco mais baixo

que a Senhora da Penha, de seiscentos metros d'altitude. Lá em cima fica *Santa Quiteria*, onde o automovel chega percorrendo uma estrada que parece ter sido aberta sobre o rasto d'uma cobra.

Pois vale a pena visitar Santa Quiteria, como vale a pena visitar a Senhora da Penha, não demorando a visita a qualquer d'estes miradoiros.

O que ha em Santa Quiteria?

Ha um convento de jesuitas, hoje adaptado a Hotel; ha uma Igreja moderna, banal por fóra, estapafurdia por dentro, e ha a moradia de gente pobre, que ali vive permanentemente, o sacristão e alguns trabalhadores. A bem dizer Santa Quiteria é uma lomba terraplanada. Ao começo d'uma larga Avenida, larga e comprida, que anda a fazer-se, ao lado e um pouco para diante do Hotel, ergue-se uma estatua da Imaculada, em marmore branco, como a de Pio IX, as duas avistando-se uma á outra por cima dos montes intermedios.

E'-me desagradavel encontrar Santos fóra das Igrejas, a não ser em nichos, santos pequeninos, imagens que a devoção popular colocou á beira dos caminhos para contarem a quem passa lendas e tradições poeticas. Pôr a Imaculada em cima d'uma columna de pedra, na correntesa dos ventos, sujeita ás intemperies, podendo sofrer a irreverencia dos passaros, afigura se-me uma profanação, um sacrilegio. Santos que foram frades

não ficam mal, em pedra ordinaria, na frontaria d'um convento, porque nunca perdem o feitio de masmarros, e a gente recorda, a olhar para eles, toda a longa historia picaresca das madraçarias conventuaes.

Mas estatuar a Imaculada, expondo-a ás saraivas e aos soes, como diria o Camillo, no desabrigo d'um cerro, pequeno demais para throno do Altissimo, e grande demais para altar de santo!...

Grandes sobreiras, velhas e agigantadas, de tronco vermelhusco, sem casca, oferecem o regalo da sua fresca sombra, aos desgraçados tuberculosos que para aqui veem, no verão, fazer curas de repouso.

A Igreja, na verdade, é uma extravagancia, por dentro, feita segundo os planos d'um arquitecto ou mestre d'obras futurista, a quem deram carta branca para asnear á vontade. O corpo da Igreja é um corredor; o cruzeiro, com pulpitos e galerias, faz pensar em camarotes e balcões d'um theatrinho barato para representação de presepios.

O que justifica, então, uma visita a Santa Quiteria ?

Horisontes largos não ha no Minho, mas tudo é relativo, e os panoramas que se desenrolam á nossa vista, em Santa Quiteria mais do que na Penha, seria injustiça consideral os como bonitas aguarelas de Museu, encaixilhadas em cerros pedregosos.

Esta Provincia não é rica de côr, como o Algarve; a bem dizer toda a sua gamma é feita de gradações do verde, a que se juntam, em certas epocas do ano, por muito pouco tempo, colorações de fructos ou plantas que amadurecem e d'algumas folhas que morrem. Um pintor como Delacroix, por exemplo, não se tomaria de paixão pelo Minho, para pintar, mais sensivel a sua retina aos contrastes, aos conflitos da côr, do que á monochromia que caracterisa esta Provincia, sob o ponto de vista pictural... A esta hora, com a luz vinda do alto, n'uma incidencia de pequena inclinação, fazendo vêr tudo em minucioso detalhe, estes vales dilatados, estas encostas breves, estas cortinas de montes sucedendo-se em planos diversos, não constituem um espectaculo que fascine a vista, provocando a hypnose artistica, mas são telas em que os olhos poisam com aprazimento, porque despertam emoções agradaveis, suavemente delicadas. Não ha vida animando esta paysagem, a vida d'um rancho de trabalhadores ou d'um rebanho de gado, sequer ao menos a vida dos passaritos e das aves cortando os ares. E, comtudo, habita o Minho uma população densa e operosa, desfalcada pela emigração, que lhe rouba os melhores braços.

Branquejam as povoações no verde nuançado d'uma vegetação exuberante, e as estradas correm, adaptando-se á ondulação das terras, solidamente construidas com brita rija como o ferro.

Meu querido Alemtejo!... Este abençoado rincão que é o Minho, pobre de côr, aviva-me as saudades que já tenho das tuas planicies extensas› onde pastam rebanhos biblicos, dos teus olivedos, das tuas vinhas rasteiras, agarradas á terra — ha uma eternidade de tres mezes sem te ver!

Se o leitor alguma vez fôr a Felgueiras, no verão, recomendo-lhe que peça uma limonada no Café Central. Dão-lhe um grande copo d'agua fresca, muito fresca e assucarada, faltando-lhe apenas o sumo ou a casca de limão para ser uma abundante e agradabilissima limonada. Convem, por isso, que leve um limão na algibeira, na certeza de que agua mais fresca e servida em copo tão grande, dificilmente apanha em qualquer outra parte.

*

Continuam os calores, já findo Setembro; ainda apetece, depois de jantar, agora fornecido mais cêdo por causa da mudança da hora, encaixar-se a gente n'uma cadeira de verga, na *Terrasse* do Hotel, a vêr quem passa. A população aquista é agora muito menor; mas nenhum Hotel fechou até agora, e os restaurantes continuam abertos. Ainda aparecem as mulheres dos burros — honni soit... — alguns arrastando os comodos e apetecidos carrinhos de bonecas; mas acabou-se-lhes a freguezia; a petizada abalou quasi toda; algum *jockey* que ainda por aqui ficou, está a arranjar as

malas. Tambem já desapareceram alguns dos muitos pedintes que por aqui lamuriavam, quando cheguei, cegos e aleijados, d'estes havendo uma bôa coleção, rica em especies e variedades. Poucos d'estes miseraveis são filhos de Vizella; mas são todos minhotos e alguns, diz meu irmão, aparecem nas mais importantes feiras do Alemtejo. Seria cruel impedir estes farrapos humanos, estes detrictos sociaes, de andarem por aqui esmolando, visto não haver Assistencia que lhes dê agasalho e sustento; mas é um bocadinho repugnante a *étalage* d'estas chagas, formando a pequena distancia do Balneario, pela manhã, pequenas *cours des miracles.*

Fica perto d'aqui uma das mais importantes fabricas de tecidos que ha no Paiz, a Fabrica de Vizella.

Não me dispenso de a visitar.

Passa-lhe o rio pelo meio, o que não dispensa o emprego do carvão para gerar electricidade. E' simpatico, este rio Vizella, porque sendo um rio de fracas posses, largamente contribue para fomentar a industria minhota ao longo do seu curso atormentado.

Pertence a Fabrica ao sr. Horttich, cidadão originariamente alsaciano, tendo optado pela nacionalidade franceza depois da guerra de 70. Aqui creou interesses, aqui constituiu familia, industrial que só pensa no desenvolvimento da sua industria, sempre á espreita dos progressos que lá fóra

a Sciencia introduza na exploração de industrias similares, para os adoptar.

Empregam-se n'esta Fabrica dois mil e quinhentos operarios — homens, mulheres e crianças. O pagamento é feito semanalmente e representa um dispendio, em média, de trinta contos. Um grande numero de operarios vive na Fabrica, em casas confortaveis, e fornecem-se d'uma cooperativa, que administram, e que o sr. Horttich generosamente subvenciona, o que representa, é claro, uma melhoria de salario. Convem dizer que n'esta Fabrica os operarios trabalham dez horas, e não se queixam, certos de que trabalhando menos diminuiria a sua producção, arriscando-se a ter baixa de salario.

Não obstante o consumo que faz da *ulha branca* convertida em energia electrica, a Fabrica consome á roda de dez toneladas de ulha preta, diariamente, o bom carvão inglez, a que andam escravisadas as nossas industrias.

Não está feito o estudo das nossas quedas d'agua ; ainda não foram devidamente pesquisados os nossos jazigos carboniferos ; as nossas anthracites e linhites, que os competentes dizem que são de primeira ordem, só agora começam a ser utilisadas, em escala extremamente reduzida !

Só trabalha com algodão a Fabrica de Vizella, e aos meus olhos de leigo afigura-se que são excelentes os artigos que fabrica — as suas man-

tas, os seus cobertores, os seus cotins. O caminho de ferro de Guimarães atravessa a Fabrica, como o rio, e nenhuma d'estas vias é aproveitada para transportar o que consome e o que produz — o rio porque não tem agua, e o caminho de ferro pela exorbitancia das tarifas. De Negrellos — é onde fica a Fabrica, até á Trofa são dezeseis kilometros, e são vinte e seis da Trofa até ao Porto. Pois vale a pena á Fabrica expedir as suas mercadorias em carros de bois, que não podem fazer, na semana, mais de tres caminhos!

Aturde-me o barulho dos teares, ainda fraco da cabeça... como se fosse Ministro. Tenho uma vaga ideia, mas posso estar em erro, de que na Inglaterra, em fabricas como esta, um homem governa quatro teares; aqui a regra é para cada tear um homem, um ou outro operario dirigindo dois teares, por excepção. Só ha vantagens, dentro d'uma fabrica, em substituir o trabalho do homem pelo trabalho da maquina, e esta substituição pode e deve fazer-se sem le-vantar justos clamores da gente trabalhadora.

Entramos, por instantes, em casa do sr. Horttich n'este momento ausente, mas representado por seu filho, *gentleman* que nos cumula de amabilidades, e entregamos a vida á pericia do sr. Antonio Garret, forte de pulso para guiar o seu automovel, conversador amavel de quem muito se aprecia o trato e lhaneza.

Pela estrada, recolhendo da Fabrica a suas ca-

sas, homens e mulheres mostram ares de satisfação, a natural satisfação de quem ganhou honradamente o seu dia, garantindo que na sua casa pobresinha não entrará a fome. Sem dar por isso, o espirito foge-me para longe, atravessando os mares, e como feche os olhos, n'um movimento involuntario de concentração, a sonhar acordado, encontro-me em Moçambique, fazendo o habitual passeio ao Umbelizi, de tarde, a estrada cheia de pretos que correm, como escolares, trabalhadores do caminho de ferro que recolhem ás suas palhotas no mato, e diariamente, pela manhã e á noite, fazem passeios d'uns poucos de kilometros.

Chegamos a Vizella a muito boas horas de jantar.

O meu quarto deita para um pateo largo, a que uma ramada vigorosa faz tecto esburacado, e que no tempo quente, com a ajuda de toldos, é uma agradavel casa de jantar. Por cima do casario, em frente, serras pobremente revestidas de pinheiros fecham o horisonte, serras que são, por assim dizer, uma pequena muralha dentada. Pois soube hontem que uma d'aquelas serras é o famoso Monte Cordova, onde Camillo fez penar a sua Bruxa, morta em cheiro de santidade. No romance — *A Bruxa do Monte Cordova,* — não se faz a menor alusão a Vizela, e o que subsistiu da sua leitura nas minhas recordações, vagas recordações, não chegava para eu, debru-

çado na janella do meu quarto, ainda quente como um forno, emquanto o sol anda nos ares, pensar que n'um d'aqueles cerritos armara o grande romancista, o palco em que se representou o mais angustiado dos seus dramas, o romance já citado. Não sinto tentações de ir lá; mas apetece-me vêl-o de Santo Thyrso, porque até lá o Monte *se empina e ondeia em fragosissimas encostas.*

Fica a Estação de Santo Thirso na margem direita do Ave, fronteira á villa, as duas margens ligadas por uma ponte de aspecto monumental. Aqui o rio é largo; um grande açude, a montante da ponte, repreza um consideravel volume d'agua onde se tomam banhos e onde se fazem regatas.

Do Mosteiro, em cuja fachada, estatuados em granito, se perfilam S. Bento, Santo Thirso e Santa Escolastica, só resta, digno de ver-se, o claustro, hoje convertido em cemiterio. Não tem este claustro a beleza e a magestade do claustro dos Jeronymos; mas não é banal, com as suas colunas duplas sustentando arcos ogivaes. Estas colunas, curtas e delgadas, são completamente lisas, mas os respectivos capiteis são ornamentados com profusão, todos diferentes, n'alguns o motivo ornamental sendo inspirado na flora da região, n'outros sendo puramente fantasioso.

Em duas galerias do claustro ha retratos de

personagens varias, obra de frades, em nenhum se afirmando talento artistico, se bem que alguns, como obra de amadores, sejam apreciaveis. Em caixinhas de madeira com tampa de vidro, muito sujo, na galeria á direita de quem entra, veem-se mineraes classificados, que ficariam bem n'um museu de Historia Natural, e para ali arrumados como objectos ou peças de mobiliario funebre, de apreciavel valor arqueológico. Na outra galeria, ao fundo, ha um altar de Nossa Senhora da Assumpção, em que se diz missa, e muito grande deve ser a respectiva assistencia, dado o grande numero de cadeiras e bancos que ha por ali, á roda. Pois nem sequer por amor da Santa ha o cuidado de trazer limpo o claustro, que bem merecia, por outros motivos, alheios á devoção, mais respeito e melhores cuidados. O que se não pode levar á paciencia é terem substituido o chafariz do claustro por um mausoleu onde se guardam os restos mortaes do conde de S. Bento. Claro está que o monumento não poderia figurar no *Campo Santo*, em Genova, e nem sequer faria boa figura no cemiterio paroquial. Mas ainda que elle fosse uma obra d'Arte, não havia o direito de o colocar ali, quebrando a unidade do claustro, desnaturando os seus intuitos e pervertendo a sua significação.

A Igreja é um templo vasto, superabundantemente ornamentado. Por baixo do Orgão, que me dizem ser excelente, ha uma carranca em madeira,

ornamento que julgo mais proprio d'um chafariz que d'um templo. Muitas capelas no corpo da Igreja, algumas capelas no cruzeiro, um parapeito de columnas torsas, com cintos e botões metalicos limitando a capela mór, onde ha, um de cada lado, dois cadeirões de carvalho. Em todo o templo abunda a talha doirada, que melhor efeito produziria sendo menos dourada e mais artistica. No altar de Santa Maria Magdalena está uma duzia d'ovos, que um devoto prometeu á Senhora se deixassem de lhe morrer as galinhas.

Este Mosteiro, mais velho que a nacionalidade, foi a origem remota da Villa, se é verdade o que consta de documentos... que eu nunca li. A sua historia é muito interessante, enriquecida de lendas que rescendem poesia.

Convento só de frades? Convento de frades e de freiras, fazendo vida comum?

Este ponto ainda não foi devidamente esclarecido. O sr. Alberto Pimentel no seu livro *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, dá como certo ter sido o mosteiro duplex, mas afirma, como se tivesse visto, que ali se observava rigorosamente a castidade, fazendo suas as palavras de Castilho — *debaixo dos mesmos tectos tinham estremadas as clausuras e comuns no templo os exercicios religiosos*.

Senão por virtude, por debilidade organica, os frades Hycenses observavam escrupulosamente o sexto mandamento, homens velhos, quasi todos invalidos, alguns recolhidos ali em plena decrepi-

tude. Diz então o sr. Alberto Pimentel: — *Isto explica o facto de não haver hoje na villa descendentes dos frades, mas apenas dos creados do mosteiro.*

Frades castos, serviçaes casados, meninos fabricados no mosteiro...

Está entendido.

A Villa é interessante, muito irregular, sem monumentos, mas possuindo já predios, em grande numero, que ficariam bem n'uma cidade moderna. O jardim ou passeio publico, de grandes arvores, pobre de flores, muito abandonado, é como que uma varanda sobre o rio. Lá adiante, no Campo 29 de Março, onde se faz o mercado, ergue se a estatua, em marmore, do conde de S. Bento, rico brazileiro que largas somas dispendeu da sua avultada fortuna em beneficio de Santo Thyrso.

Visto d'aqui o Monte Cordova é mais interessante que visto da janella do meu quarto, em Vizella; mas delicia-me mais a vista a parte da villa que fica na outra margem do rio, as casas emergindo de grandes massas de verdura, coroando uma serra de suave declive, para além da qual ha outros montes arborisados e entre elles deliciosos vales de esmerada cultura. Dispenso-me de ir ao Monte Cordova, que desce em fragosissimas encostas, ondulado como o descreveu Camillo. Ficará para outra vez esta romagem, talvez para o ano proximo, se os meus achaques

e incomodos até lá não desaparecerem. Santo Thyrso não é como Cascaes, e a descer a calçada que do Jardim conduz á Ponte, com destino á Estação, ocorre-me esta vaidosa trova regional, que declamo por não saber cantar:

O' villa de Santo Thyrso
De ti me vou despedir.
Deus me dê vida e saude
Para cá tornar a vir.

Demoro-me um pouco sobre a ponte, e por mais que apure o ouvido, fechando os olhos n'um esforço de concentração, inclinado para a corrente, até quasi romper o equilibrio, menos afortunado que o Faria e Souza, não consigo ouvir

... o som divino
Que faz correndo o Ave crystalino.

*

Ultimo dia de Vizella, ulttmo banho, e quiz a minha bôa sorte que n'este dia encontrasse o Domingos Capa, pobre velho sem cabelo e sem saude, envolvido nas lendas milagrosas de S. Torquato pela forma que vou expôr, e que me contaram pouco depois de chegar aqui.

O caso foi que o amigo Capa, desgostoso por não ter cabelo, prometeu uma libra a S. Torquato se o encabelasse — uma libra em ouro. Em menos de nada começou a nascer-lhe o cabello, e

dentro de poucas semanas o nosso homem tinha uma cabeleira de fazer inveja a todos os carecas do mundo. Um bello dia, de chocalho tapado, nem á familia dizendo qual era o seu destino, fez-se de longada até S. Torquato, a pé, levando na mão esquerda um magro farnel, e na direita o seu bastão de peregrino. Ia levar a S. Torquato a sua ofertinha. Entrou na igreja, ajoelhou, benzeu-se, rezou as suas orações, indo a seguir, acompanhado do sacristão, como testemunha, deitar *meia libra* na caixa das esmolas.

Meia libra!

Ora sucedeu que passados alguns dias o Capa notou que o cabello lhe caia abundantemente, em tal abundancia que em menos dum mez estava novamente calvo.

O milagre do encabellamento fôra celsbrado em toda a redondeza do concelho, e como S. Torquato gosa da melhor reputação entre a gente minhota, logo entrou a dizer-se que o Capa não pagára a promessa.

Não lhe chegou a coragem para dizer toda a verdade, mais humilhado do que enfurecido, mas confessou que só dera ao Santo meia libra, por conta, tendo-lhe dito que a outra meia libra a daria depois de vender um bacorito que estava creando, e que lhe devia render uns cem mil réis.

Toda a gente acreditou, na villa e termo, que S. Torquato fizera o milagre impetrado pelo Capa,

o qual tornou a ser definitivamente calvo por desagravo da Justiça divina.

E' muito complicada, muito estravagante a psychologia dos devotos, menos complicada, todavia, menos estravagante que a psychologia dos beatos, não sendo possivel, em relação a estes, dizer com alguma segurança onde acaba o devocionismo e onde começa a hypocrisia.

As orações que se resam nas Igrejas, e fóra das Igrejas pouca gente resa, são as cartas de empenho que o devoto entrega á Divindade para que lhe dispense alguns favores ou lhe perdõe alguns pecados.

As promessas e as ofrendas são o suborno, peita ou corrupção, segundo a doutrina do codigo penal, visando o Céo em vez do Estado.

Certo é que o Capa, tendo burlado S. Torquato em meia libra, tornou a ser calvo como era antes do milagre que o encabelara.

Se para o ano aqui vier, heide trazer um chinó para oferecer ao pobre homem, e com ele, já de capachinho, irei a S. Torquato, mostral-o.

A vêr a cara que o Santo faz!

Setembro de 1926.

Campos Alemtejanos

A verdade é que me interessa particularmente quanto diga respeito á lavoura nacional, não por ter umas tantas geiras de terra no Alemtejo, ou haver sido, acidentalmente, ministro do fomento, mas porque não acredito que Portugal faça a sua regeneração economica senão pela terra, todas as outras industrias que temos, e possamos vir a ter, sendo subsidiarias da industria agricola, que nos é imposta por um conjuncto de circumstancias que a nossa vontade caprichosa poderá illudir, sem poder eliminal-as. De modo que aproveitei uma rara e feliz oportunidade, outro dia, para sair de Lisboa, e ir directamente a Alcaçovas, levado na vertigem com que os nossos comboios do sul papam kilometros, sem darem tempo a que uma pessoa se apeie, entre duas estações, para apanhar o lenço que deixou cair, a contemplar a paisagem.

O leitor, se não é alemtejano, provavelmente

não gosta do Alemtejo; mas eu sou inteiramente da minha provincia, tenho muito amor ás suas charnecas, de cada vez mais reduzidas, aos seus montados de sobro ou de azinho, de cada vez mais bem tratados, aos seus olivedos, compostos d'arvores de pequeno porte, crescendo e desenvolvendo-se, pela maior parte, n'um tão completo á vontade, que só por si denuncia a ignorancia profissional dos nossos lavradores, com honrosissimas excepções. Talvez seja uma fraqueza minha; mas sinto uma impressão quasi religiosa olhando a vasta campina alemtejana, extensa, a perder se de vista, e o espectaculo das suas searas, ou seja quando mal cobrem a terra, semelhando um interminavel e delicado tapete de verdura, d'uma uniformidade que para tantos é monotona, ou seja quando os trigos aloiram, e o vento lhes imprime ondulações rithmicas, d'uma quasi tangivel macieza veludinea, sempre me impressiona fortemente, como se fosse um cantico sagrado, que bocas mysteriosas entoassem ás forças da Natureza, intelligentes e fecundas.

Pois como vinha dizendo...

Alcaçovas é hoje séde de freguezia, e bem pode ámanhã ser séde de concelho, se lograr entender-se com o Torrão, que lhe fica distante uns quatorze kilometros. Conta a freguezia de Alcaçovas uma população de tres mil almas, falando a linguagem antiga, e mede uma area que não tem proporção com o numero dos seus habitan-

tes. Não tem monumentos que a recommendem, simples e banal como as povações alemtejanas da sua categoria, a maior parte das casas feitas de taipa, muito bem caiadas, tendo á frente a chaminé de forma trapezoide, e nas ultimamente construidas não faltando já a sua pequenina janela quadrangular, com vidros, luxo a que se não deu a geração passada, mais distante, sob muitos aspectos, da actual, do que á primeira vista parece, medindo o tempo pelos registos parochiaes. Cumpre fazer uma referencia elogiosa á casa da escola, destinada a ambos os sexos, e que, sendo de bôa aparencia, realisa perfeitamente a funcção que lhe compete Topa-se no meio da vila uma velha casa de janelas gothicas, que foi edificada no tempo de D. Diniz e que é hoje propriedade dos condes das Alcaçovas. A igreja matriz é um grande casarão, sem nenhuma especie de grandeza, e actualmente um casarão sem utilidade, porquanto ha mais d'um anno que ali se não diz missa. Morreu o velho prior da freguezia, a egreja fechou, e até agora ainda a religiosidade dos alcaçovenses não sentiu necessidade de ir lá ajoelhar, nascendo, casando e morrendo sem que n'esses actos alguem intervenha em nome de Deus.

Uma casa que não é banal, porque é a casa typo do morgado, já modificada hoje, n'um ou n'outro detalhe, pelas exigencias da vida moderna, é a casa do meu amigo José Barahona, um la-

vrador que é mestre na sua industria, tendo sido discipulo... de si mesmo.

Ainda conheci o sr. Francisco Manoel, que a habitava, Morgado das Alcaçovas, alto, desempenado, o ar severo que tinham os Morgados, mesmo que fossem por indole e natureza, na intimidade, pessoas de muita lhaneza. Na sua casa do Torrão, casa solarenga que era só habitada por um feitor, tinha o sr. Francisco Manoel, em grandes caixões de castanho, uns panos que depois da sua morte se verificou serem do melhor Arrhas, e foram avaliados em centenas de contos.

Typo bem diferente do Morgado era seu irmão, o João d'Azevedo, muito achacado de rheumatismo gotoso, que o chumbava á cama ou a uma cadeira por longas e dolorosas semanas. Não era alto como o irmão, mas rachado ao meio fazia dois Morgados. Era dotado de uma força excepcional, de que nunca abusou, mas de que usava galhardamente em se oferecendo ocasião. Vi-o capar, de volta, no curral, sentado n'uma cadeira, dezoito bezerros sem interrupção, e quando despachou o ultimo tirou da jaqueta a sua enorme pataca, tão ageis os dedos como se tivesse estado de mãos nas algibeiras, assistindo á capação.

Dizia-me ele um dia, vaidoso da sua força:

— Nunca dei um sopapo n'um homem que ele ficasse de pé, e nunca peguei n'um boi que ele não ficasse estacado ao pé de mim.

Parece que a paixão e os talentos cinegeticos

eram hereditarios na sua familia, todos os Miras caçadores de fama, e a todos levando ele a palma quer se tratasse de caça grossa, quer se tratasse de caça miuda. Lobo ou javardo a que ele apontasse a espingarda, já sabia que enrolava a copa e dobrava as unhas. Sucedia o mesmo com os coelhos e com as lebres, os coelhos no mato e as lebres em terra limpa. Não errava um pombo nos montados, quando os caçava a salto, e sentado na choça, já velho e trôpego como o conheci, cada tiro que disparava era um pombinho que caía.

A sua pataca, de couro, levava dez onças de tabaco; acompanhava-o para toda a parte, e nunca lhe sucedeu, por descuido, encontral-a vasia.

Mais por orgulho que por modestia, nunca passou da jaqueta e cinta. Era lavrador sempre e em toda a parte, e ao lavrador, pensava ele, não ia bem a farpela dos fidalgos, burocratas e vadios. Não se metia onde não era chamado, e aparecendo onde não podia faltar, entendia que não era obrigado a adoptar, para que o recebessem, o figurino do protocolo.

Era muitas vezes convidado para as caçadas reaes, em Vila Viçosa, reinando D. Luiz, e nunca S. M. o dispensou de sentar-se á sua meza, de jaqueta e cinta, e nunca o seu plebeismo de fidalgo em segundo grau o levou a munir-se de casaca e demais arreios para não escandalisar os

fidalgos da régia comitiva — uma cambada, como ele dizia, muitos pedindo-lhe dinheiro á sucapa, e não lhe pagando nunca.

Pois é verdade.

Filho de lavradores, neto de lavradores e assim sucessivamente, no dizer pictoresco do dr. Celorico Gil, o meu amigo José Barahona é homem de largas iniciativas, capaz de abrir novos caminhos á industria agricola, que cultiva com amor.

Precisamente a minha vinda ao Alemtejo, n'esta ocasião teve por fim visitar uma obra que elle mandou fazer, de sua iniciativa, presidindo á sua realização como se fosse um technico.

Trata-se d'uma albufeira.

Muito se tem falado de irrigar o Alemtejo, seccas como são as suas terras, não porque as chuvas ali não caiam, mas porque ellas não sabem retel-as, no inverno as suas ribeiras e barrancos enchendo-se em quanto o diabo esfrega um olho e despejando-se antes que elle tenha tempo de o abrir. Os rios alemtejanos procedem da mesma forma, perdularios das suas cheias torrenciaes, que correm a despejar no oceano, sem se lembrarem de que em vindo o verão mal lhes chegará a agua para matarem a sêde dos freixos que bordam as suas margens, dos salgueiros que se debruçam aqui, e além, nos seus pegos, vendo-se bem que ardem por dentro.

E' necessario dar agua ás terras alemtejanas;

mas visto que os seus rios a não conservam, e as suas fontes a não prodigalisam, a maneira pratica de o conseguir, parece nos, consiste em reprezar as correntes, impedindo que, por completo, ellas vão lançar-se no mar, e furando o solo até encontrar uma camada liquida que por si propria suba, não se perdendo por infiltração, por que sobe dentro d'um tubo de ferro.

Irrigar por meio de canais?

Muito bem, onde isso puder fazer-se, e faz se onde houver permanentemente grandes depositos d'agua. Não é o caso do Alemtejo, em que as chuvas caem em abundancia, mas por maneira a formarem correntes precipitadas, a não ser onde as recebe um solo de tal forma permeavel que logo as filtra para grandes profundidades.

José Barahona pensou, um dia, fazer uma barragem no Xarrama, dentro d'uma herdade que ele atravessa, e n'um homem como elle, sereno para pensar, e resoluto para fazer, entre a concepção e o acto ha sempre pequena distancia.

Das Alcaçovas á Albufeira o caminho é péssimo, e mede uns sete kilometros. Vamos de carro, que o automovel ou não chegaria lá, ou se conseguisse lá chegar, ficaria com as molas n'um feixe. A meio caminho ha um pequeno *oasis*, uma quinta de José Barahona, que ali cria as melhores peras que tenho comido. A sêde aperta, mas as peras estão a oferecer-se-nos, muito grandes algumas, muito bonitas, todas ellas muito assuca-

radas e muito suculentas, e preferimos comer uma ou duas a beber um copo d'agua.

Simplesmente deliciosas!

Acreditará o leitor que tão esplendidos frutos são vendidos ali, em Alcaçovas, a pataco a duzia? E a maior parte não tem venda. Em Lisboa, na Praça da Figueira, aquelas peras seriam baratas a tostão cada uma.

A barragem é feita por um muro de 244 metros e meio de comprimento, dos quais 60 são o descarregadoiro. Por cima do descarregadoiro corre uma pequena varanda em cimento armado, que garante as communicações quando o rio vae cheio e galga a parte do muro destinada á descarga. Os fundamentos foram lançados a cinco metros, e houve necessidade de ir mais abaixo, no meio do leito. São formados de pedra, cimento e areia, a areia e o cimento entrando em proporções de que não tomámos nota. O muro tem a altura de quatro metros e meio, em baixo, e dois metros e meio, em cima. E' feito de alvenaria e cimento. Todo o muro, desde os fundamentos até a superficie, está metido n'uma especie de rêde de arame, grosso de 7 milimetros de secção, o que faz com que ele seja, por assim dizer, formado d'uma só peça, o que lhe dá uma solidez á prova das maiores e mais violentas pressões. Quatro adufas de quarenta centimetros de altura por sessenta de largura cada uma, excepto a do centro, cujas dimensões, em altura e

largura, são respectivamente de 60 a 80 centimetros, rasgam o espesso muro, e são as bocas por onde elle vomita a agua reprezada, uma vez feita a colmatagem.

Figure-se um janota em cima d'aquelle muro, olhando para jusante, e só vendo pedregulhos formando o leito do rio, olhando para montante e só vendo uma extensa varzea nua, em que o rio é uma larga depressão pouco acentuada com bochechos d'agua aqui e alem; diga-se-lhe de repente que as obras, feito o pouco que falta, terão importado em trinta contos, e elle pensará que José Barahona perdeu a cabeça, ou então perderá elle a sua, e no desvairamento do assombro, como se o tomasse uma vertigem, trambulhará sobre as rochas, não lhe ficando um osso inteiro.

*

O Xarrama, no inverno, quando as chuvas abundam, enche com uma enorme rapidez, e vasa com uma rapidez ainda maior. A sua bacia hydrographica é bastante vasta, e um sem numero de barrancos, valagotos e ribeiras a elle conduzem as suas aguas, em torrente impetuosa. Já dissemos que o seu leito é pouco cavado, incapaz de acomodar o volume d'agua que n'elle despejam os seus afluentes varios. Sucede então que a corrente, quasi uniforme, com respeito á velocidade, no maximo da sua largura, é como um encinho de ferro que mão possante fizesse passar

demoradamente pelas margens, desnudando-as da terra aravel, apta para quaesquer culturas. José Barahona pensou que o Xarrama não tem o direito de levar para o oceano, que d'ellas não precisa, as materias fertilisantes em suspensão na sua corrente, e que são uma riqueza a aproveitar. Mandou, então, fazer aquella enorme parede que represará *um milhão oitocentos mil metros cubicos d'agua*, fazendo lençol n'uma area de 100 hectares.

O que dava aquella varzea antes de feita a albufeira?

Tão limitado era o seu rendimento, que se pode considerar nullo. As trezentas oliveiras que tinha, na margem esquerda, mal davam, uns annos por outros, vinte cinco decas de azeite, e os poucos retalhos que se podiam metter em cultura quasi não davam para as despezas.

E hoje?

A colmatagem está em começo, e o anno agricola que passou foi o primeiro d'uma cultura de certa importancia. Quatro moios de trigo produziram á razão de dez sementes, ou sejam quarente moios. A terra, está bem de vêr, não foi adubada, e teve apenas uma lavoura, o alqueive, sem atafho, o que representa economia no custo de producção. Convem dizer que os retalhos agricultaveis, antes da repreza, nada produziam sem o emprego dos superphosphatos, e ainda precisavam descançar uns seis annos, para serem dea-

zes d'essa producção exigua. Quando a varzea toda estiver bem colmatada, e lhe atirarem para cima os dez moios de semente que ella comporta, a sua producção minima será de 150 moios, ou seja um rendimento bruto de 6:750$000 réis. O trigo é a cultura menos remuneradora que alli se pode fazer, mas ainda assim ella remunera o capital gasto pela forma que deixamos exposta. A arranca d'uns velhos freixos que o rio quasi matava á sede, vingando-se elles d'essa maldade, esterilisando a terra que ocupavam e cobriam com a sua ramagem, permitiu já uma pequena cultura de feijão, que produziu um pouco mais de trinta sementes.

N'este momento a varzea é triste, porque o rio está quasi secco, e não ha um ramo verde em que os olhos pousem, sequer ao menos um *bouquet* de junco que escapasse á furia utilitarista da enxada ou da charrua. Mas nós bem presentimos, ao longe, o marulhar das aguas que se precipitam, e dentro em nada está formado um enorme lago, sem ondulação, a quietude que convém para que se depositem as materias organicas que ellas trazem suspensas, e que são, virtualmente — o trigo, o feijão, o milho ou a fava.

Obras como esta, umas maiores, outras mais pequenas, podem fazer-se muitas, aqui e além, e facilmente calcula o leitor, por menos que entenda d'estas coisas, o acrescimo de valor que ellas trariam á riqueza publica, enriquecendo os par-

ticulares. Mesmo o Xarrama permite a construcção d'outras albufeiras, para baixo d'esta, e não é elle o rio alemtejano mais bem dotado a este respeito. O que é preciso, melhor diremos, indispensavel, é que as iniciativas intelligentes surjam, e que a essas, caso d'elles careçam, se facultem os meios de trabalho fecundo, trabalho de largo alcance social. . . . .

E toca para as Alcaçovas, que o passeio abriu-nos o appetite, e alguns dos nossos companheiros ainda teem a jornada comprida, até Evora, por caminhos em que o automovel salta que nem uma pela.

*

Que bom, passar um dia no campo, falando das coisas mais que das pessoas, enchendo os pulmões de bom ar, longe de todo o bulicio, na tranquilidade magestosa da Natureza, erguendo os olhos dos vales para os montes, e tendo a impressão de que lá em cima, sob o docel que fórma a abobada celeste, Pan, o grande Deus, pontifica, e deita a sua benção aos trabalhadores, incutindo-lhes esperança e coragem!

A's nove horas o sino da camara badala com força, e é o signal de se fecharem as lojas e as tabernas, cada qual recolhendo a sua casa, para um somno longo e reparador. A verdade é que as tabernas se conservam abertas, e tantos esforçados trabalhadores alli se demoram beberricando,

alguns d'elles consumindo em vinho toda a féria de uma semana. Um grupo vae passando, a cantar, e parece me que a sua cantiga é a mesma que ouvia no tempo em que frequentava a escola régia, ha uma eternidade, entoada em côro por trabalhadores da minha terra, sentados nos degraus da pequena igreja de Santo Antonio, ao cimo da rua em que tinhamos a pouzada. O cantar alemtejano é d'uma vaga dolencia, que entristece, repassado d'uma especie de tristeza sem motivo e sem objecto, talvez feita de mysticismo christão ligado á fatalidade arabe.

> Puz-me a chorar saudades
> Ao pé d'uma fonte fria;
> Mais choravam os meus olhos.
> Que agua da fonte corria.

Um telegramma vindo de Alcacer diz-nos que podemos ir, e isso nos enche de satisfação, porque desejavamos muito ir lá. Soubera em Lisboa que uma singular tragedia se produzira n'aquella historica e pitoresca villa, enlutando o dono d'uma propriedade que desejava visitar, e assim partira para as Alcaçovas resignado a deixar para melhor ocasião a visita projectada.

O leitor, provavelmente, viu nos jornaes... Amavam-se, mas tanto a familia d'ele, como a familia d'ella, opunham-se ao casamento. As razões não as sabemos, nem importa muito conhe-

cel-as, que isso apenas serviria á liquidação de responsabilidades moraes. O certo é que se amavam, e como as familias se opuzessem ao casamento, no desvairo da sua paixão, resolveram matar-se. Para que haviam elles querer a vida, se não podiam viver um para o outro, legitimamente unidos para um destino comum, feliz ou desgraçado que fosse?

Resolveram matar-se.

Decidido, inhabalavel no seu proposito meteu o fato preto na mala, pegou na sua espingarda de dois canos, e abalou para Alcacer. Até á uma hora da noite esteve em conversa despreocupada com amigos, chalaçando, rindo, talvez mais expansivo que de ordinario. A' uma hora ella juntava-se-lhe. Escreveram cartas, despedindo-se e justificando-se, com uma grande serenidade, e ao cabo, tendo engulido cada um duas pastilhas de sublimado, aguardaram que a morte chegasse. Como ela não viesse depressa, talvez condoída d'aquela mocidade louca, sereno, imperturbavel, o rapaz meteu uma bala no coração da namorada, e depois de a ter deitado no sophá, composta por maneira que olhares curiosos não offendessem a sua castidade, voltando a arma contra si, a bocca do cano apoiada sobre o coração, morreu como a matara.

A familia d'ele, como a familia d'ela, opunha-se ao casamento, e para que não vivessem juntos, legitimamente unidos para um destino

comum, abriram duas covas, uma ao lado da outra, e empurram-nos para lá.

Deve ser uma coisa terrivel o remorso, assim uma especie de cauterio permanente n'um tecido permanentemente em chaga!

*

A's oito horas da manhã estamos a voltas com uma açorda, a classica açorda alemtejana, que só não figura na lista dos banquetes por uma lamentavel ignorancia dos cosinheiros, e uma estranha aberração do gosto, por banda das pessoas que pretendem comer bem.

Todo o bom alemtejano almoça assim que se levanta, seja a que horas fôr, se lhe derem o almoço. De resto as oito horas, mesmo para um alfacinha, não é positivamente uma madrugada, sobretudo no verão, em que amanhece cêdo. Contamos estar de volta lá para as quatro horas, com tempo bastante para jantar, o que por fórma alguma nos impede de comer bem, visto como lá diz o dictado — *candeia que vae adeante alumia duas vezes*.

A' sahida da aldeia encontramos o funebre cortejo de Luiz Paiva, o desesperado amante cuja morte já contámos, e isso nos obriga a uma pequena demora, coisa de alguns minutos, que o automovel compensará sem fazer prodigios.

A estrada é toda cheia de altos e baixos, com muitas curvas, mas acha-se n'um estado de con-

servação, que se pode reputar quasi perfeito, o que permite as grandes velocidades, sem inconvenientes de qualquer ordem.

Vamos renovando impressões, á medida que avançamos, e tão intensamente evocámos o passado, que nos sentimos recuar vinte annos, á epoca em que iniciámos a vida clinica, modesto João Semana sem prestimos e sem ambições, d'uma timidez que lhe não permitia afrontar a concorrencia n'um meio grande como Lisboa. Pára o automovel, e nós chegamos alli, ao casarão d'uma igreja, perto da estrada, a ver o Torrão, pouco distante. Terra de Bernardim Ribeiro, não foi ali que elle escreveu as *Saudades*, e presumimos que nas aguas do Xarrama não se banharam nunca aqueles patos que uma raparipiguinha guardava, acendendo amores no peito rustico d'um pastor virgiliano.

A dita e a formosura,
dizem patranhas antigas,
que pelejaram um dia
sendo d'antes muito amigas.

A coisa certa, absolutamente certa, é ter eu passado ali perto de dois anos, a clinicar, á espera do primeiro concurso para medico do Exercito. Não confiava em mim para a clinica de Lisboa, e a clinica d'aldeia não a tolerava senão provisoria. Só depois de formado é que considerei os inconvenientes de tratar doentes por di-

nheiro, imbuido de generosas mas falsas ideias sobre a indole d'uma profissão que deveria ser um sacerdocio.

A minha primeira noite do Torrão, na estalagem da Sardinha, passeia-a a philosophar, arrancando-me ás profundas cogitações a que me entregara, apenas metido em vale de lençoes, uma chamada, ao clarear da manhã, para um doente a contas com uma pneumonia dupla.

Ao tempo ainda o compadre João Catharino trabalhava com um carro e uma parelha, explorando a magra industria dos fretes, quando não tinha que fazer de sua conta. Quiz á viva força ser elle que me trouxesse para aqui — *eu é que vou levar o sr. compadre* — orgulhoso de me ver facultativo n'uma terra de grande nomeada, a terra dos *senhores Magalhões*, que não sabiam o que tinham de seu.

A Villa não terá mudado muito; as pessoas idosas do meu tempo já morreram todas, e algumas garotitas que eu vi nascer devem andar por ahi com os filhos atraz.

Dava as consultas na botica, por ser mais comodo, e como só havia uma, na terra, a do sr. Guia, a possibilidade de se bacorejar que o medico ia feito com o boticario, estava prejudicada.

Parece-me que foi hontem...

Entrou na botica um *ratinho* que trabalhava nas propriedades do Gil, e havia tres noites que

não pregava olho com uma enxaqueca que parecia um torniquete em que lhe apertavam a cabeça. As noites passava-as sem dormir e os dias passava-os sem trabalhar, porque as dôres não lhe deixavam fazer outra coisa que não fosse gemer e chorar.

— Até já me tem dado ganas de acabar com isto por uma vez, Nosso Senhor me perdôe.

Rapidamente o Guia dissolveu um grama de antiperina n'uma agua xaroposa, que o *ratinho* bebeu em duas porções, com intervalo d'um quarto d'hora.

Quando ele ia a beber a primeira dóse, segurando-lhe a mão, eu disse-lhe que se benzesse com a canhota e dissesse, antes de levar o copo á boca: — *Em louvor de Nossa Senhora e do seu bemdito filho.*

Ainda não tinha passado meia hora, o *ratinho* chorava de contentamento, livre da sua enxaqueca, e ia badalar por toda a villa o milagre que tinha feito... Nossa Senhora, que aliaz tinha invocado, sem o minimo proveito, antes de me consultar!

Guardo bôas recordações do Torrão, sobretudo da camaradagem com o sr. Adelino Simões da Guia, pharmaceutico, homem de bem ás direitas, amigo certo em todas as ocasiões, exemplar chefe de familia, e a sua familia, o seu lar era um pequeno santuario.

Deus tenha no céu a senhora Catharina Palhota, que foi minha creada, não para todo o ser-

viço, como ela desejava, mas para a cosinha e serviço interior, o ligeiro serviço que pode haver n'uma casa d'homem só.

Porque abandonaria eu a vida de João Semana, homem sem ambições de nenhuma especie, sem ambições de gloria, sem ambições de fortuna?...

Marcha o automovel com uma velocidade moderada, o que me permite reparar em tudo, á direita e á esquerda da estrada, constatando que desapareceu a continuidade da charneca que ha uma duzia de annos cobria toda esta vastidão, com manchas de sôbro aqui e além, e os pinheiros bravos sacudindo por cima das estevas, quasi tão altas como elles, a sua verde cabeleira. Entre Alcaçovas e Torrão o que subsiste de charneca desaparecerá este anno, e do Torrão para deante, a caminho de Alcacer, os matagaes são já hoje pequena cousa, se recordarmos o que eram antes do desenvolvimento que tomou a lavoura alemtejana, mercê da lei que a protege.

Ha cincoenta annos não havia a magnifica estrada em que vae rolando o automovel, com uma velocidade que permite vêr tudo bem, e que não tem o perigo de se estampar a gente no pé d'uma azinheira, ou no tronco d'um eucalipto, como um cartaz molhado, que o vento rasga em tiras. Mas pela estrada de então, sem leito e sem perfil, um formigueiro de carros e de bestas de carga passava todo o verão, levando para *Porto de*

Rei e para Alcacer, que era então um emporio a maior parte do cereal produzido no Baixo Alemtejo, E porque era assim frequentado o caminho, os ladrões por ali andavam com assiduidade, roubando sempre que podiam, e matando quando isso era necessario para roubar.

O Alemtejo é a nossa provincia de população menos densa, e já aqui entrou uma pontinha de febre de emigração, não obstante crescer quasi sem medida o seu desenvolvimento agricola. Do Torrão até Alcacer, n'uma extensão de 35 kilometros, não se encontra uma aldeia, e os casaes ficam a uma grande distancia uns dos outros, um d'elles marcando o centro d'uma exploração agricola, que é bem um *oasis* no deserto.

Está o leitor a ver como a producção, em taes condições, se torna cara, e como só lentamente se agricultará, a valer, toda aquella vasta região, a menos que os governos a cortem de estradas, aproximando-a dos centros de consumo.

Por ora, a charneca dá para tudo, quasi virgem de todo o trabalho agricola, conservando armazenadas, desde longos annos, energias productoras, que a charrua ou o arado facilmente convertem em productos. O ceareiro, em certas regiões do Alemtejo, e esta é uma d'ellas, tem sido o maravilhoso instrumento, graças ao qual a charneca arida se tem convertido em campo de trigo. Elle arranca a cêpa, de que faz carvão, e arranca a esteva, de que faz adubo, Tem com a

sua terra, cedida de graça pelo grande proprietario, quasi os carinhos d'um horticultor, e ella paga generosamente as suas canceiras, desentranhando-se em trigo, cevada ou aveia, a média de taes cearas variando entre 15 a 20 sementes.

*

Nunca uma beata se levantou satisfeita dos pés do confessor, mesmo que elle lhe dê uma absolvição sem restrições. Não que ela tivesse mentido, alegando benemerencias que não fizera, ou escondendo maldades que praticara; mas porque podia a memoria tel-a atraiçoado na evocação de erros e culpas, ou podia a sua consciencia, por sugestões demoniacas, tel-a feito considerar como acção inocente algum acto pecaminoso. A Igreja diz que se peca tanto por actos como por pensamentos, e se a maior parte da gente pode ter a certeza de nunca ter caido em falta, por obras, talvez ninguem possa dizer, com verdade, que nunca lhe atravessou o espirito uma tentação condemnavel.

Se o homem da mais rigida moral e a mulher da mais intransigente honestidade, registassem todos os pensamentos maus que uma vez ou outra, na vigilia ou no somno, faiscaram na sua consciencia, ephemeros como a lucilação do raio, que tremendas decepções haviamos de ter, constatando que nos caracteres mais puros se haviam esboçado crimes repulsantes, e que na candidez

virginal das mais recatadas donzellas haviam desabrochado tentações de baixa sensualidade, que as levariam, se dominassem, ao limiar da prostituição!

Pode uma beata ter a certeza de nunca ter pecado; mas nunca está certa de não ter pensado como pecadora. O desejo que não se traduz em factos, qualquer que seja o seu objecto, não é crime perante a justiça dos homens; mas pode ser motivo de reprovação aos olhos do Senhor. Muito antes da sciencia ter ensinado ao homem que todo o pensamento é um acto no estado nascente, já a Igreja o tinha constatado antecipando-se á physiologia e á chimica. Por isso ella formou com os pensamentos que não se realisam, os desejos que não se satisfazem, as tentações que não se efectivam, uma cathegoria de pecados que é necessario confessar, n'um arrependimento tão sincero e tão profundo como se confessam as infracções á lei de Deus, de que todos podem ser testemunhas.

Pobres beatas!

Deu-se o caso de ser o confessor um homem novo e vigoroso, cheio de vida e de força, assim a modos um Hercules que tivesse a correcção d'Apolo, um Tantalo d'amor a que servisse de camisa de forças a fragilidade d'uma batina. De modo que ao beijar-lhe a palma da mão, sentindo nos labios quentes a frescura d'aquella pele ma-

cia, toda ella estremeceu, como ao contacto de uma corrente electrica, e já não poderia sair d'ali sem lhe confessar mais um pecado, se elle não a ajudasse a erguer-se, pegando-lhe no queixo, e por sua vez estremecendo, como se tocasse uma pilha.

Ao cabo d'uma longa hora de confissão, exausto de paciencia e de forças, certo abade conseguiu que o deixasse a beata que se lhe ajoelhára aos pés, resolvida a não sair d'ali sem ter dito todas as coisas más que fizera, e todas as coisas ruins que pensára, em termos de voltar a casa mais pura que a Magdalena arrependida, imaculada como a propria Virgem Santa. Mas eis que tendo-se afastado alguns passos, e antes que o pobre abade acabasse de tomar o fôlego, a terrivel beata volta ao confessionario, e lamuría, n'um grande ar de contricção:

— *Queira desculpar, sr. padre, mas tenho ainda uma pergunta a fazer-lhe, para tranquilidade da minha consciencia Muitas vezes sento-me no capacho para me pentear ou para fazer meia. Como o capacho é do sexo masculino...*

abade não a deixou acabar. Arregaçando a batina, como se houvesse agua no chão, e rompendo em direcção ao altar-mór, onde ia servir a mêsa eucaristica, encarando-a como se a fulminasse, e esquecido do logar santo em que se achava:

— Pois olhe, sente-se... na poltrona, e não torne mais a vir aqui.

Se encontrar uma beata tranquila é coisa quasi impossivel, encontrar satisfeito um lavrador é de uma impossibilidade quasi igual.

A sua felicidade está ligada ás contingencias meteorologicas, sobre as quaes ele nada pode. A previsão, no que diz respeito aos comesinhos phenomenos de que depende a sorte do lavrador, é tudo quanto ha de mais falivel, salvos os casos extremos de chover no inverno e fazer calor no verão. Por certo as leis da Natureza são constantes; mas aquilo a que nós chamamos leis, são apenas regras geraes, susceptiveis de muitas excepções, a maior parte das quaes nos escapam

Todos os annos o lavrador deita semente á terra, fiado em que choverá, como nos annos anteriores, em epoca propria para que ella germine. Se a chuva se antecipa, elle queixa-se, porque essa antecipação pode causar-lhe graves prejuizos; mas se em vez de se antecipar, a chuva se demora, elle queixa-se da mesma maneira, no receio de identicos resultados. Quando chove muito, e as terras alagam, elle geme, porque se lhe afoga a seara; mas se a chuva tarda, e ainda por cima o vento ajuda a secar as terras, elle já não tem socego, no presentimento d'um anno ruim.

As searas teem um bom aspecto?

O lavrador ainda não está contente, porque a

herva aparece em abundancia, e as mondas custam um dinheirão. Depois é o gado que morre, umas vezes porque as pastagens são pobres, outras vezes porque o atacam doenças incuraveis. A medicina veterinaria tem feito enormes progressos; mas ha uns poucos d'annos que no Alemtejo morre o gado em verdadeiras hecatombes, causando prejuizos de milhares de contos.

A ovelha é um bicho muito curioso; tanto morre de fome como de fartura. Muda-se d'aqui para além, fugindo aos maus ares, e morre da mesma maneira. Afogada em pasto, gorda como um texugo, morre sem parecer doente; a lamber torrões, quasi sem apanhar uma folha verde, anda a pele a segurar-lhe os ossos, mas não morre.

A ovelha é verdadeiramente, a *bête au bon Dieu*, o mais util animal que possue o lavrador. Ella dá-lhe o leite, dá-lhe a cria, dá-lhe a pele, dá lhe a carne. E mais do que isso — tudo quanto faz, diz o pastor, na sua linguagem entre ingenua e maliciosa, é para o dono. O que come e o que bebe, e ella só come e bebe o que a Natureza lhe offerece, restitue-o sob a forma de adubo rico, o melhor e o mais barato que o lavrador emprega.

Ainda ha tres dias o lavrador, n'esta região do Baixo Alemtejo em que viemos passar o Entrudo, fugindo á estupidez carnavalesca de Lisboa, olhava amarguradamente os campos alagados, e vendo a chuva cair incessantemente, forrado o ceu de nu-

vens grossas, maldizia a sua sorte, prevendo um ano de fome, a repetição d'aquele ano da *inverna grande*, em 1856, tambem chamado o ano do feno, em que o trigo alcançou o preço quasi inverosimil, em muitas regiões do sul, de 1400 reis. o alqueire.

Pois bastou que hontem o sol luzisse num ceu limpo de nuvens, e fosse, d'um extremo ao outro do horisonte, beijando a terra, lá do alto, em caricias d'uma tepidez quasi primaveril, para que o lavrador se alegrasse, no alvoroço de quem recebesse uma bôa nova, a promessa d'uma colheita abundante, pelo menos a compensação modesta dos seus trabalhos e cuidados.

Mas que ámanhã uns farrapitos de nuvem cinzenta, ao cair da tarde, ponham no azul purissimo de firmamento uma fugidia ameaça de aguaceiro, e imediatamente o lavrador se tornará apreensivo, distinguindo agora mais nitidamente as folhas chloroticas que mancham o verde dos seus trigaes, e que hontem quási não via, tonificadas pelos beijos de luz tepida que á terra lançava o sol, muito alto e muito luminoso, indo d'um extremo ao outro do horizonte, sereno e magestoso como um Deus olympico que fosse arrastando a sua tunica imensa, azulinea e sem pregas.

*

Ha uns quinze annos, a freguezia das Alcaçovas produzia uns 600 moios de trigo; hoje pro-

duz, segundo a informação que tenho, para cima de tres mil. Dá-se o mesmo ou coisa equivalente, em outras freguezias ou concelhos, e pois que produzimos hoje mnito mais do que produziamos hontem, e não exportamos um bago de trigo, havemos de concluir que o consumo se tem alargado, e bem sabe como isso se fez... o moageiro.

Um dia, cêdo ou tarde, provavelmente mais tarde do que cêdo, estes campos serão povoados, aldeia aqui, aldeia acolá, bastando para isso que se tornem faceis as comunicações, que as iniciativas inteligentes acordem para suprir as insuficiencias da Natureza. Por agora temos de resignar-nos a percorrer distancias enormes, kilometros e kilometros, sem toparmos um monte ou casal a cuja porta se bata, para que nos matem a sêde.

Passam carros, em longa fila, carregados de cortiça, muito pesados e muito lentos, o almocreve lá em cima, no tôpo da carrada, mal segurando as arreatas froixas, ou então á frente da sua parelha, já sem os esquilos e os cascaveis, que eram da praxe ha uns annos atraz. Um automovel de carga facilitaria enormemente estes transportes, tornando-os baratos, pelo menos tornando-os rapidos, e a rapidez, na industria, é dinheiro.

Bem certo parece, que tudo quanto uma vez nos cahiu no cerebro, lá fica, embora muitas ve-

zes escorregue para as camadas mais fundas, não sendo possivel, em condições ordinarias, fazer com que suba e aflore, tornando se presente na memoria Assim é que a estrada, na ponte de Algalé, nos faz recordar uma versalhada que se cantava e dançava nos remotos tempos da nossa mocidade, uma lenga-lenga sem pés nem cabeça, que as raparigas saracoteavam, aos pulos, cortando-a de castanholas.

E aqui estamos ao pé d'um monumento funebre, em marmore, perante o qual se descobre quem passa, as creaturas devotas resando o seu padre nosso por alma de quem ali morreu, e que talvez não careça d'um empurrão para entrar no céu. A legenda é em verso e dia assim:

Aqui perdeu e de tenra idade
Uma estremosa mãe o seu Luiz
Perdeu, porque Deus assim o quiz
Por efeito de horrorosa tempestade.

Porção caiu de electricidade
Dois cavallos matou e o infeliz;
Ficou vivo um tio, e outro, se diz,
Que estão todos juntos, fatalidade!

Compreenda lá a humanidade
Os ocultos juizos dos altos ceus,
Impossivel é, diga-se a verdade.

Do coração arranca e labios seus
Um suspiro de eterna saudade
A terna mãe que lhe lega, oh! meu Deus!

Não tem o nome do auctor.

A historica vila de Alcacer do Sal nada tem que prenda a attenção d'um forasteiro, por menos curioso que elle seja. Ruas estreitas, casas velhas, o rio sem barcos, os caes sem mercadorias, e lá no alto o desmantelado castelo, que faz pensar nas façanhas de D. Affonso Henriques, o fundador da Monarchia. A ponte sobre o Sado, de tramo central movel, para não impedir a theorica navegação que se faz d'ali para cima, esteve durante largos anos em construção, funcionando como isca eleitoral, para uso dos partidos.

Do lado de lá, na margem esquerda, fóra da varzea que o rio alaga nas invernadas que ficam de memoria, lobrigo um aterro da linha do Valle do Sado, que passará a jusante da villa. A este proposito se nos queixam os lavradores e auctoridades, que amavelmente apareceram a cumprimentar-nos, e que não podem comprehender as razões d'ordem technica, ou de qualquer outra natureza, que levaram os engenheiros a pôr de banda as suas reclamações, instando para que a ponte do caminho de ferro ficasse a montante da povoação. Tambem nos parece que assim Alcacer ficava mais bem servida, mas não queremos entrar na apreciação do que fizeram os engenheiros, inspirados sem duvida alguma nos interesses geraes da linha, que tiveram incumbencia de estudar, e conjugando todos os elementos de valor, technicos e comerciaes, para adoptarem um certo traçado de preferencia a qualquer outro.

Ha vinte annos esta villa era o que é hoje, na aparencia ao menos, tão completamente a mesma que nos quer parecer que tinhamos alli estado na vespera. Mas dentro em pouco o comboio irá levar-lhe mais vida, maior tráfego, e então ella seria verdadeiramente a rainha do Sado. . . se não estivessemos na Republica.

A herdade da Terça, onde vamos, fica a uns seis ou sete kilometros da villa, na estrada que conduz ao Poceirão. Chegamos lá em poucos minutos, vencendo o automovel um troço de mau caminho, talvez obra d'um kilometro, que da estrada conduz á varzea onde o lavrador Joaquim Nuncio tem os seus furos artesianos.

De que se trata?

Não está medida a varzea, mas calculando a sua area pelo que leva em semeadura, deve ter uns tresentos hectares. Terreno salgado, a sua productividade era insignificante, aqui e além prestando-se a um bocadinho de horta, algum feijão ou milho, e de pastagem não dando o bastante para se ter em conta na distribuição do gado.

— Poderia valer isto?...

— Quem tivesse dinheiro, e não se importasse gastal-o, diz-nos o sr. José Lynce, um dos mais importantes lavradores de Alcacer, poderia dar um conto e quinhentos a dois contos de réis.

O sr. Joaquim Nuncio, homem novo, intelligente, capaz de iniciativa, pensou no melho aproveitamento d'aquelle largo trato de terren

improductivo, e logo viu que elle poderia vir a ser um vasto e lucrativo arrozal. Apenas com esta condição — que dentro d'elle encontrasse agua para o encharcar.

Toca de furar aqui e ali, nos pontos em que lhe parecia que o furo iria ter a um lençol d'agua, levando-o até onde fosse necessario. Felizmente não careceu de entrar muito nas entranhas do globo, pois que a uns vinte metros encontrou agua em tal abundancia que encharca quasi metade da varzea. Uma locomovel de seis cavallos faz subir a agua do poço, em que jorra o cano, para um tubo de zinco, que vae leval-a, com bastante desperdicio, aos taboleiros d'arroz, em que está retalhada uma grande parte da varzea.

Calcula o sr. Nuncio que levando o poço, dentro do qual jorra o furo de maior rendimento, a uma profundidade de vinte metros, a agua que elle lhe der, com a dos outros furos, chegará para alagar toda a varzea.

— E esse arrozal dará?...

— Deve dar, em média, uns mil moios de arroz.

— Que representam em dinheiro?...

— Ao preço que agora tem, representam **34 contos**.

E' certo que nem todos podem contar, no Alemtejo, com a sorte que teve o sr. Joaquim Nuncio, encontrando agua onde a procurou, e a

uma insignificante profundidade. Mas ainda fazendo algumas tentativas inuteis, e indo encontral-a mais funda, muito mais funda, vê o leitor que vale a pena brocar a terra alemtejana, porque a agua que ella guarda avaramente nas suas entranhas, vindo regar a sua superficie, não meramente para cultivar arroz, mas para quaesquer culturas regadas, compensa largamente de todos os trabalhos e gastos.

Lá em baixo, no fundo da varzea, ha montes de sal, que branquejam como os velhos marcos geodesicos, e acredita-se que alli perto corre o Sado, porque se percebe uma vela deslocar-se lentamente — tão lentamente como o rio corre.

São horas de partir, que a jornada é comprida, e não ha que fiar em automoveis.

No regresso ás Alcaçovas vamos notando que ha trechos de montado que o fogo queimou este anno, causando perdas consideraveis. Não ha que perguntar — foi o caçador que deitou fogo ao mato, não se importando que elle queimasse as arvores, porque as arvores não são d'elle, e os coelhos que matar hão de render-lhe algum dinheiro. Não é frequente, no Alemtejo, o crime de fogo posto, como o define o codigo penal, mas raro é o verão em que os caçadores e os maioraes, aqui ou álém, não causam serios prejuizos, largando fogo á charneca com intuitos venatorios, ou simplesmente pelo prazer estupido de ouvirem

crepitar a lenha e verem as labaredas, n'uma estranha pyrotecnia, erguendo-se a alturas varias, pondo manchas de vario tom e grandeza na atmosphera quieta e diaphana. — E' corrente esta pratica em Africa, terra de selvagens, que nós andamos a civilisar, ha seculos, sem devidamente atentarmos no que vae cá por casa.

Urge fazer passar, no Parlamento, uma lei de caça, porque sem isso taes vandalismos são inevitaveis.

E damos por terminada esta passeata, contentes com o que vimos, mais contentes ainda... com o que não ouvimos, gosando a inefavel dita de não recebermos memoriaes, os terriveis memoriaes com que em Lisboa se assaltam os homens publicos em toda a parte onde apparecem — na rua, no café, no theatro ou nos urinoes, que o pretendente é d'uma audacia que não trepida... e d'um impudor que não hesita.

Fevereiro de 1912.

A' Peninha

Que demonio!

Umas férias de tres ou quatro dias não é, positivamente, um luxo de nababo, e bem as merece quem passa o melhor do seu tempo, durante o ano, a encher de materia varia as columnas d'um jornal.

Passaram os calores do verão, mas ainda apetece fugir da cidade para o campo ou para a beira-mar, para as serras ou para as praias, de preferencia para onde a sociedade nos deixe tranquilos, sem rigores de *toilette*, desembaraçados de todos ou da maior parte dos artificios que nos grandes centros urbanos restringem o á vontade das pessoas simples, da gente modesta e trabalhadora, que não anda nas ruas para que a vejam, obrigada todavia a reparar nos cavalheiros e cavalheiras que se encadernam com luxo, na maior parte dos casos sem gosto, futeis creaturas para quem a vida não tem horisontes mais largos

que os circumscriptos entre a loja do alfaiate e o *atelier* da modista.

Não hesito entre Cascaes e Cintra, porque Cascaes não é uma praia, é uma banheira, para mais *rendez-vous* de todas as elegancias alfacinhas que ainda se comprazem em respirar ali um vago perfume de realeza, alimentando assim um culto messianico, muito perto de extinguir-se. Cintra é a Natureza forte, sadia, vigorosa, rude e aspera nos seus aspectos, encantadoramente bucólica no seu convívio intimo. Vale por todos os tónicos da pharmacia o ar puro e ligeiramente embalsamado que se respira no Parque, e a agua fresca das suas fontes, cobertas umas, descobertas outras, bebida por uma folha armada em copo, não preferindo bebel-a na concha da mão, regala as cacholinhas, como se fosse um banho frio, por dentro, nos esbrazeados mezes do verão, á hora em que o sol queima, e faz pensar, com desdem, nas beberagens que se tomam nos cafés, limonadas, cervejas, salsas ou gasosas, que não valem o que custam, mesmo que sejam baratas.

Pois resolvo ir até Cintra, na disposição de passar ali uns dias, muito poucos, tres ou quatro, aproveitando-os o melhor que possa, porque elles serão o meu veraneio do ano corrente, chumbado á grilheta d'um jornal diario como um condemnado a trabalhos forçados.

Aproveito o comboio que sae do Rocio ás seis e meia, tendo o cuidado de me instalar na car-

ruagem com meia hora de antecedencia para não fazer todo o percurso em pé, comprimido como sardinha em lata. Todos os anos vae para Cintra, de julho a outubro, o mesmo numero de veraneantes, aproximadamente, e a quasi totalidade d'esses veraneantes, os homens, só passam as noites e os dias feriados em Cintra, gente de escriptorio ou repartições que de Cintra vem, pela manhã, a Lisboa, e á tarde volta para Cintra, fazendo uma viagem diaria que nada ou muito pouco tem de agradavel. Não era muito que a Companhia já tivesse providenciado por maneira que estes simpaticos amadores de Cintra fossem transportados comodamente, bastando para isso destinar-lhes mais uma carruagem. Bem sabemos que seria augmentar a carga do comboio; mas não será digno de atenções e deferencias o publico que paga o que lhe pedem, a maior parte das vezes sem bufar?

Instalo-me no unico hotel que ha em S. Pedro, uma especie de pensão de familia que não tem pensionistas no inverno. Se me oferecessem uma casa na Estephania, na Villa, aceitava-a... para a vender, e com o dinheiro que ella me rendesse mandava fazer outra, para meu uso, em S. Pedro, tão perto quanto possivel do Parque.

Bem instalado, mal instalado, vou procurar as pessoas amigas que aqui tenho, lisboetas que em casa sua ou de aluguer, aqui passam todo o ve-

rão e uma parte do outomno, e com elas formulo o programa de um curto veraneio, contando muito com as pernas e alguma coisa com os burros, menos para me furtar a caminhadas, *pedibus calcantis*, que para manter uma larga tradição... burrical.

Fica assente que visitaremos os logares mais interessantes de Cintra e seus arredores, começando pelos que ainda não conheço, reservando para o fim um passeio ao Cabo da Roca, que eu conheço desde a instrução primaria, por se dizer no Manual Encyclopedico que elle marca, com Campo Maior, a menor largura de Portugal.

— A'manhã vamos á Peninha.

E como a Peninha fica longe, vá de encurtar o serão para facilmente nos arrancarmos da cama á hora combinada, excessivamente matinal para gente de Lisboa.

•

Abro a janela do quarto ás sete horas da manhã, e não lobrigo, atravez do nevoeiro cerrado, a araucaria que fica ali, na minha frente, quasi a tocar lhe com a mão.

O vento sacode brutalmente as arvores, e lá de cima, rolando pelos fraguedos da Serra, parece que vem descendo um vagalhão ciclopico, dentro do qual rugissem trovões.

Recolho ao leito, convencido de que terá de ficar para outra vez a excursão á Peninha, e adormeço assim que aqueço.

Não tarda que o sol me acorde, luminoso como

em certos dias de inverno, e logo salto da cama, a ver como se mostra o tempo, esperançado agora em que se realisará a excursão projectada. O vento ainda sopra com força, mas o nevoeiro desapareceu, e uns bocados de lã cardada, muito branca, que destacam no azul do céu, aqui e além, não constituem indicio de chuva, e decoram a abobada celeste.

Chegam os burros, aparelhados á moda antiga, sem cadeirinha, e a caravana põe-se em marcha.

O mar tem um aspecto feio, como se uma cortina de nevoeiro estivesse colada á sua superficie, dando-lhe um tom de papel almasso, amarrotado.

Vê-se o convento de Mafra, sem binoculo, recortando nitidamente a sua mole imensa, sem linhas graciosas de construção, severo como as coisas brutas, — uma grande asneira de pedra e cal, na frase de Herculano. Para além de Mafra os montes, em planos distinctos, acidentam o horisonte, e no mais recuado de todos, e mais recuado e o mais alto, uma capelinha alveja, sorrindo aos olhos devotos que para ela se erguem, e d'ela baixam cheios de esperança.

E' possivel que os burros tenham algum parentesco com as cabras, porque só eles são capazes de passar, como elas, em certos carreirinhos pedregosos, á beira de precipicios, assentando as patas com tal cuidado, que não caem, nem escorregam.

Porque não ?

Sousa Martins pretendia que as mulheres são da familia das galinhas, pelo facto das histericas fazerem altissimas temperaturas, e eu suponho que não ha maior distancia entre a galinha e a mulher, do que entre o burro e a cabra.

Certo é que os burrinhos marcham belamente, numa soberba indiferença pela variada paisagem que se vae desenrolando á nossa vista, numa extensão que diria infinita, se ela me não aparecesse limitada, a grande distancia, pelo dorso penhascoso que é a Serra da Arrabida. Não andam barcos no mar, e o Cabo Espichel, que os meus olhos de miope abrangem em toda a sua extensão e contorno, parece avançar pelas aguas quietas, a inquirir do estranho facto que assim tolhe a navegação. O Castelo de Palmela, como que a formar o ultimo contraforte da Arrabida, pelo lado da terra, desenha na atmosfera levemente turva, escassamente acinzentada, o seu perfil de reducto velho e desmantelado, sobranceiro a uma viloria *coquette*, quando vista de longe, e dominando uma vasta campina, em direcção ao Alemtejo, por onde marcharam, a caminho deLisboa, vão passados trezentos anos, os legionarios do duque d'Alba.

Lá se pegou, a rilhar hervas, o burro em que monta a Gina, uma linda Walkiria de dez anos, que mal chega com os pés aos estribos, e não quer servir-se do *stick* que arranjou de vespera, para obrigar o animalejo a andar.

— Bate-lhe, Gina, bate-lhe!

— Coitadinho!...

Correm sombras, grandes bocados de sombra pelo extenso vale, e eu esqueço-me a notar a forma caprichosa, variando a cada instante, das nuvens que as projectam, e vão correndo, numa galopada, em direção ao mar, batidas do vento norte.

— Já reparou? Aquela nuvem, além, muito pequenina, parece um focinho de cão.

Visto por entre massas de nuvens brancas, leves e nitentes como se fossem da mais alva espuma, o azul do céu é mais puro que o da melhor turqueza, e como se fosse ele proprio, o céu, uma grande turqueza em concha, trabalhada por Deus, o supremo lapidario, o seu azul é mais ou menos esmaecido conforme a quantidade d'agua que ha na atmosfera.

Que adoravel!

Lá muito em cima, numa altura que não sei avaliar, uma grande nuvem corre, na mesma linha em que outra vae correndo, adiante dela, e antes que se penetrem, fundindo-se, circunscrevem a larga boca de um poço, á borda do qual eu me sinto debruçado, a mergulhar a vista num encantamento de volupia, meio acordado, meio a dormir, nas suas aguas quietas e azulineas, de um azul tão carregado e tão puro que dir-se-ia resultar da fusão das mais belas turquezas que houvesse na terra levadas ao mais poderoso cadinho que haja no inferno — se é lá que estão as oficinas de Vulcano.

— Então fica ahi?

Muros de pedra, a um lado e outro, apertam o caminho em que vamos, quasi fôfo sob um tapete de folhas, e por cima das nossas cabeças, formando uma abobada esburacada, os pinheiros, os eucalyptos, os castanheiros e os cedros estendem-se carinhosamente os braços vigorosos e esgalhados, — dando aos homens um admiravel exemplo de fraternidade... vegetal.

Marcham lestos os burrinhos, *toc, toc*, habituados a taes jornadas, em termos que devemos estar na Peninha á hora préfixada, com uma pontualidade que nunca tiveram os nossos comboios, mesmo nos tempos longinquos em que as respectivas maquinas se alimentavam a carvão.

O mar tem agora a côr verde da esmeralda, um verde intenso, como o de certas folhas molhadas, e babuja de espuma a Praia das Maçãs, que além se vê, garrida na sua minusculidade.

Ficam-nos aqui perto os Capuchos, e o burro que vae na frente, ignorando que já acabaram, ha muito, os frades em Portugal, rompe em direcção ao Convento, mais conhecedor, talvez, da poesia do Bocage que da legislação do Aguiar.

Entre um frade e um burro
Ha tanta conformidade,
Que ou o frade é pae do burro
Ou o burro é pae do frade.

Estas serras, de flancos asperos, porque as eriçam, aqui e além, convulsionadas aflorações de granito, nem pela grandeza, nem pelo aspecto lembram as montanhas pirenaicas ou alpinas, duma grandeza que infunde respeito, erguendo-se a topetar os céos.

Quasi se podem ler, cá de baixo, servindo-nos do binocolo, as inscrições que ilustram o marco geodesico da primeira serra que temos de transpôr, contornando-a do lado sul, e pouco mais alta do que ela é a Peninha, cuja ascensão não faz tremer as pernas do menos desembaraçado caminheiro que imaginar-se possa.

Pára a caravana junto de uma fonte, e emquanto os gericos bebem no tanque em que ela deixa cair, ininterruptamente, um fio d'agua cristalina, espraio eu a vista pelos campos fóra, desde a raiz do monte até ao mar.

Chão nú, só preparado para a cultura dos cereaes, as suas acuminações, de insignificante relêvo, não fixam a nossa atenção, e quasi inutilmente procuramos um grande *bouquet* de arvores em que repousemos os olhos. Aldeolas que branquejam, felizes na insignificancia da sua vida sem tumulto, sempre a mesma, parece que nos convidam a irmos até lá, fugindo ao bulicio dos grandes centros, os nervos sempre a vibrarem com força, dispendendo uma quantidade de energia sem rigorosa proporção com o trabalho util que produzimos. Modestos casalitos, disseminados pela

vasta planura, são outros tantos ninhos, em manchas de cal, pela maior parte, de formigas operosas, que se metem ao trabalho ainda o sol, quasi a nascer, mal purpureja o horisonte, e se metem na cama, honradamente ganha a sua jorna, ainda um pouco do ar do dia atenua as sombras da noite.

Pelas estradas, em linha quebrada, não marcham carros nem galgam automoveis, diminuido o transito que habitualmente por elas se faz, á uma porque não ha que transportar, e depois, em relação aos automoveis, porque a gazolina está pelos olhos da cara — uma lata vale como se fôsse uma perola azul.

— Olhe, tão bonito!...

E' um gafanhoto que passou, voando, quasi a roçar pelo nariz da Gina, e foi pousar num colchico, á beira da estrada, se assim pode chamar-se á carreteira em que vamos, a meio da encosta, abrigados agora do vento, que sopra com violencia. Lá em baixo, no fundo dum vale apertado, ri uma pequenina povoação de que não sei o nome, garrida na sua toilette de verdura, todo o pequenino vale sendo uma horta quadriculada a dar-nos uma suave impressão de abundancia e de frescura.

Fetos mortos, de côr arroxeada, revestem os flancos destes montes, que bem podiam, sem aten-

divel prejuizo dos gados, estar semeados de pinheiros.

A pequena caravana, marchando agora em ordem dispersa, indisciplina um rebanhito d'ovelhas, que aqui anda a ruminar tranquilamente, fugindo cada uma para seu lado, desobedientes á voz do pastor, um beduino de quinze anos, quando muito, a face queimada das ardencias do sol, mais talvez das bofetadas de Eolo, que deve ter, por aqui perto, a sua caverna.

E chegamos á Peninha.

*

Uma escada larga, em pedra, vae cá de baixo, da Esplanada, até á Igreja, construida sobre um macisso de rochas graniticas, tão grande como os maiores de Cintra. A um lado e outro da escada ha ruinas de casinhotos modestos, todos eles providos de cosinha, onde se recolhiam, por breves horas, por escassos dias, os romeiros que uma vez no ano, devotos e curiosos, ali iam resar as suas orações, para beneficio da sua alma, e encher os pulmões de bom ar, para beneficio do seu corpo.

A esplanada é como uma varanda aberta sobre o mar, do lado da Praia do Guincho, a mais linda praia que ha entre Belem e o Cabo da Roca — sem ofensa a Cascaes e Estoril.

Ha uma tradição, uma lenda, que provavel-

mente o leitor conhece: — Uma cachopita de Almoinhas Velhas, muda de nascimento, andava na Serra a pastorear ovelhas, descalça de pé e perna, talvez mergulhada na incomensuravel tristeza que acabrunha os surdos-mudos, e que ainda não teve satisfatoria explicação por banda dos fisiologistas. Reinava em Portugal o sr. D. João 3.º. Um dia, pelo entardecer, quando a pastorinha tratava de ajuntar o gado, um pequeno rebanho, duas a tres duzias de cabeças, uma ovelha branca desata a correr, lesta como se tivesse o diabo agarrado á lã, e trepa, muito desembaraçada, pelo rude penhasco, a que hoje se chama a Peninha, como se fosse um esquilo. Aqui vae a desolada pastorinha no encalço da sua ovelhinha branca, e tendo conseguido alçapremar-se, como ela, ao vertice do penhasco, encontra-a recebendo os afagos duma formosa menina, linda como se fosse um anjinho. A qual menina, sempre afagando a ovelhinha branca, na linguagem que falam os mortaes, disse á pastorinha que recolhesse a casa e dissesse á mãe que em certa arca, uma velha arca ao abandono, tinha pão com fartura. O ano fôra de escassa produção; a fome elegera domicilio em todos os lares de Almoinhas.

Chega a pastorinha a casa, e fala, o que encheu de assombro a sua familia e visinhança; abre-se a arca que ela designa, e encontra-se cheia de pão o que levou ao cumulo o assombro

de toda aquela gente faminta. No dia seguinte, logo ao amanhecer, todo o povo de Almoinhas, em romaria, vae procurar a linda menina que dera fala á muda, e que outra não podia ser, no convencimento de todos, senão a propria Nossa Senhora, numa das suas transfigurações infinitas. A menina desaparecera, mas a Imagem lá estava, e processionalmente, por entre alegrias e choros, que tambem eram de alegria, a conduz a multidão para a Igreja de S. Saturnino.

De noite, sem que alguem désse por isso, a Senhora deixou a Igreja e voltou para o seu penhasco, facto que se repetiu mais duas vezes, sendo resolvido, á terceira, pelos devotos de Almoinhas, conservar a santa onde ela queria estar, erigindo ali a sua capelinha.

*

A vista que se desfructa do adro da Igreja é soberba, a um lado e outro; mas o vento sopra desabridamente, e eu mal consigo aguentar-me de pé, quando me desencosto da parede, tremendo-me o binoculo nas mãos como se fosse um ramo verde. Lá em baixo, na Praia do Guincho, as ondas rebentam com força, a estenderem na areia brancos lençoes de renda, e espadanam, quebrando-se nas rochas, erguendo columnas rendilhadas. Figuro um comboio que de Cascaes, marginando o oceano, vá até á Praia das Maçãs,

e sinto que em parte alguma se poderá oferecer ao *touriste* um espectaculo mais agradavel.

O futuro a Deus pertence; mas não seria dificil a qualquer, tendo os modestos talentos do Bandarra, prever o desenvolvimento da Praia do Guincho, mais cêdo ou mais tarde, pouco importa, quando um caminho de ferro electrico — pois então? — fechar o circuito — Lisboa-Praia das Maçãs-Cascaes. Se para tanto me chegasse a vida e o dinheiro, a minha casa seria das primeiras, na ordem cronologica das construcções, no Guincho, um pequeno chalet em que a minha velhice trôpega, d'articulações enferrujadas, encontrasse um pouco de conforto, um tudo-nada da elegancia modesta a que sempre aspirou, e nunca teve, a minha longinqua mocidade.

Um barco de tres mastros, todo pintado de branco, aparece-nos a navegar com rumo a Lisboa, muito junto á terra, e é tudo quanto põe no deserto infinito das aguas, no mar imenso que se estende na minha frente, azul como a reflectir o céu, uma afirmação iniludivel da vida — como um *oasis* na vastidão sem limites dum areal.

Mal pareceria que não visitassemos a Igreja, as Senhoras para resarem as suas devoções, os homens para acompanharem as Senhoras, e todos movidos da mesma curiosidade.

Alguns dos azulejos que revestem as paredes são interessantes, e contam passagens da Biblia;

o altar, em marmore de varias côres, pouco artisticamente embutidos, tem muita originalidade. Não consigo vêr bem a Santinha, que me dá, todavia, a impressão de uma escultura grosseira, como grosseiras, mal feitas, são as esculturas que estão sobre o altar. Mas está provado que uma coisa é a emoção artistica, e outra coisa é o sentimento religioso, sendo poucos os devotos que não prefiram um mono de santeiro a um Cristo de Donatello.

O *lunch* é magnifico, mas se eu fosse a comer tudo o que a Gina quer que eu coma e beba, ou saía d'aqui volumoso como o Chabi, ou dava um estoiro que nem uma peça.

Novamente a caravana se põe em marcha, de regresso á vila, e pelo caminho, encurtando as distancias, sem procurar carreiros nem veredas, eu sinto o corpo leve e o espirito desopresso, quasi tentado a ajoelhar, em pleno descampado, pedindo a benção, como aconselhava o Fialho, a Pan, o grande Deus.

Outubro de 1918.

O Valle do Vouga

Manhã fresca e luminosa, humida ainda, ligeiramente humedecida pelo bafejo da noite.

Os que trabalham, na cidade, mal acordaram já para a faina quotidiana; mas o homem dos campos, eterno condenado, ha muitas horas que labuta, a pele tanada pelos rigores do tempo cobrindo musculos d'aço. Marcha o comboio em grande velocidade, qualquér coisa de parecido com sessenta quilometros á hora; mas não refresca o ar que desloca, e é singuiarmente incomoda a poeirada que levanta.

Tem-se uma impressão agradavel, quasi de frescura, alongando a vista pelos campos de milho, algum já embandeirado e muito alto, outro ainda mal cobrindo a terra, semeado ha poucas semanas. Mólhos estendidos no restolho, á espera que vão buscal-os para a eira, inculcam uma colheita abundante, mas Deus sabe em que medida o pêso corresponde ao volume, podendo ser

que de toda aquela palha se não tire uma apreciavel quantidade de trigo.

Faz pena ver o Tejo quasi seco, como uma ribeira alemtejana, e mal se acredita, ao vel-o assim, que no inverno ele trasborde alagando os campos, numa area imensa, umas vezes fertilisando as terras, outras vezes destruindo as searas, sendo alternativamente a riqueza e a miseria. Das terras lavradas, quasi vidrentas á força de resequidas, parece que saem baforadas de ar quente, como da boca dum forno a arder. Os lavradores que morreram ha cincoenta annos, se resuscitassem hoje, antecipando o prodigio de Josaphat, não acreditariam o testemunho dos seus proprios olhos, vendo charruar em julho.

Ainda sou do tempo, menino e moço, em que na casa de meus paes os arados se metiam á terra, invariavelmente, pelo S. Miguel, e andavam reguladas de tal forma as coisas meteriologicas, hoje varias e caprichosas como qualquer lambisgoia histerica, que naquele dia, pouco ou muito, chovia. Pouco me importa que o leitor acredite ou não; mas a verdade é que ainda conservo a memoria sensorial da terra molhada ás primeiras aguas outomnaes, uma chuva que era uma rega discreta, marcando o final do verão.

É tão agradavel recordar!

Na vespera dispunha-se tudo para a faina a encetar no dia seguinte, o dia de S. Miguel, e era um verdadeiro *fervet opus* no «Monte», uns

arranjando a *apeiragem*, outros verificando se nos arados faltaria qualquer coisa, se as aguilhadas tinham *ferrão*, se os *tamoeiros* eram resistentes e elasticos, se estavam bem metidas as *arreihadas* e não faltariam *canzis* á ultima hora. Tinha um ar de festa aquele preludio de vida afadigosa, e, como se criados e patrões fizessem uma obra comum, igualmente interessados n'ela, a alegria era de todos, a sincera, franca e saudavel alegria das familias patriarcaes. Pois se n'esse tempo, ao almoço, ao jantar e á ceia, os creados resavam de mãos postas, de pé os que tinham menos de vinte anos — a garraiada — e nunca estes se dispensavam de pedir a benção aos velhos e aos patrões, com o mesmo respeito, a tocante sinceridade com que a pediriam a seus paes!... Ha sempre uma vaga tristeza nas recordações agradaveis, como ha sempre um vago perfume nas lindas flores que emurchessem.

Pois marcha agora o comboio a toda a velocidade, uns oitenta quilometros á hora; mas o ar que desloca é môrno, e a poeirada que levanta é incomoda.

O Mondego é um rio d'areia, e tanto se debruçam para ele os salgueiros da margem, que dir-se-hia procurarem com a rama a humidade que teem nas raizes. Mais agua do que ele tem agora, no trecho que se avista do comboio, chorou a desditosa Ignez, tão infeliz e tão mesqui-

nha que já uns poucos de brutos a mataram, conorme reza a historia da nossa literatura.

Custa-me não cumprimentar a tia Ambrosia, a quem devo uma das melhores recordações culinarias de toda a minha vida. Provavelmente eu já tinha comido leitão assado, como aquele; mas de todos os outros perdi a memoria, e estou ainda a vêr... e a saborear o que a tia Ambrosia me serviu, muito gordinho, de coiro muito aloirado, com um raminho de salsa na boca, tão bem acomodado na travessa de loiça, sobre um guardanapo de franjas, que dir-se-hia um anjinho a dormir.

Nosso Senhor me perdôe!

Tenho de deixar Santa Comba sem cumprimentar a tia Ambrosia, que provavelmente já não se lembra de mim, freguez de ocasião, sem nada que lhe picasse a curiosidade mulheril.

Paisagem conhecida, a que vou observando, mas apezar d'isso interessante, porque o acidentado do terreno, interrompendo a cada passo o scenario, é como uma fita cinematografica desenrolando-se em plena luz. Muitos pinheiros nas encostas, placas de milho nos vales, arvores de fructo por toda a parte, e as *cegonhas* molhando o bico em fontes toscas, ou pegos minusculos que forma o rio, para fornecerem agua de rega. Recorta-se no horisonte, á esquerda, o Caramulo, de pincaros atrevidos, e vê-se á direita o macisso da Serra da Estrela, em que o Jorge Nunes,

afincando a vista, quer por força vêr neve. Na maior parte das estações o movimento é zero, não entram nem saem passageiros, não se carregam nem se descarregam mercadorias, e não me lembro de ter visto nas estradas poeirentas, em muito bom estado de conservação, rodarem carros ou automoveis.

Lentamente se arrasta o comboio, mas como se vai arrastando sempre, acabará por chegar ao seu destino.

E assim foi que tendo deixado Lisboa pela manhã, ás quatro horas da tarde chegamos a Vizeu, com um calor de rachar.

*

Amigos dedicados, que são ao mesmo tempo correligionarios prestimosos, esperam-me na Estação e levam me para o *Grande Hotel*, num bairro novo da cidade.

Manuel Casimiro, o glorioso artista tauromaquico, tendo passado a mocidade a lidar touros, resolveu passar a velhice a tratar hospedes. Talvez não seja mais lucrativo, mas é com certeza menos perigoso, embora certos hospedes sejam más rezes, sem alusão grosseira ás virtudes conjugaes. Um fidalgo, lembrou-se de construir uma bela casa para Hotel, e logo Manuel Casimiro se meteu a hoteleiro, desembaraçado e solerte como ha trinta anos atraz.

Muita gente, ao que por ahi se diz, não visita a Provincia porque ela, duma fórma geral, não lhe oferece os indispensaveis comodos de alojamento, para alguns dias ou para algumas horas. Os hoteis, fóra de Lisboa e Porto, são por via de regra maus, alguns são positivamente horriveis, estalagens em que tudo falta — a não ser o percevejo no verão, e a pulga em todas as estações.

Pois Vizeu tem hoje um magnifico hotel, o *Grande Hotel*, em que o *touriste* encontra tudo quanto lhe é permitido desejar fóra de sua casa — se é que em sua casa tem o conforto das instalações modernas, que servem de casulo á burguezia dinheirosa. Quartos amplos, de janelas bem rasgadas, uma mobilia singela, de fabricação local, graciosa e leve, e os leitos á vontade do freguez, quanto ao colchão, sendo preferiveis os de arame, para gente casada, por causa do resalto, que é uma força a aproveitar.

Manuel Casimiro distribuiu por todas as dependencias do seu Hotel as recordações da sua vida de artista, reservando, naturalmente, para o seu escriptorio, no rez-do-chão, logo á entrada, as que lhe são mais caras. Ali está a cabeça do *Guerrita*, o magnifico cavalo que lhe proporcionou tantas e tão merecidas ovações, e que miseravelmente lhe morreu na Gollegã, de congestão, como se fosse um conselheiro apopletico. *Era o melhor cavalo do mundo*, disse-me ele, com um

sorriso triste nos labios, e uma grande magua no olhar.

Ao lado do *Guerrita*, na mesma parede, está uma cabeça de touro, e eu pergunto-lhe se era a de algum *Miura*, que ele tivesse lidado em terras de Hespanha. Não; o touro era da ganadaria Palha Blanco, e fôra-lhe oferecida a cabeça em homenagem ao seu trabalho, n'uma tarde de rara felicidade.

Em Hespanha, um toureiro de cathegoria, quando corta a *coleta* não é para dirigir uma casa d'hospedes, mas para amesendar na vida, entre os grandes e os felizes. *Guerrita*, quando abandonou o toureio, já era milionario, aos trinta e tantos anos, e Belmonte, cognominado o *Phenomeno*, se ámanhã désse por terminada a sua carreira de artista, mal entrado na maioridade, levaria para o seu canto bôas centenas de milhares de pesetas.

Nem todos podem morar na Praça, diz a sabedoria popular, consolando assim os que na loteria da vida nunca passam do mesmo dinheiro.

Por todas as dependencias do seu Hotel distribuiu Manuel Casimiro recordações da sua vida de artista, documentos da sua biographia de toureiro, que ele oferece ao exame e á critica dos seus hospedes, alguns dos quaes — quem sabe! — talvez lhe não poupassem invectivas e doestos nas tardes de mau olhado. No quarto em que fiquei, por cima da cabeceira, em fundo de veludo,

está uma ferradura de prata, oferecida não sei por quem, um amigo ou um admirador, com a indispensavel photographia. Foi o demonio ter reparado nela, ao meter-me na cama, porque levei a noite a sonhar que estava lendo jornaes, e acordei com dores nas canelas, como se m'as tivessem quebrado.

*

Vizeu tem direito a ser uma terra de turismo, e estou convencido de que o será, desde que se torne conhecida. Já é regularmente servida de comboios, tem um Hotel que nada deixa a desejar, e oferece á curiosidade do forasteiro, para o entreter durante horas, lindos aspectos da Natureza, e raros objectos d'Arte.

Vamos de corrida a Fontello, onde ha uma opulenta mata de castanheiros, e um trecho de jardim, que para ser encantador não precisa senão de alguns cuidados inteligentes, entregue a quem tenha pelas flores o culto que elas merecem. E ainda de corrida vamos de romagem á *Cava do Viriato*, um legendario barbaças que fez proezas na Beira, ha muitos seculos, ainda o Cristo não era nascido, e bivacou aqui, dizem as cronicas, sempre vencedor contra os romanos, que o fizeram matar á traição, peitando homens da sua *entourage*. Hoje a *Cava*, de forma polygonal, é propriedade de varias gentes, uma especie de grande horta com moradias, cheia de milho, fei-

jão, couves... e tradições. Subsistem tres lados apenas do octogono primitivo, um deles convertido em larga Avenida, cheia de sombra, que as árvores d'um lado e outro, muito altas e muito frondosas, tocam-se formando abobada.

Seria imperdoavel, estando em Vizeu, não ir de visita a Sé, prestar homenagem ao Grão Vasco. Já falta luz para se verem os quadros, sobretudo o Calvario, desfavoravelmente colocado em relação a *S. Pedro*. Mas eu tenho-os na retina, desde ha muitos anos, e esta visita agora, nas más condições d'um entardecer adiantado, é propriamente um acto de mera devoção — como alguem que rezasse a uma imagem que se não vê.

Estamos no côro, onde ha um magnifico *Pelicano* de bronze, quando rebôam no templo os sons graves d'um Orgão, fazendo acompanhamento a um concerto de vozes bem moduladas, homens e mulheres, entoando a oração da tarde, n'uma capela lateral. Esparsas nuvens de incenso vão impregnando a atmosphera do templo, e sinto que elas entram para alguma coisa na impressão melodica que experimento, rithmica e perfumada. Ha, manifestamente, uma estreita correlação entre os sons e os perfumes, e eu recordo-me perfeitamente de ter ouvido, uma noite, saindo de uma grande placa de rosas, a canção do rei de Thule.

Bem disse o poeta:

A magnolia é uma harpa etherea e perfumada
O cacto de larga flôr vermelha ensanguentada
Tem notas marciaes, sôa como um clarim.

No claustro, um padre ainda novo faz a catequese a creanças d'ambos os sexos, todas descalças, umas em pé outras sentadas, talvez mais curiosas de nos verem, que de ouvirem o sacerdote. Porque são indistinctamente crentes e livre-pensadores os mariolas que conheço, no meu espirito ergue se a duvida sobre a influencia do ensino religioso na formação do caracter, e por isso me não indigna o espectaculo que tenho na minha frente, tanto mais que o padre, d'olho gazil e boca escarninha, tem o geito de acreditar em tudo... menos em dogmas e milagres.

...Toca a jantar, que o almoço foi cêdo, e o Jorge, que é um excelente garfo, já sofre as torturas do Bocage, convidado para um banquete em casa de familia amiga.

Quando o halito á boca puxa,
E se acaso cuspir consigo,
Sobem as tripas e o buxo
A escutar se mastigo.

Excelente a cozinha do Hotel, mesmo levando em conta que a fome é o melhor aperitivo, além do ser um tempêro de primeira ordem. Servem-nos vinhos da região, tintos e brancos, dando eu preferencia ao branco, de Vila Meã — talvez por ter visto plantar a vinha respectiva, andava o dr.

Pedro dos Santos nos seus primeiros ensaios de lavrador.

No *Casino*, de fundação recente, um sexteto de meninas francesas entretem os serões de quem gosta de musica, estando no á vontade das casas onde se paga o que se consome, No meu tempo, ha vinte anos, as noites quentes passavam se no *Rocio*, onde ás quintas e domingos tocava a banda regimental, e as noites frias passávam se no *Gremio*, a conversarem uns, a jogarem outros, salvo quando havia espectaculo no elegante teatrinho da Casa.

Os companheiros do Gremio!

Abalaram muitos para a viagem de que se não torna, mas eu consigo vel·os todos, além. na sala em que nos juntavamos, os que morreram e os que ainda vivem, e tenho a impressão de que regresso á mocidade perdida, cheia de ilusões e de esperanças!

Uma noite, ahi por dezembro, estavamos ao fogão, entre outros, eu, o Miguel de Figueiredo, o José Barbosa, o Pessanha e o Freitas Barros. O frio era de respeito, de modo que faziamos pinha em torno do fogão, aceso já depois da nossa chegada. Entra o Salomão do Amaral, desengonçado, palito nos dentes, o ar de quem passa mal.

— Você que tem, ó Salomão?

Ele explica que tem coisas gastricas, um raio duma dispepsia que nem os medicos entendem,

porquanto uns lhe dizem que faça uso de saes, outros lhe prescrevem acidos.

Acode muito depressa o Freitas Barros:

— O' Salomão! Você não caia em tomar acidos...

Grande espanto de todos, mórmente do Salomão, que justamente a tomar acidos melhorara dos seus incomodos.

E o Freitas Barros, com a seriedade dum juiz, proferindo uma sentença no tribunal:

— Sim, você bem deve perceber. Tomar acidos com essas *bases*, é arranjar uns saes que lhe dão cabo do canastro.

Todos riram, excepto o pobre Salomão, com vagas pretenções a *dandy*, torturado porque a Natureza lhe dera uns pés enormes, os maiores pés da Beira!

Discretamente pergunto se acolá, voltando á direita, ainda existe o famoso *tasco* do *Zé Gordo*, e num instante de amargura evoco a memoria desse infeliz Barbosa d'Andrade, incorrigivel bohemio de fulgida inteligencia, um poderoso talento que desapareceu sem deixar rasto.

Conhecemol-o ha uns doze annos aqui, em Vizeu, sua terra natal. Tinha elle abandonado a tropa, quasi alferes pela tarimba, e estava para ahi sem fazer nada, com metade do curso de engenharia, muito aborrecido, sem coragem para tentar o minimo esforço, no sentido de ganhar o pão de cada dia, não obstante envergonhar-se da sua

parasitagem familial. Alguem nos apresentou, não me lembra quem, um dia, no *Jardim*, e logo ficámos *velhos amigos*, como se nos conhecessemos de longa data. D'ahi a pouco fundavamos o *Intransigente*, de camaradagem com Paes Gomes e Ribeiro de Sousa, e n'esse hebdomadario, que durou apenas alguns mezes, o Barbosa afirmou as mais belas qualidades de jornalista, confirmadas mais tarde em jornaes do Porto, n'uma colaboração anonyma. A instancias minhas foi completar o seu curso, que não foi brilhante, antes ficou muito abaixo do seu valor, que os mestres encareciam com muita estima, lamentando que uma inteligencia tão bela não fosse servida por uma vontade forte. Mas era positivamente um abulico, o pobre Barbosa d'Andrade. E porque não fosse capaz de abrir caminho na vida, homem sem ambições, insensivel ao estimulo da vaidade, tremendo á necessidade d'um esforço persistente, obrigado a tomar o caminho da menor resistencia, preparou mal um concurso para professor do lyceu, conseguindo ser aprovado, Deus sabe como, á terceira tentativa. Tinha agora uma posição; aquillo não dava muito, mas dava o suficiente, e elle considerava-se rico quando tinha um pataco na algibeira, feitos os gastos do *ménage*.

Pobre Barbosa d'Andrade!

Tinha um talento especial para conhecer os homens, e em duas palavras, como se fosse um schema, fixava com a mais rigorosa exactidão,

com a maior fidelidade, o feitio d'uma inteligencia, ou o modo de ser d'um caracter. Fôra sempre republicano, e em Coimbra, n'aquelle periodo agitado de 90, o pouco que se fez de organisação revolucionaria, a elle se deveu principalmente.

Era, sem contestação possivel, a melhor inteligencia d'aquella geração academica, onde as inteligencias não eram raras. Espirito organisador, muito calmo, muito reflectido, o seu plano era sempre o mais bem pensado, o seu conselho era sempre o melhor. Ultimamente o seu republicanismo era simplesmente um facto de honestidade intelectual. Não acreditava que o Paiz fosse republicano, como não acreditava que fosse monarchico. Dizia-nos elle, a ultima vez que lhe falamos, com vagar, no Porto — *Os burros não teem convicções politicas, como não teem crenças religiosas, mas preferem que os tratem bem, a que os tratem mal*. Perdera inteiramente a confiança nos revolucionarios portuguezes, pela maior parte creaturas romanticas, d'uma candura angelica. Não acreditava que o portuguez seja verdadeiramente inteligente, e como d'uma vez lhe opuzessemos quaesquer razões, sustentando a opinião contraria, elle então observou-nos: — *Ha duas especies de inteligencia; a das aulas e a da sociedade. O portuguez, em geral, só tem a das aulas*.

Pobre Barbosa d'Andrade!

Tinha por elle uma verdadeira estima e uma

sincera admiração, e essa estima me retribuia elle, no mesmo grau — tenho d'isso a certeza. O facto é consolador, n'uma epoca em que os falsos amigos abundam, e os verdadeiros são tão raros que póde a gente confundil-os n'um só abraço, sem forçar as articulações.

*

Não ha remedio senão deixar Vizeu, uma terra cheia de pitoresco, original como poucas, rica de tradições para quem saiba evocal-as, emoldurada em hortas que são jardins, apraziveis e rendosas. Amigos e correligionarios, porfiando em tornar-me agradavel esta visita, cumulam-me de gentilezas, que do coração lhes agradeço, protestando-lhes o meu indelevel reconhecimento.

Quem sabe?

Por ser republicano, e ter o desassombro de o afirmar em publico, a Monarquia, julgando defender-se, para aqui me desterrou, inflingindo-me um castigo que não tinha proporção com a *falta* cometida. O Directorio do Partido Republlcano incluira o meu nome na lista dos seus candidatos, e eu não protestara contra essa inclusão. N'um jornal de Beja, o *Nove de Julho*, apareceram artigos doutrinarios versando materia politica, firmados com o pseudonymo Emilio, e dizia a voz do povo, que no caso era a voz de Deus, que esses artigos eram da minha autoria. Nada fez o Mi-

nisterio da Guerra para saber se era eu, efectivamente, o auctor d'esses artigos, não se importando para nada com a lei da imprensa, ou dizendo de si para si o respectivo Ministro: — A lei sou eu. Certo é que me foi imposto o castigo de um ano de inactividade a cumprir na séde da segunda divisão militar, tendo a cidade como homenagem, o que suavisava muito a minha situação de preso.

Não me dispenso de vêr a *Malakof*, anexo do Hotel Mabilia, onde passei os meus primeiros dias, onde dormi as minhas primeiras noites de Vizeu. Era de correr a janela do meu quarto, e d'uma vez, tendo corrido de mais, caiu em cima d'um rapariga que estava sentada cá em baixo, na rua, fazendo-lhe uma brecha na cabeça... Estou a ver, como n'um cinema, a minha fita de Vizeu, e se não sinto grandes saudades do tempo que aqui passei, um ano, tambem não recordo com amargura este periodo da minha vida.

Vão passados tantos anos!

Dos meus companheiros do Gremio já morreram todos ou quasi todos que tinham filhos casadoiros no tempo em que aqui estive, e a muitos me prendiam estreitos laços de estima.

Se ainda viverá a Batatinha?

Era uma costureirita morena, d'olhos pretos, as faces sempre rosadas, a boca bem talhada, circumscripta por uns labios carnosos, que apetecia morder. Ficava-lhe admiravelmente uma penugem

que lhe sombreava o labio superior, e tinha-se a impressão, apalpando-os com os olhos, de que os seus peitos, como os da Sulamita, eram cabritinhos montezes, saltando n'um campo de assucenas, o focinho vermelho como pingos de carmim.

Quer-me parecer que vejo passar além, de cavalo, o general Henrique José Alves, conhecido pelo Fradinho. Já contava oitenta annos quando eu para aqui vim, e ainda se considerava sustentaculo das Instituições. Muito monarquico e muito catolico, o Fradinho ouvia missa todos os domingos, confessava-se todos os anos, e nunca se dispensava de cumprimentar S S. M M. segundo as prescripções do mais rigoroso Protocolo.

Ora sucedeu que andando o Pimentel Pinto á caça de vagas, deu com o Fradinho no comando da 2.ª divisão, e tendo sabido, pelo Almanaque Militar que elle já entrara na casa dos oitenta, mandou que fosse presente a uma Junta, para se verificar a sua validez de tropa. Este sucesso valeu-me de muito, porquanto o velhote, escandalisado com a violencia que lhe fazia o Ministerio da Guerra, sentiu esmorecerem os seus enthusiasmos pela Realeza, e muito longe de me receber com quatro pedras na mão, quasi me recebeu como se fossemos correligionarios.

— Imaginam que um Templo se aguenta de pé, tirando-lhe as colunas que o sustentam!

Só por excepção o Fradinho ia para o Quartel General a pé, e só por excepção, muito rara,

não regressava a casa, de cavalo. Era rijo como canelos; gabava-se de nunca ter usado ceroulas e dormir sempre, desde alferes, em cama dura, sem colchão de lã ou de palha.

Pois quiz-me parecer, ha pouco, que o via passar, lá em baixo, a caminho do Quartel General, muito firme na cella, ligeiramente curvado para a frente, cumprimentando em continencia, como se estivesse fardado.

Se os mariolas historicos vierem a assenhorear-se da Republica, dispondo dela a seu talente, o que uns já reputam facil, e outros consideram ainda como tão sómente possivel, para aqui virei novamente desterrado, mas agora como talassa, — a menos que um tiro ou uma facada me prive do agradavel exilio.

Batem as doze horas no relogio da Estação, e o comboisinho do Vale do Vouga põe-se em marcha. Acompanha-nos o dr. Matos Cid, um velho amigo e ilustre correligionario, tão modesto como talentoso, homem de caracter á maneira antiga, duma rara austeridade. Prestou-se gentilmente a *pilotar-nos* a bordo dêste comboio zig-zagueante, repetindo uma viagem que tem feito duzias de vezes, em serviço profissional.

Mal reconheço, *Abravezes*, na garridice dos seus predios novos, com telha de Marselha, tão diferente do que era ha vinte anos, graças á emigração para o Brasil, agora quasi estancada. A

pequenina ermida de Santa Luzia, no alto da Serra, inalteravel como os dogmas catolicos, tem os ares duma sentinela perdida, e não será dificil encontrar nos livros dos sr. Teofilo Braga a afirmação de que ela já ali estava quando se deu a famosa batalha de *Abravezes*, em que os rudes pastores herminios derrotaram os exercitos pretorianos.

O comboio tem a marcha lenta, e ainda bem, porque assim pode ver-se tudo muito á vontade, á direita e á esquerda, o que fica longe e o que fica perto, com detalhes de observação que as grandes velocidades não permitem. Quem tiver boa perna — não é com as Senhoras — deve fazer a viagem na plataforma da carruagem, que a *navette* de janela para janela, alem de ser muito incomoda, não deixa que a paisagem se fixe bem na retina.

Se disserem ao leitor que o comboio incomoda, que n'ele se enjôa como a bordo d'uma barcassa desmastreada, com que as ondas brincam, se lhe disserem isto, não acredite. O desnivel, considerados os pontos terminus da linha, é de aproximadamente seiscentos metros, e basta lançar os olhos para um mapa da região para se ver que o comboio não poderia ir de Vizeu e Sernadas, na margem do Vouga, sem dar muitas voltas e reviravoltas, aqui e além tão apertadas, que milagre parece vencel-as sem descarrilar a traquitana.

Qual enjôo, nem qual carapuça!

Os que desejam fazer este passeio, devem preferir o comboio ao automovel, porquanto a *linha*, ficando n'um plano muito superior á *estrada*, deixa ver mais largos horisontes. A Serra da Gralheira constitue o fundo das inumeras pequenas telas que se vão observando á direita — encostas povoadas de pinheiros bravos, onde a terra não dá para mais; vales tufando de verdura, n'uma exuberancia cultural que assombra e encanta os homens do sul, como eu. A propriedade é feita de retalhos, e porque nada produz sem rega, estes pobres beirões matam-se a disputar um anel d'agua, e engordam a justiça a pleitear servidões.

E' curioso observar a gradação de tons que vae tomando o fundo invariavel d'estes multiplos quadros rusticos á medida que o comboio avança, e porque ele avança de vagar, essa gradação torna-se facilmente sensivel, mesmo sem delicadezas de retina.

S. Pedro do Sul, de afamadas aguas, sorri-nos lá de baixo, no fundo de um vale, que o rio atravessa, quasi seco, e Vouzela, uma camponeza garrida, parece que nos convida a ficar ali, interrompendo a viagem, no perene gôso da Natureza robusta e sadia.

Ponham no fundo d'algum d'estes vales, os de maiores dimensões, um lago que o encha, reflectindo no espelho das suas aguas a vegetação das encostas, sem mais elementos decorativos, e

terão embutido na Beira um pequenino retalho da Suissa.

Quando o comboio pára em Bodioza, o Matos Cid adverte-nos que termina ali o seu concelho, e explica-nos que é por ali que se faz a entrada dos vinhos inferiores do sul a concorrerem com os vinhos previlegiados do Dão, que já hoje não precisam de réclame, mas ainda carecem de defeza. E conta-nos um episodio eleitoral, que lhe acode á memoria, olhando o banalissimo templo do logarejo.—O padre dava os seus votos a quem lhe mandasse reparar a Igreja, obra para umas duas ou tres centenas de mil réis. Não havia maneira de incluir semelhante verba no orçamento, e o resultado da eleição mostrava-se de cada vez mais duvidoso. Ocorreu então oferecer ao padre madeira do pinhal de Leiria, que ele reduziu a dinheiro, executando a obra e ficando com o resto... para mangas.

Como estamos na infancia da Republica, factos desta natureza devem tornar-se conhecidos, pois que ninguem nasce ensinado.

O Vouga, coitado, faz diligencias por ir sempre andando, mas encontra diante de si, a formar-lhe o leito, verdadeiras dunas que lhe embargam o passo. Num Paiz onde tudo é desordenado, pouco admira que os rios não tenham regimen, e mal se imagina o que isso importa, de prejuizo, á riqueza nacional.

Ahi por volta das quatro horas saimos de Sar-

nada para Espinho, de tal modo encantados com o Vale de Vouga, que muito solicitamente recomendamos ao leitor que faça o passeio que nós fizemos, e o faça como nós o fizemos, em comboio, pela bôa razão que já apresentamos.

Ha tempo, antes que chegue o comboio do Porto, de irmos ali adiante, á praia, que mais não seja para verificarmos os bons resultados d'uma obra qne mandamos fazer, como Ministro do Fomento, obra de defeza da povoação contra a furia invasora do mar — uns esporões, não me lembra agora quantos, orientados segundo o mais frequente movimento das aguas n'este sector do Atlantico.

Pois deu resultado.

Portugal devia ser, ha muito, um Paiz de turismo, e certamente o seria, em concorrencia vantajosa com outros... se não fosse habitado.

Agosto de 1915.

Terras Algarvias

Ha uns anos atraz ainda ainda seria licito discutir o futuro do *Monte Gordo* como praia; hoje não ha logar para uma semelhante discussão, porque a Praia está feita. A gente do baixo-Alemtejo prefere-a a qualquer outra, e o mesmo sucede aos algarvios de sota-vento. Quando estiver em exploração o caminho de ferro de Huelva a Ayamonte, será o *Monte Gordo* a praia do sul da Hespanha posto lhe faça concorrencia *Sanlucar de Barrameda*, que até parece uma coisa indecente para se dizer na presença de senhoras.

Ainda não desapareceram de todo as miseraveis cabanas que havia aqui, habitadas por gente do mar, famitias de pescadores que no inverno, pela maior parte, emigravam acossados pela miseria. Mas já o povoado conta para cima de setecentas casas, cedendo a cabana o logar á moradia de tijolo, sendo lamentavel que nenhum cuidado tenha havido no alinhamento das

ruas, cada um construindo onde quer e como quer, sem a minima preocupação de esthetica urbana. As ruas, quasi todas, são de areia movediça, o que muito dificulta o transito, impedindo que á porta das casas cheguem carros. De ha muito a Camara de Vila Real devia ter pensado no problema da agua e dos esgotos nesta Vila incipiente. Qualquer destas coisas demanda grandes despezas; mas ha que fazel-as, porque sem estes melhoramentos inutil será pensar em ter aqui uma grande e bem frequentada Praia.

Não ha que discutir, já hoje, o futuro de *Monte Gordo;* mas ha que discutir a forma de melhorar esta Praia em termos que ela não perca a clientela que já adquiriu, e possa adquirir a que lhe falta.

Está constituida, ou em vias de constituir-se, uma sociedade denominada *Sociedade dos Amigos do Monte Gordo*, cujo principal fim é promover o maximo desenvolvimento da Praia, tornando-a comoda e atraente muito mais do que já é. Por causa da guerra pararam os trabalhos de construcção da linha ferrea que ha de ligar Huelva a Ayamonte, sendo pouco de esperar que recomecem antes da guerra acabar. Por lá andam a bater-se pela independencia do seu Paiz os engenheiros, capatazes e operarios que ali trabalhavam, e Deus sabe quantos deles pagarão com a vida o seu devotamento patriotico. E' já agora certo, infelizmente, que a guerra durará mais um

ano ou dois, e assim *Monte Gordo* pode com vagar preparar-se para receber os seus clientes da provincia de Huelva, e grande parte da Andaluzia, quando o caminho de ferro de Ayamonte puder transportal os. Os espanhoes hão-de contribuir para se fazer Monte Gordo como já contribuiram para se fazer a Figueira, e serão o melhor cliente da praia algarvia quando ela lhes oferecer os indispensaveis regalos e comodidades. Aberto á exploração o caminho de ferro do Vale do Sado, estar no *Monte Gordo* é estar a poucas horas de Lisboa, e a *Sociedade* a que já nos referimos não deixará de promover, nas melhores condições, passeios á capital. Bem dizem os francezes que *á quelque chose malheur est bon*, e na verdade o atrazo que veio impôr a guerra á construcção do caminho de ferro de Ayamonte, tem para o *Monte Gordo* a inapreciavel vantagem de se preparar devidamente para receber os hospedes que ele ha-de levar-lhe.

Se para os hespanhoes a *Sociedade* promoverá excursões baratas e comodas a Lisboa e aos mais pitorescos sitios do Algarve, para os portuguezes ela promoverá excursões á Andaluzia, visitas a Sevilha, Cordova e Granada nas melhores condições desejaveis. Já hoje muita gente prefere o *Monte Gordo* a qualquer outra praia algarvia pela proximidade a que fica Ayamonte, que é uma terra insignificante. Mas é uma terra de Hespanha, uma cidade estrangeira, e isto de ir ao es-

trangeiro sempre dá um certo ar de importancia quando não dê mais nada.

E' possivel que me engane; mas estou firmemente convencido de que o caminho de ferro de Ayamonte dará a *Monte Gordo* uma farta clientela hespanhola, e servirá para lhe aumentar a consideravel clientela portugueza que tem já.

Onde ha, no Paiz outra praia de banhos que tenha, como o *Monte Gordo,* uma extensão de dez ou doze quilometros, podendo em qualquer ponto tomar-se banho, porque ao longo de toda ela o mar é uma piscina imensa, em que as aguas têm o minimo de ondulação necessaria para não serem estagnadas?

Apetece giboiar na areia, até adormecer, e pode fazer-se isso sem o minimo risco, porque as ondas, de pequena amplitude, sem impeto, são pregas macias de veludo franjado a espuma, desenhando finissimas rendas na Praia.

Ha que semear *penisco*, na mais larga abundancia, para os lados do poente, onde é grande o movimento das areias, como já se fez para os lados de Vila Real, que sem isso viria a converter-se numa duna. Tinha uma certa magestade o areial imenso em que destacavam as primitivas cabanas do *Monte Gordo,* como tendas no deserto; mas dentro de alguns anos estará ali formado um dos mais vastos pinhaes de Portugal, constituindo uma riqueza do Estado, e no meio dele, completando a paisagem, a povoação desta-

cará na alvura dos seus predios, realisando uma certa forma de estetica urbana.

O pinheiro, a cazuarina e o eucaliptos, além de algumas acacias apropriadas á natureza especial do terreno, teem de constituir o macisso florestal de *Monte Gordo* — deixem passar o exagero - o que, sendo agradavel á vista, será optimo para a saude.

Muito conviria que a *Sociedade* adquirisse todos os terrenos em que hão de fazer-se construcções; mas talvez isso não seja possivel, sendo então indispensavel que ela faça elaborar um plano da povoação, conseguindo da Camara de Vila Real que o adopte e o imponha a quem ali pretender edificar. Se isso não se fizer imediatamente, crear-se-hão defeitos irremediaveis, uns de natureza estetica, outros contendendo com a higiene, e todos eles somando-se para desvalorisarem a Praia.

A Camara de Vila Real tem de ser o melhor colaborador da *Sociedade* na obra do desenvolvimento de *Monte Gordo*, porque vae nisso o seu proprio interesse. A miseravel *aringa* de pescadores que ali havia, e que ainda não desapareceu por completo, não era materia colectavel para a Camara, nem o comercio de Vila Real tinha ali um freguez que valesse dois patacos. Mas não sucederá o mesmo ámanhã, quando *Monte Gordo* fôr o que deve ser, a mais importante praia algarvia, e uma das melhores de Portugal. E' pos-

sivel que alguma vez, num futuro remoto, ela venha a ser uma estação de inverno, em que se tomem banhos no verão; mas até que isso suceda, muita agua tem de passar por baixo das pontes, vezes sem conto tem a terra de girar sobre si mesma, oferecendo aos beijos do sol, como uma *vadia economica*, ora uma, ora outra das suas faces. *Monte Gordo* tem de ser o melhor cliente de Vila Real nos mezes de verão, cliente das suas lojas, das suas mercearias, das suas farmacias, ou por compra directa, ou por compra nas suas sucursaes, quando valer a pena montal-as.

Fica esta Vila distante vinte e dois kilometros de Tavira, distante quarenta kilometros de Olhão, e distante uns cincoenta kilometros de Faro. Dista muito menos de Castro Marim, terra pobre e de população diminuta, e Ayamonte, pequena cidade hespanhola, fica-lhe em frente, do outro lado do rio. Pois bem: Vila Real ainda se não compenetrou das vantagens de ter um bom freguez ao pé da porta, na visinhança, um freguez de tres mezes no ano, mas tres mezes de gastos á vara larga, porque os banhistas, vindos daqui e d'além, uns para se tratarem, outros para se distrairem, não se instalam á beira-mar, por uma temporada, para fazerem economias.

Porque não se ha-de dizer, se é uma verdade que entra pelos olhos de toda a gente? —Vila Real tem ciumes de *Monte Gordo*. Ciumes sem mo-

tivo, como os de certas mulheres que fazem a vida negra aos maridos, atribuindo-lhes, sem fundamento, ligações extra-matrimoniaes.

Vila Real não tem condições para vir a ser uma Praia em competencia com Monte Gordo; não as tem, nem pode vir a têl-as.

Bem sei que ha a Ponta da Areia; mas até ahi pode a Camara de Vila Real prolongar a sua Avenida da Republica, Baixa-mar, como toda a gente diz, fazendo um lindo passeio, que a colonia de Monte Gordo tenha prazer em frequentar. Se nessa Avenida se instalar um bom Hotel, e se alguns comerciantes de arrojada iniciativa para ali transferirem os seus estabelecimentos, Vila Real terá realisado um grande progresso, habilitando-se a ser o grande centro que podia ser já, dadas as prosperidades da sua industria de pesca e conserva.

As melhores casas de Monte Gordo pertencem a industriaes de Vila Real, que assim afirmam, praticamente, a concordancia de interesses entre a curiosa vila pombalina e a sua freguezia de futuro mais prometedor.

Compreende-se que Vila Real queira ter uma larga Avenida que vá desde a ponte em que se embarca para Ayamonte, séde do posto fiscal, até lá acima, á ponta da Areia. Bem carece a Vila d'este melhoramento, que além de a tornar mais formosa, a tornará mais limpa. O que já não se compreende com a mesma facilidade é que Vila

Real queira improvisar na Ponta da Areia uma praia a competir com a de Monte Gordo, que é a mais extensa e mais segura Praia de Portugal, extensa de dez kilometros, como já disse, e em toda a sua extensão podendo tomar-se banho, como n'um lago ou n'um rio. Já tem acontecido, por motivos ignorados, o mar de Monte Gordo entrar n'uma desusada furia, obrigando os banhistas a ficarem estacados, na areia, admirando a grandeza das suas ondas convulsionadas, rugindo como leões, brancos de espuma.

Já tem acontecido isto, mas raramente, tão raramente que a recordação do facto perdura na memória dos homens, passando de pais a filhos.

Não conheço, em Portugal, outra Praia como esta, a não ser nos Açôres, havendo todavia uma grande superioridade do Monte Gordo sobre a Vila da Praia da Victoria, pois que a praia açoriana, praia d'areia branca, não tem extensão superior a tres kilometros. Foi ahi, na vasta bahia da Victoria, que se bateram as esquadras liberal e miguelista, sendo derrotada a esquadra do usurpadar, como ao tempo se chamava ao turbulento filho mais novo de Carlota Joaquina e possivelmente de S. M. o sr. D. João 6.º Entre os academicos que foram na expedição e ali se bateram, na Vila da Praia, por um sonho de liberdade, figurou José Estevão Coelho de Magalhães, orador famoso, do qual nos restam alguns discursos, muito pou·

cos, atestando a sua eloquencia, jorrante e tumultuosa. Ainda encontrei nas paredes do Forte desmantelado, junto ao mar, escripta ilegivel dos bravos rapazes companheiros de José Estevão, academicos como elle, defensores generosos da mesma causa, por ella sacrificando tudo — a mocidade, o futuro, a vida. Pois aquellas ruinas bemditas, impregnadas do vozear alegre d'um bando de improvisados guerreiros, estudantes que d'uma hora para outra passaram da bohemia coimbrã para a severidade da caserna e para o fragor das batalhas, aquellas ruinas sagradas eram uma sentina publica quando as visitei, ahi por 1892, e deixaram de o ser — deixariam ? — por minha intercessão junto do governador do Castello d'Angra, o general Camacho, pai do Jorge Camacho, assassinado no Terreiro do Paço em nome da segurança e do prestigio da Republica !

Matar Monte Gordo...

Houve aqui, em velhos tempos, uma colonia de gentes varias, mizerrima colonia de pescadores vivendo exclusivamente da pesca, que era abundante, animais amphibios que folgavam em terra quando não trabucavam no mar.

Um dia, o sr. Marquez de Pombal, que Deus tenha em sua santa gloria, quadriculou Vila Real, e para obrigar os trogloditas do Monte Gordo a irem ali estabelecer residencia, mandou-lhes queimar as palhotas. A brutalidade resultou inutil, porque os miseros pescadores, offendidos com o

procedimento do Marquez, em vez de irem fixar-se em Vila Real, metteram o nada que tinham a bordo das suas canôas, e fizeram-se de prôa á Figueirita, uma pequena ilha a curta distancia de Ayamonte, em aguas hespanholas. Hoje um, amanhã outro, a pouco e pouco alguns pescadores algarvios se fixaram no Monte Gordo, substituindo os que haviam emigrado para Hespanha, reconstituindo se, pelo numero, este modesto centro populacional. Construira-se uma Igreja, que as areias foram invadindo, de tal sorte que a breve trecho era um môrro com paredes dentro. Já n'aquelles recuados tempos os galeões hespanhoes vinham pescar nas aguas portuguezas, livres de toda a especie de fiscalisação, como se não houvesse uma jurisdição d'aguas territoriais. E então se via, com singular frequencia, os mizeros pescadores de Monte Gordo chorando e vociferando, levarem Nossa Senhora para a Praia, em procissão, e gritarem-lhe de joelhos, apontando o mar: — Olha, Senhora! Aquelles ladrões roubam o pão dos nossos filhos. Mette-os no fundo, Santa Mãe de Deus, ou faz com que vão pescar nas suas aguas.

Ingenuas creaturas!

Viam que a Senhora não impedia as areias de invadirem a sua Igreja, detendo-as, e acreditavam que ella tivesse o poder milagrento de convulsionar o oceano contra os galeões piratas! Entretanto corria fama de ser optima a Praia,

sendo manifesto que muita gente do Algarve viria para aqui a banhos, o ponto era que as pessoas tivessem ali um modesto abrigo, a mais rudimentar expressão de casa. a indispensavel moradia do bicho homem desde que entrou na fase de civilisação historica caracterisada por um telhado em cima de paredes.

Foi assim, pouco mais ou menos, que se fez Monte Gordo.

*

Não era preciso ter olhos de lynce para se ver claramente, de inicio, que Monte Gordo era uma Praia de largo futuro, preferida por muitos algarvios, preferida por muitos alemtejanos, preferida por muitos hespanhoes.

Praia de luxo?

Não; uma estancia maritima para recreio e descanço, sobretudo para descanço, porque já é recreio, para quem passa dez ou onze mezes a trabalhar, estar um mez ou dois sem fazer nada. Nem toda a gente procura as Praias, no verão, para ostentar ricas toilettes, para jogar a batota, para se pavonear em festarolas de varia especie. Ha muito quem vá para as Praias, na temporada balnear, para tomar banhos, se d'eles precisa ou gosta de os tomar, para ter uns dias de repouso, fóra das suas preocupações e trabalhos habituaes; para encher os pulmões de bom ar maritimo, que

é ao mesmo tempo, para o maior numero, tonico e desinfectante.

Deve-se á iniciativa d'um rude pescador do Monte Gordo, o Botequilha, o Casino que ali ha, excessivamente modesto para as necessidades que já tem a Praia, e de todo o ponto insuficiente em relação ás suas exigencias de ámanhã. Não ha que pensar n'um Casino luxuoso, como o que vae ter o Estoril, nem em dotar o Monte Gordo com um Palace Hotel, como tem Vidago. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra. O que está não serve, tanto o Casino como os hoteis; mas o que é preciso fazer-se, tem de ser acomodado á índole da clientela que Monte Gordo vae ter, na previsão d'um futuro prospero. A Sociedade facilmente organisará o grupo financeiro que construa o hotel e Casino anexo, que para isso não devem ser precisos grandes capitaes, nem a realisação da obra irá além d'uns mezes.

Este Botequilha é uma pessoa muito curiosa. Deve-se a elle o pouco que por aqui ha em comodidades que possam chamar e prender os forasteiros.

Sem licença do Botequilha nada se faz no Monte Gordo, nem se aluga uma casa nem se vende uma galinha. Tinha uma influencia politica, no tempo da outra Senhora, e creio que tem ainda, equivalente a cento e tantos votos, o que fazia com que o respeitassem e o requestassem os caciques

de todos os partidos. Houve ideas de o fazer barão n'um governo progressista; mas os regeneradores intrigaram de tal maneira junto d'El-Rei que nunca o titulo lhe foi conferido, o que longe de diminuir, lhe augmentou a popularidade e o prestigio.

Evidente me parece a necessidade de se entender a Sociedade dos Amigos do Monte Gordo com o Botequilha para a melhor, mais facil e mais prompta realisação dos melhoramentos de que a Praia carece para não morrer no chôco, como o pinto. Bem sei que Roma e Pavia se não fizeram n'um dia; mas ha que ganhar tempo á custa de velocidade, e esta Praia carece de se apetrechar rapidamente para se assegurar a clientela que lhe está prometida. Tambem as Praias estão sujeitas ás flutuações da Moda, e a Moda, como a Dona, é *mobile*, segundo a velha canção. Não ha que pensar na clientela hespanhola emquanto não houver o comboio de Ayamonte; mas ha que segurar e tornar maior a clientela alemtejana, muito particularista nos seus usos e costumes.

As familias do Baixo Alemtejo estão habituadas a levar para banhos do mar quasi todo o apetrechamento caseiro, só dispensando aqueles utensilios que são de transporte muito incomodo e dispendioso. Tinham, e ainda teem necessidade de o fazer, escolhendo praias que não souberam preparar se para a exploração d'essa industria, e

entregam ás familias veraneantes, que as demandam, casas limpas de pau e vassoura, isto é, sem nada dentro. Por um lado isto é talvez economico, mas é excessivamente incomodo, e uma familia que se desloca em taes condições, leva comsigo, para a Praia onde se instala, as suas habituaes canceiras domesticas. Estou convencido de que o Hotel do Monte Gordo ha-de ter clientela facil, a não ser que ponham a dirigil-o, em vez d'um hoteleiro, um moço de estrebaria — salvo o caso de preferirem um revolucionario civil, dos que ainda não conseguiram arrumação burocratica. Eça de Queiroz, cuja obra é um tratado de psicologia nacional, conta algures o caso d'um mestre pedreiro que deixou em meio a construcção d'uma cavalariça... por ter sido nomeado governador civil.

Ha que fazer imediatamente uma Avenida que vá do pequenino largo que é agora, em frente do Casino, uma estação de carros, até ao meio da praia, entestando quasi com a linha das aguas vivas. Caminhar sobre a areia solta é fatigante devéras, e quem vae para o banho precisa lá chegar bem disposto; quem regressa do banho precisa não chegar a casa moido como se tivesse apanhado uma sova.

A administração dos caminhos de ferro não recusará alongar dalguns metros o caes do Apeadeiro, que é muito curto para o serviço de verão, obrigando a demoras e incomodos. A estrada

que do Apeadeiro conduz á povoação facilmente se converte n'uma Avenida, bordada de arvores ornamentaes. Já isso devia estar feito, e mal se compreende que ainda não seja uma rua a porção da estrada de Tavira que vae, em linha recta, até Vila Real, cortando quasi perpendicularmente o caminho entre Monte Gordo e a Estação do Caminho de Ferro.

Uma abundante sementeira de piorno fixará as areias da Praia, evitando que elas invadam as casas que são a avançada, para o mar, da povoação. E além de ter essa vantagem, oferecerá á vista alguma coisa a que ela se prenda com agrado, que o espectaculo dos areaes interminaveis, começando por ser interessante, acaba por ser monotono.

Se a Sociedade tiver geito para pedir, e é indispensavel que o tenha, já na proxima estação de banhos Monte Gordo terá uma estação telefonica, em ligação com Vila Real.

O meu optimismo não é coisa para se encarecer; mas no que respeita ao Monte Gordo, ou eu me engano muito, ou ele excederá as minhas previsões. Tudo depende da bôa vontade dos homens que se dizem amigos daquela praia, que reconhecem as suas possibilidades de desenvolvimento e se aprestam para lhes darem cabal e pronta realisação.

O Algarve pode muito bem ter duas excelentes Praias, sendo uma delas *A Rocha*, em Vila Nova

de Portimão. A clientela espanhola preferirá, em egualdade de condições, a que lhe ficar mais proxima, e Monte Gordo fica a meia hora de Ayamonte, dispensando o comboio.

Quem sabe?

Talvez Monte Gordo seja a condição para se fazer A Rocha, e assim a Sociedade, trabalhando para fazer uma Praia, teria contribuido para se fazerem duas, o que sobejamente a compensaria de todos os seus incomodos e sacrificios, de todos os seus desgostos e canceiras.

Vila Real não deve ser apenas um corredor por onde casualmente passe a clientela de Monte Gordo, os hespanhoes que veem refrescar-se nas aguas de Portugal, e os portuguezes que vão a Hespanha em rapida visita, admirar os seus monumentos e reviver as suas tradições. Mas para isso ela precisa fazer alguma coisa mais do que preparar a sardinha e o atum, em conservas que teem hoje uma reputação mundial, e constituem uma bôa parte da fortuna da Provincia.

*

Vale a pena, estando no Monte Gordo, fazer um passeio, rio acima, até Mertola. Já conheço a amosa Julia Myrtilis, que visitei nos saudosos tempos da propaganda; mas dizem-me que o Guadiana, de Vila Real até ali, é muito interessante,

rio apertado entre montes rochosos, pouco fundo e pouco largo.

Calculo que o gazolina largará de Vila Real á hora marcada, nem mais cêdo nem mais tarde, visto a navegação do rio, durante o verão, ser condicionada ás marés.

O serviço de transporte, pelo que toca a pessoas, faz-se entre o Monte Gordo e Vila Real por meio de carrinhas, que são uma adaptação, para o serviço em terra, de fantasticas embarcações em que os primitivos navegadores do Mediterraneo, vindo do norte d'Africa, desembarcavam no Algarve rebocados por atuns de revêso. Os unicos monumentos que ha em Vila Real dignos de serem visitados, são... as fabricas de conserva.

A fabrica do sr. Angelo Parodi seria um bom estabelecimento industrial em toda a parte, e a fabrica Ramires, em via de transformação, é um belo documento de inteligencia perseverante, coisa que em Portugal não abunda. E' muito interessante, além de ser muito instructiva, uma visita a estas fabricas, mas Vila Real não pode contar só com isso para se fazer notada dos *touristes*. Melhor do que eu sabem os vilarealenses o que lhes convem fazer para que a princeza do Guadiana — vá lá um bocadinho de thalassismo - seja uma terra atraente. Não irei até á impertinencia de lhes dar conselhos, mas não resistirei á tentação de lhes fazer um pedido. — Não deixem pro-

fanar mais a sua Praça Marquez de Pombal, e não consintam que alguem toque no obelisco, de uma singeleza encantadora, a atestar a comovida gratidão dos seus avoengos de ha perto de seculo e meio. A corôa que o encima não afronta a Republica, e vale como simbolo, desde que deixou de ser realidade, senão a nossa estima, pelo menos o nosso respeito. A Igreja de Santa Genoveva, em Paris, convertida em salgadeira de grandes homens, com o nome de Pantheon, ainda ostenta no alto da sua cupula a cruz do Nazareno, e esse magico signal d'uma civilisação que ainda não se extinguiu, fazendo-se ver de tão alto, não afronta as convicções de ninguem.

O leitor já reparou?

Patriotas que nunca avesaram meia corôa, em apanhando uma inteira, o que querem é trocal-a em miudos... partindo-a.

Ficaria de mal com a minha consciencia se não deixasse aqui expressa a minha magua por ter a Camara de Vila Real consentido que se quebrasse a unidade arquitectural da sua *Praça Marquez de Pombal*, tão linda na pureza do seu tipo, que deveria conservar-se como uma *especie sagrada* dentro dum relicario. No vandalismo, como em tudo, o primeiro passo é que custa, e a Camara perdeu a auctoridade para ámanhã se opôr a que um furioso modernista rasgue mais uma pagina daquele precioso documento historico. Essa *velharia* de Vila Real, a sua praça pombalina, é a

unica coisa que a Vila pode oferecer á curiosidade dum forasteiro culto, e essa, deturpada como já foi, dá a impressão dum remendo de chita num vestido de seda. Por conhecer mal a sua historia, e respeitar pouco as suas tradições, é que Portugal tem vindo a cair, de cada vez mais frouxa a unidade nacional, de cada vez mais esbatido o sentimento patriotico. Herculano, o glorioso solitario de Vale de Lobos, em cujo desalento ha talvez a visão tragica dum fim irremediavel de nacionalidade, escreveu isto no *Bobo*: — *No meio duma raça decadente, mas rica da tradições o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio.*

A Republica desenvolveu uma verdadeira furia iconoclasta nas camadas que fez subir á superficie, e essa furia, sendo a expressão dum jacobinismo fóra do nosso tempo, denuncia um lamentavel regresso a edades quasi barbaras.

Galeões empenachados de fumo vão se fazendo ao mar, para a faina piscatoria da noite, e os barquitos de vela, aproveitando uma aragem tão leve, que na terra se não sente, demandam o seu ancoradoiro, pondo uma nota de movimento na quietude melancolica do entardecer.

*

Está o gazolina atracado á ponte, e para ele

se desce por uma escada de madeira que me dá a impressão de ser um ripanso de adega, para esfregar engaços. Tem dez degraus, dispostos quasi em cutelo, o que além de ser incomodo, é perigoso.

Muitos passageiros, uns que vão para o Pomarão, outros que vão para Mertola ou seus arredores. Gente pobre, trabalhadores de campo que tomaram banhos em Monte Gordo, e regressam a suas casas.

O barco não tem camara, nem tem cobertura, e os bancos além de serem estreitos, são muito baixos, de modo que vão as pessoas como que acocoradas, com os joelhos á boca.

Partimos com atrazo, o que me arrelia deveras, porque de noite, para mais sem luar, será como se em vez de viajar n'um rio, viajasse n'um canudo.

Ayamonte, uma grande chapada de cal, pode agora ver se sem ferir os olhos, porque nem o calor é intenso nem a luz é viva. Parece que o rio, lá adiante, se recurva para a direita, dando a impressão de se meter pela Hespanha dentro, voltando a correr em Portugal depois d'uma curva larga. Eu sei que vou subindo e não descendo o rio; mas tenho a impressão de que elle, ao contrario dos outros rios, tem a sua nascente... no mar. Margens baixas, bem aproveitadas — vinha, figueira; marmeleiros, olival. Aqui e além, sobretudo do lado de Hespanha, romanzeiras carregadas de fructo, pondo notas vermelhas n'uma exhu-

berante orquestração de verde. Pequenas povoações na margem portugueza — o Alamo, a Foz, Alcoutim. Montes ou casaes pelas encostas, brancos de cal. Em frente de Alcoutim, na margem hespanhola, fica S. Lucar do Guadiana. Casas muito bem caiadas, insignificantes, dispostas ao acaso. A rua principal, em direcção perpendicular ao rio, parece um desfiladeiro. A torre da Igreja dá a impressão de uma grande folha espalmada. N'um monte sobranceiro á povoação ha ruinas d'um castello que devia ser igual ou semelhante aos varios castellos do Algarve.

Aqui nos aparece agora, na margem direita, um grande olival, sendo estas oliveiras as maiores que ainda vi no Algarve.

Vão os montes tomando vulto, salpicadas as encostas de azinheiras, oliveiras e amendoeiras, arvores que o gado caprino, em pequenos e multiplos rebanhos, começa a roer assim que nascem.

Faz agora mais calor, já o sol quasi a pôr-se, que á hora em que largamos de Vila Real. Apetece meter-se a gente debaixo do escasso toldo da prôa, do tamanho d'um guarda-sol.

E' noite; chegamos ao Pomarão. Umas tres duzias de casas; duas pontes de atracação e é tudo quanto forma este minusculo povoado ribeirinho, que deveria ser, já hoje, uma grande villa ou uma pequena cidade. Serve este porto a Mina de S. Domingos, por intermedio d'um caminho de ferro extenso de 18 kilometros. Mal lobrigo, a ribeira

de Chança, que forma aqui, no Pomarão, a fronteira entre Portugal e Hespanha.

Refrescou; o rio ainda é largo, mas estreita á medida que subimos.

Não ha luar. As margens do rio são coisa de pura convenção, porque os montes entre os quaes ele corre, do Pomarão para cima, quasi tocam a agua, e elevam-se, de flancos pedregosos, a modestas alturas. A sua fórma, sem ser rigorosamente geometrica, é d'uma notavel regularidade... vista de noite e sem lua, por uns olhos myopes.

Marcha o Gazolina no eixo do rio, e marcha desembaraçadamente, porque até aos vaus não ha receio de encalhar.

Chegamos ao primeiro vau. Mal nos apercebemos do movimento do barco, que dir-se-hia ter parado na iminencia d'um risco grave. Passamos sem novidade. Sucede a mesma coisa com os outros dois vaus, o ultimo dos quaes não é de areia, mas de pedra.

Avistam-se luzes salpicando um monte de treva. E' Mertola.

Do gazolina saltamos para uma pequena lancha, que não pode atracar ao caes, sendo necessario o recurso a uma prancha estreita, que verga, apoiada por uma das extremidades na lancha e pela outra na terra firme.

— Vá até ao fim da táboa, que não tem duvida.

Trepamos uma calçada ingreme, entalada en-

tre grossos môrros de pedra, e encontramo-nos, ao cabo de alguns minutos, aproximadamente um quarto d'hora, na Praça da Villa, onde fica o modesto e banal edificio da Camara. Tambem fica n'esta Praça o modesto Hotel em que nos instalamos, admiravelmente bem dispostos para o jantar.

Um de meus irmãos pergunta á creadita se no Hotel ha retrete.

A cachopa, visivelmente enfiada, responde que não, e desaparece.

Volta em menos de nada, e dirigindo-se ao outro dos meus irmãos, pergunta:

— Vocemecê é que me perguntou aquilo?

— Fui eu, fui, menina.

— Ha, sim, senhor.

A gente rustica, no Alemtejo, e creio que tambem fóra do Alemtejo, tem delicadezas e pudores singulares, no que diz respeito ao emprego de certas palavras designando objectos de varia ordem, animaes ou coisas d'uso comum. Assim ela, querendo referir-se a um porco ou um burro, dirá sempre — com sua licença, e no caso da sopeirita de Mertola, tratando-se d'um aparelho ou instalação que não pode ser utilisado diante de testemunhas, usa de circumloquios, para se fazer entender, mas não diz um nome que reputa feio e irrespeitoso, confundindo o orgão com a função.

O sr. Graviel, como ele proprio diz chamar-se, feitor e rendeiro no Alemtejo, não fala com a senhora, a dona das herdades que ele explora,

senão de pé e com o chapeu na mão. Se lhe acode á boca uma palavra forte, rascante, uma authentica obscenidade, não a engole nem a dilue em synonimos de contextura pulida; di-la com a maior naturalidade, e ficaria grandemente admirado se lhe dissessem que fôra incorrecto, porque é assim que ele fala na presença da mulher e dos filhos. Mas nunca o sr. Graviel se dispensa de dizer — com licença da Senhora, se tem de lhe dizer, por exemplo, que lhe morreu uma bacora ou levou sumiço uma burra.

D'uma vez ia eu com meu pai, de carro, não me lembra agora para onde, e os machos começaram a trabalhar mal, encostados para fóra, quasi cruzando as mãos. O almocreve começou por dar sacadas ás arreatas, e como eles não se mostrassem obedientes ao castigo das serrilhas, vá de trabalhar o chicote, que era uma tira de coiro crú. Já falho de paciencia, vendo que não metia os animaes na ordem, entra a bater-lhes com o cabo do chicote, e solta esta exclamação, rouco de furia:

— Ah! machos d'um filho da...

Pergunta-lhe meu pai, sem dar mostras de irritado ou ofendido.

— Ouve lá... De quem são os machos?

E ele, sem a minima hesitação, como se, tendo previsto a pergunta, houvesse preparado a resposta:

— Emquanto eu trabalhar com eles, são meus.

Emquanto se prepara o almoço damos um giro pela Vila, uma das mais antigas Vilas de Portugal. Não tem belezas que encantem os olhos; o Castello é um montão de ruinas, que seria dificil reconstituir, se valesse a pena a sua reconstrução.

Por mim, digo-o com inteira franqueza, desejaria ver reconstruidos todos os castellos de Portugal, porque eles são paginas d'um grande livro, são estrophes d'uma epopéa que nos assignala o primeiro logar entre os povos da Peninsula Iberica.

Antes de ser a Mirtolale dos arabes, Mertola foi a Myrtilis Julia dos romanos, uma das varias Julias que havia na Lusitania, atestando que por aqui andara aquele famoso Cesar de quem os legionarios diziam que era a mulher de todos os homens, e o homem de todas as mulheres.

Mas os romanos, quando chegaram a Mertola, já aqui encontraram um importante povoado, de que fizeram uma cidade monumental, equiparando-a em regalias ás famosas cidades do Lacio.

Seriam os phenicios de Thyro, muito antes de nascer o Christo, que fundaram esta Villa?

A memoravel cheia que teve o Guadiana, em 1876, poz a descoberto, nas margens do rio, a dentro do concelho de Mertola, ruinas de antigos edificios, documentando uma historia e uma evolução de que só havia leves indicios, vagas e inconsistentes suspeições.

Um estúdo demorado, feito por pessoa competente, talvez ainda podesse tirar a limpo a historia do Castello, em que ha restos, sofrivelmente conservados, d'uma torre como a de Beja; panos da muralha que circunscrevia o Castello, fazendo d'ele um reducto inexpugnavel; um torreão que tem resistido heroicamente á ação demolidora do tempo, menos demolidora, todavia, que a ação dos homens. A cisterna, funda de quatro metros, pouco larga e bastante comprida, facilmente seria restaurada, e seria ela a unica *fonte* no recinto da Vila.

Passa lá em baixo, a magoar-se n'um leito de pedregulhos, a modesta ribeira de Oeiras, na margem direita da qual, já perto do Guadiana, ha restos d'um convento onde existiu uma Mesquita.

Quando e por quem seria construido o Castello?

Aventa-se a hypothese de ter sido construido antes de virem á Peninsula os romanos, que o modificaram a seu modo e para seu uso, o mesmo fazendo os visigodos e os arabes, como se cada um dos povos que por aqui passaram com mais ou menos demora quizesse deixar ali authenticada a sua presença, com a sua assignatura. Bem podiam os arqueologos ter metido hombros á tarefa de resolverem o problema historico de Mertola, que talvez para isso não falhem elementos sepultados na terra, sob montões de entulho.

Sem a invernia de 1876, que permitiu ao Guadiana subir a encosta alcantilada da Vila, vindo alagar a Praça, onde hoje se vê uma lapide comemorativa do extraordinario acontecimento, sem a cheia de 76, ainda hoje não saberiamos que Mertola é o centro d'uma zona arqueologica das mais interessantes e mais ricas do Paiz. Foi por acaso que se encontraram nos escoriaes das Minas de Aljustrel duas tabulas de bronze, sendo Estacio da Veiga, auctoridade na materia, de opinião que os arqueologos teem ali um vasto campo para investigações laboriosas, necessariamente fecundas.

Depois do Castello, a antiguidade mais notavel de Mertola é a Ponte, uma pretendida ponte que talvez nunca fosse mais do que um molhe ou caes, faltando informações ou elementos para resolver a duvida n'um ou n'outro sentido. Aos meus olhos de leigo, incapaz de ler os monumentos como se fossem livros, afigura-se que jamais aqui existiu uma ponte de alvenaria, conveniente, sem duvida, mas perfeitamente dispensavel, dada a pequena largura que aqui tem o rio, uns escassos trinta e oito metros, sendo facilimo lançar por sobre ele uma tosca ponte de barcos, quando as circunstancias o tornassem preciso.

E' curioso!

Tenho a impressão, em Mertola, de me encontrar numa Bibliotheca desarrumada, um montão de livros e manuscriptos onde eu sei que ha do-

cumentos preciosissimos, pela maior parte mutilados, muitos de caracteres ineligiveis, e todos valendo como elementos de analyse e critica no estudo das origens, ainda a certos respeitos obscuras, da nacionalidade.

Uma Bibliotheca, Mertola ?...

Talvez mais propriamente um Cemiterio, rico de monumentos funerarios, eloquente na mudez dos seus caracteres paleograficos, erudito e didático na abundancia e variedade d'uma epigraphia capaz de encher um Museu.

A cada passo se topam, embutidos nas muralhas da Vila ou nas paredes de casas particulares, grandes bocados de marmore rico ou granito trabalhado, o sentimento d'uma utilidade imediata sobrepondo-se, algumas vezes, á froixa consciencia, rudimentarmente instructiva, d'uma profanação ou sacrilegio.

Sê ha Vila no Paiz que devesse ter, e desde ha muito, um Museu Regional, é Mertola. Sobretudo não tem desculpa que depois de 1876, posta a descoberto a riqueza arqueologica da Vila e seus arredores, os mertolenses não empenhassem os maximos esforços para a fundação d'esse Museu, rico desde o começo, porque n'ele se arrecadariam todas as preciosidades que o Guadiana, fazendo excavações por sua conta, como um sabio egyptologo, puzera a descoberto. Tenho por certo que o Museu incitaria á continuação dos trabalhos de Estacio da Veiga, o mais fecundo

dos arqueologos portuguezes, ilustre entre os mais ilustres na materia.

Quer o leitor saber que destino tiveram as peças que em 1877 Estacio da Veiga fez expedir de Mertola para Lisboa?

Umas foram roubadas, outras foram estupidamente danificadas, a ponto de se tornarem inuteis como documento.

Mais vale tarde do que nunca, e os mertolenses procederiam nobremente se fundassem um Museu Regional, e se empenhassem em que os trabalhos de Estacio da Veiga, bastante incompletos, proseguissem sob a direcção de pessoa competente.

Nasceu em Mertola S. Brissos que foi bispo d'Evora, e aqui sofreu os mais duros tratos, não sofrendo morte ignominiosa na forca por um acaso providencial. Por ser contumaz na sua fé, que evangelisava desassombradamente, um tal Marciano, que representava em Evora, a Liberalitas Julia, a auctoridade romana, sabendo que Brissos se encontrava em Mertola, transportou-se a esta cidade, improvisou um *forum*, um tribunal para o julgar, e como ele não renegasse as doutrinas que professava e de que fazia evangelisação, mandou que lhe partissem os dentes e lhe retalhassem as gengivas, devendo ser enforcado no dia seguinte, publicamente, n'uma das Praças da cidade. Ora sucedeu que pela noite adiante Mer-

tola foi sacudida por um tremor de terra, que fez uma unica victima — o famoso Marciano.

E aqui está como S. Brissos se livrou de pernear na forca vindo a morrer quatro anos mais tarde, mas de morte natural.

Falta-me o tempo para visitar a Igreja de Nossa Senhora da Anunciação de Entre Ambas as Aguas, que alguns dizem ser o enxerto d'um templo cristão n'uma mesquita arabe. E', pela descrição que d'ela fez Estacio da Veiga um monumento digno de ser visto, mas onde baldadamente se procuram vestigios d'uma construção arabe, servindo ao culto do Profeta.

Hei de tornar a Mertola, com mais vagar, liberto do inevitavel despotismo da maré, e então verei minuciosamente tudo quanto agora, pela escassez do tempo, tive de ver por alto.

Passados os vaus, o gazolina toma o freio nos dentes, e corre desesperadamente, como se quizesse bater um *record*.

Tudo n'este rio tem nome — a Rocha dos Grifos; a Livraria, rocha schistosa que sem esforço lembra uma grande estante de livros; a Rocha do Vigario, que é uma chapa de pedra cortada quasi a prumo. Uma pequena Ilha, em que a junça e os loendros tufam do meio das pedras, chama-se a Horta de El-Rei.

Até ao Pomarão chegam navios de duas mil toneladas; do Pomarão para cima, até Mertola,

destruidos os vaus, poderiam chegar navios de menor tonelagem, sem duvida, mas de suficiente capacidade de carga para bem servirem o vasto e rico concelho de que Mertola é a séde, e produz á roda de dezeseis mil moios de trigo e umas cinco mil arrobas de lã. Isto quer dizer que o concelho tem um comercio de exportação de consideravel volume, sobretudo no que diz respeito a cereaes, e muito maior este volume será quando a Serra, virgem de cultivo, fôr devidamente cultivada.

Pois bem.

Um concelho de tamanha vastidão e riqueza tão consideravel, pouco mais tem de cincoenta kilometros de estrada macadamisada, a estrada que liga Mertola a Beja. O Guadiana é uma estrada que não carece de reparação, não obriga a despezas de conservação, e apenas de longe em longe, como sucedeu em 1876, deixa, por breves dias, de ser transitavel. Pois o Estado ainda não dispoz de duas ou tres duzias de contos para destruir os vaus a que já nos referimos, e para que as areias não entupam a barra, em Vila Real, mantem ali a Mina de S. Domingos um serviço de dragagens.

Faz um calor de pleno verão. Ainda não vi um barquito atravessar o rio, como se este famoso Ana, em pleno seculo vinte, ainda separasse povos desavindos, fosse extrema de civilisações em guerra.

Não repetirei este passeio, a não ser que, estando outra vez em Monte Gordo, a veranear, me decida a subir o rio, até Mertola, organisando ali uma pequena caravana que me leve ao Pulo do Lôbo, que é o nosso Niagara em brinquedo de crianças.

Refrescou um tudo nada, mas sinto a boca sêca, tão sêca que me dá vontade de pedir uma talhada a dois rapazes que, estendidos na pôpa do barco, de navalha em punho, se banqueteiam com uma melancia vermelha, muito vermelha, de pevide miuda, o coração fazendo lembrar, áparte a forma, um sorvete de morangos.

Atracamos.

Vão saindo dois grandes barcos carvoeiros; um navio italiano, surto nas aguas portuguezas, recolhe a amarra, para se fazer ao mar, e aproxima-se da ilha Canela, úm Galeão pirata, muito provavelmente carregado de peixe que pescou nas nossas aguas.

Toca para Monte Gordo, metidos n'uma carrinha que talvez aqui deixassem, por esquecimento, os fenícios de Tyro, quando por estes sitios andaram, muito antes dos romanos, acabando por seguir rio acima, á procura d'um bom logar para se estabelecerem, e encontrando-o nos penhascos onde alcandoraram Mertola, n'uma altitude de setenta metros, distante do Oceano pouco mais de trinta kilometros.

*

Terra de lendas poeticas e de amendoeiras floridas, o Algarve é um dos mais lindos canteiros d'este jardim da Europa á beira-mar plantado, na frase por demais banalisada do poeta Thomaz Ribeiro.

O falar dos algarvios, d'uma exuberancia palreira, que se tornou proverbial, é uma cantoria que lembra a dos açoreanos, d'acentos mais breves, de sylabas menos prolongadas, mais agradavel ao ouvido, mais harmoniosa.

De noite, quebrando a paz tumular dos seus castelos desmantelados, ouve-se o ruido das festas mussulmanas, em plena dominação dos arabes, e sentem-se os perfumes raros, trazidos do oriente, envolvendo sultanas e odaliscas em ondas da mais requintada sensualidade.

Se não fosse alemtejano, desejava ser algarvio; mas consola-me o facto de ter nascido perto d'aqui, a curta distancia da convencional fronteira entre as duas Provincias, porque o Algarve, para nós, homens do Alemtejo, é uma varanda corrida, ornada das mais lindas flores, em que a gente se debruça para ver o mar.

Setembro de 1923.

INDICE